RESIDENT EVIL™

VOLUME III

CIDADE DOS MORTOS



S.D.PERRY

BASED ON THE BESTSELLING VIDEOGAME FROM CAPCOM

S.D. PERRY

Resident Evil

Livro 3

Cidade Dos Mortos

Tradução de Raphael L. Vicente e Monique “Valentine”
Formatação ePub de LeYtor

Pocket Books
1999

Resident Evil – City Of The Dead

Autora: Stephani Danele Perry.
Editora: Pocket Books (U.S.A.)

Tradução/Resumo: Raphael Lima Vicente [F.Y.F.R.E. Team] e participação de Monique “Valentine”.
Tradução começada em: 26 de Março de 2001.
Tradução terminada em: 26 de Maio de 2002.

Resident Evil TM & © 1999
Capcom Co., Ltd
© 1999 Capcom U.S.A., Inc.

Prólogo

Raccoon Times – 26 de Agosto de 1998

Plano “manter a cidade segura”

RACCOON CITY – Na frente da prefeitura, o Prefeito Harris anunciou ontem à tarde, em uma coletiva, que o conselho da cidade estará contratando pelo menos dez novos policiais para se juntar à polícia de Raccoon, por causa dos assassinatos brutais que atormentaram Raccoon no começo deste verão e devido a suspensão do S.T.A.R.S.. Junto com o Chefe Irons e todo os membros do conselho de Raccoon, Harris assegurou os cidadão e repórteres que a cidade será mais uma vez uma comunidade segura na qual se vive e trabalha, e que a investigação dos onze assassinatos "canibais" e dos três ataques animais fatais estão longe da solução.

“Só porque ninguém foi atacado no mês passado significa que os oficiais eleitos desta cidade podem relaxar” declarou Harris. “As boas pessoas de Raccoon merecem ter confiança em sua força policial e estarem seguras de que seus representantes políticos estão fazendo de tudo para dar segurança aos cidadãos. Como muitos de vocês sabem, a suspensão do S.T.A.R.S. será provavelmente permanente. Aquela unidade de investigação de assassinatos e sua subseqüente desaparição de Raccoon City sugere que eles não se importam com essa comunidade – mas eu quero assegurar vocês que nós nos importamos, e que eu, o Chefe Irons e os homens e mulheres que vocês vêem aqui, não queremos mais nada senão fazer de Raccoon um lugar a qual nossas crianças possam crescer sem medo”.

Harris continuou a detalhar um plano de três pontos feito para reforçar a confiança e manter os cidadãos de Raccoon longe da violência.

Além de contratar de dez a doze policiais, o horário de recolher permanecerá ao menos até Setembro, e o Chefe Irons irá pessoalmente comandar uma força tarefa de alguns oficiais e detetives para continuar a busca dos assassinos que tiraram as vidas de onze pessoas entre Maio e Julho deste ano…

Cityside – 4 de Setembro de 1998

Renovação do complexo da Umbrella

RACCOON CITY – A instalação química da Umbrella no sul do centro da cidade começará a ser reformada na próxima Segunda-feira. Esta será a terceira renovação estrutural semelhante a do ano passado para a companhia. De acordo com a porta-voz da Umbrella, Amanda Whitney, dois dos laboratórios dentro da

instalação principal serão adaptados com novos equipamentos projetados para síntese de vacinas e receberá um moderno sistema de segurança. Em adição, todos os escritórios conectados terão seus computadores atualizados na próxima semana.

Mas será isso um problema para o trânsito do centro da cidade? Whitney diz, “com o prédio do R.P.D. ainda terminando uma de suas reformas, os passantes locais já estão ficando cansados de ruas bloqueadas. Nós estamos fazendo de tudo para não interferir no trânsito; a maior parte da construção será interna e o resto será feito depois das horas de trabalho”. O pátio do R.P.D., nossos leitores devem se lembrar, foi repavimentado e ajardinado depois que algumas rachaduras misteriosas apareceram no cimento; o tráfego teve que ser desviado por dois quarteirões na Rua Oak durante seis dias.

Ao perguntarmos porque tantos "reparos" ultimamente, Whitney respondeu, "a Umbrella tem estado na frente da competição há tanto tempo quanto continua com a atual tecnologia. Estes serão meses de trabalho, mas eu acho que valerá o esforço...”.

Raccoon Weekly Editorial – 17 de Setembro de 1998

Irons vai se candidatar?

RACCOON CITY – O Prefeito Harris pode estar numa difícil corrida na próxima primavera. Notícias de dentro do R.P.D. estão dizendo que Irons, Chefe da Polícia pelos últimos quatro anos e meio; pode estar concorrendo para chegar ao topo do ministério na próxima eleição, contra o popular, e sem oposição Devlin Harris, já no poder por três períodos consecutivos. Embora Irons não tenha confirmado os fatos, o ex-membro do S.T.A.R.S. recusou a negação do rumor.

Com sua popularidade bem alta desde o encerramento do caso dos assassinatos neste verão (ainda não resolvido) e da expansão planejada do RPD, Irons pode ser o homem que tirará Harris da Prefeitura; a questão é, serão os eleitores capazes de esquecer o suposto envolvimento de Irons nos fundos de campanha ilegais em Cider District? Ou seus caros gostos em arte e design interior, o qual tornaram o RPD em algo mais parecido com um museu?...

Raccoon Times – 22 de setembro de 1998

Adolescente atacada no parque

RACCOON CITY – Há aproximadamente 18:30h da noite passada, Shanna Wiliamson de quatorze anos foi surpreendida por um estranho no parque da Rua

Birch no centro da cidade, quando voltava do treino para casa.

O homem veio de trás de uma cerca no parque e a derrubou de sua bicicleta antes de tentar agarrá-la. A jovem conseguiu sair de lá com alguns arranhões, e correu para a residência de Tom e Clara Atkin; Clara chamou as autoridades, que conduziram uma busca no parque, mas não acharam nenhum sinal do agressor.

De acordo com a garota (através de um depoimento hoje de manhã), o homem pareceu ser um pedestre: suas roupas e cabelos estavam sujos, e cheirava mal, "um cheiro de fruta podre". Ela disse que ele parecia bêbado, vacilando e caindo depois dela.

Com a onda de assassinatos de Maio para Julho ainda não resolvidos, o RPD está levando este fato seriamente: o agressor mostrou uma evidente semelhança com os membros da "gangue" do Victory Park em Junho deste ano.

Harris convocou uma coletiva para hoje, e Irons já declarou que o primeiro dos novos policiais chega na próxima semana, e que viaturas patrulharão os parques do centro da cidade...

Capítulo 1

Com o pessoal esperando no carro de Barry lá fora, Jill fez o possível para se apressar. Não era fácil, a casa tinha sido revirada desde a última vez que esteve lá. Livros e papéis espalhados pelo chão, e estava muito escuro para andar facilmente. O fato de sua casa ter sido violada era preocupante, mas já era de se esperar. Ela devia estar agradecida por não ser do tipo sentimental – e pelos intrusos não terem achado seu passaporte.

Na escuridão de seu quarto, Jill pegou meias limpas e calcinhas e as colocou em sua mochila, desejando poder acender as luzes. Fazer as malas no escuro era mais difícil do que se imaginava, mais ainda com a casa bagunçada; mas eles não podiam se arriscar. Era improvável que suas casas estavam sendo vigiadas, mas se alguém estiver olhando, uma luz poderia abrir fogo.

Pelo menos você vai embora. Chega de se esconder.

Eles estavam indo para território estrangeiro, invadir o quartel inimigo e provavelmente serem mortos no processo, mas pelo menos ela não ficará mais em Raccoon. Pelo que ela leu nos jornais ultimamente, era a melhor escolha. Dois ataques na semana passada... Chris e Barry estavam cientes do perigo, mesmo sabendo o que o T-virus fazia com as pessoas – Barry pensou que isso era algum tipo de truque, que a Umbrella "salvaria"

Raccoon antes de alguém se machucar. Chris concordou, mas Jill não estava preparada para assumir nada; a Umbrella já mostrou que não consegue conter suas experiências. E com o que Rebecca, David e sua equipe enfretaram em Maine*(Nota 1)*...

Agora não é hora para pensar nisso – eles tinham um avião para pegar. Jill pegou a lanterna da penteadeira e estava indo para a sala quando lembrou que só tinha um sutiã consigo. De cara feia, ela virou para a gaveta aberta e começou a procurar. Ela já tinha roupas o bastante, escolhidas do que Brad deixou para trás quando fugiu de Raccoon; ela e os outros ficaram na casa dele por várias semanas, desde que a Umbrella atacou a casa de Barry. Nenhuma roupa de Brad serviu em Chris nem em Barry. Lingerie não era algo que o piloto do S.T.A.R.S. tinha guardado. Ela não queria parar o avião para comprar roupas íntimas.

Colocando-os na mochila, Jill voltou para a pequena sala da casa. Tinha uma foto de seu pai em uma das estantes que ela queria pegar. Era a segunda vez que foi lá desde que começaram a se esconder. Ela sente que não voltará tão cedo.

Andando agilmente pelo escuro, ela ergueu a lanterna e a apontou para o canto onde a estante estava. A Umbrella bagunçou tudo. Só Deus sabe o que eles estavam procurando. Pistas do nosso esconderijo, provavelmente; depois do ataque na casa de Barry e a desastrosa missão à Caliban Cove, ela não acha que a Umbrella ignoraria essas informações.

Jill iluminou o livro que queria, o título era Prison Life; seu pai teria rido. Ela pegou o livro e começou a folheá-lo, parando quando a luz caiu sobre o sorriso de Dick Valentine. Ele tinha mandado a foto junto com sua última carta.

Ela tinha posto no livro para não perdê-la. Esconder coisas importantes era um hábito que adquiriu quando jovem.

Ela soltou o livro, a pressa foi embora de repente, ao olhar para a foto. Um leve sorriso surgiu em seu rosto. Ele era o único homem que ficava bem no uniforme laranja da prisão.

Jill pensou no que ele acharia da situação atual; ele foi o responsável pelo envolvimento dela com o S.T.A.R.S..

Depois de preso, ele a encorajou a abandonar essa vida, dizendo que foi um erro treiná-la como uma ladra...

... aí eu peguei um trabalho legítimo, trabalhando para a sociedade ao invés de contra ela – aí as pessoas em Raccoon começaram a morrer. O S.T.A.R.S. descobriu uma conspiração para criar armas biológicas com um vírus que torna coisas vivas em mortas. Obviamente ninguém acreditou em nós. Os S.T.A.R.S. que não podem ser comprados pela Umbrella, perdem a credibilidade ou são eliminados. Agora nós iremos para uma missão suicida na Europa, tentar invadir o quartel general de uma corporação multibilionária e impedi-los de destruir esse maldito planeta. O que você acharia? Sendo que você nunca acreditou nessa história, o que você acha?

"Você se orgulharia de mim, Dick". Ela suspirou, incerta se seria verdade. Seu pai queria vê-la em uma linha de trabalho menos perigosa, e comparado ao que ela e os outros iriam fazer...

Depois de um longo momento, ela colocou a foto cuidadosamente no bolso e olhou para sua casa bagunçada, ainda pensando na opinião de seu pai sobre tudo isso; se tudo correr bem, talvez ela possa perguntar pessoalmente. Rebecca e os outros sobreviventes de Maine ainda estavam escondidos, investigando a organização S.T.A.R.S. e esperando notícias sobre o quartel general da Umbrella. O quartel oficial fica na Europa, mas eles suspeitavam de que os cabeças por trás do T-virus tinham um complexo secreto em outro lugar – *a qual você não achará se*

ficar aí parada; o pessoal achará que você parou para tirar um cochilo.

Jill colocou a mochila e olhou em volta pela última vez antes de voltar para a porta dos fundos, na cozinha. Havia um leve cheiro de fruta estragada no ar, vindo de uma tigela de maçãs e pêras em cima da geladeira. Apesar de conhecer bem o cheiro, ela sentiu um calafrio em sua espinha. Ela foi para a porta fechada, tentando bloquear as súbitas memórias do que eles acharam na mansão de Spencer...

"Jill?".

A porta abriu, a silhueta de Chris na escuridão pela distante luz da rua.

"Bem aqui". Ela disse, andando. "Desculpe pela demora. A Umbrella veio aqui com um trator".

Mesmo com pouca luz, ela pode ver um meio sorriso no rosto dele. "Nós estávamos achando que um zumbi tinha pego você". Ele disse claramente, mas ela sentiu a preocupação.

Muitas pessoas morreram por causa do que a Umbrella fez na floresta fora da cidade. Se o acidente tivesse ocorrido mais perto de Raccoon...

"Não teve graça". Ela disse suavemente.

O sorriso de Chris sumiu. "Eu sei. Está pronta?".

Jill acenou, apesar de não se sentir preparada pelo que virá a seguir, tampouco pelo que estão deixando para trás. Em algumas semanas, seu conceito de realidade transformou pesadelos em rotina.

Corporações malvadas. Cientistas loucos, vírus assassinos. E os mortos-vivos...

"Estou". Ela disse finalmente. "Estou pronta".

Juntos, eles saíram. Assim que ela fechou a porta, sentiu um súbito ar de incerteza – de que ela nunca mais colocaria os pés em casa novamente, de que os três nunca mais voltariam para Raccoon City...

... mas não acontecerá nada com a gente. Algo acontecerá, mas não conosco.

Franzindo, mão na fechadura, ela tentou dar sentido ao pensamento. Se eles sobreviverem a essa missão, se eles tiverem sucesso contra a Umbrella, por que não voltariam para casa? Ela não sabia, mas o sentimento era desconfortavelmente forte. Algo ruim iria acontecer, algo -

"Ei, você está bem?".

Jill olhou para Chris, viu a mesma preocupação em seu rosto. Eles se

aproximaram bastante nas últimas semanas, apesar de achar que Chris queira se aproximar mais ainda.

E você não quer?

Jill se balançou mentalmente e acenou para Chris, deixando os sentimentos irem. O vôo para Nova Iorque não irá esperar por ela.

Ainda aquele sentimento...

"Vamos sair daqui". Ela disse.

Eles andaram pela noite, deixando a escura casa para trás, tão quieta e sozinha quanto um túmulo.

Capítulo 2

29 de Setembro de 1998

O resto da luz do dia já estava atrás das montanhas, pintando o horizonte com o violeta do pôr do sol. As montanhas corriam pela escuridão do céu sem nuvens, se esticando para alcançar o fraco brilho das estrelas.

Leon poderia ter apreciado mais a paisagem se não estivesse tão atrasado. Ele vai chegar a tempo, claro, mas antes pretendia chegar em seu novo apartamento, tomar um banho, comer algo; mas do jeito que está, ele só tem tempo para passar numa lanchonete a caminho da delegacia. Colocar seu uniforme na última parada lhe deu alguns minutos, mas basicamente ele estava apertado.

Isso aí, Oficial Kennedy. Primeiro dia de trabalho e você estará tirando sanduíche dos dentes durante as chamadas. Muito profissional.

Seu turno começava às nove e já era mais de oito. Leon pisou um pouco mais forte no acelerador ao passar por uma placa que dizia restar meia hora para chegar em Raccoon City. Pelo menos a estrada estava livre. Ele não viu ninguém em horas, exceto pelo apressadinho no sentido oposto.

Uma boa mudança considerando o trânsito depois de Nova Iorque, a qual lhe custou toda tarde. Ele tentou deixar um recado para o sargento na noite passada, mas só ouviu o sinal de ocupado.

Os poucos móveis que tinha, já estavam no apartamento num bom bairro de Raccoon. Havia um parque à duas quadras de lá, e só cinco minutos de carro até a delegacia. Chega de engarrafamentos, bairros violentos e ações brutais. Ele procurava viver numa comunidade pacífica.

... bom, exceto pelos últimos meses. Aqueles assassinatos...

O que aconteceu em Raccoon foi horrível, doentio – mas os agressores nunca foram pegos e a investigação só estava começando. Se Irons gostar dele como gostaram na academia, talvez Leon possa trabalhar nesse caso.

Mesmo Chefe Irons sendo uma praga, ele ficará um pouco impressionado. Leon se formou entre os dez melhores e não era um estranho em Raccoon. Ele costumava passar os verões lá quando criança, quando seus avós ainda eram vivos. O R.P.D. era uma biblioteca e a Umbrella estava a vários anos de distância de transforma Raccoon numa verdadeira cidade. Mesmo assim, ainda é o mesmo calmo lugar de sua infância. Quando os assassinos forem presos, Raccoon City será ideal de novo –

bonita, limpa, uma comunidade escondida nas montanhas como um paraíso secreto.

Aí eu me estabeleço lá. Uma ou duas semanas se passam e Irons percebe o quanto bem os meus relatórios estão sendo escritos, ou vê o quanto bom eu sou atirando no alvo. Ele me chama para ver os documentos do caso – e eu vejo algo que ninguém mais viu. Ninguém mais percebeu por que eles viveram muito com isso, e esse policial novato vem e resolve o caso, nem um mês fora da academia e eu – "Jesus!". Algo correu em frente ao seu Jeep.

Leon pisou no freio e desviou, tirado de seu sonho enquanto recuperava o controle do carro. Os freios travaram e os pneus derraparam no asfalto. O Jeep parou de frente para as escuras árvores que cercavam a estrada – desligando depois de uma última sacudida.

De coração acelerado, Leon abaixou o vidro e levantou o pescoço, varrendo as sombras pelo animal que tinha cruzado a pista. Ele não o atropelou, mas foi por pouco. Algum tipo de cachorro, ele não viu direito – um dos grandes, talvez um Doberman, mas de alguma forma parecia errado. Leon só o viu por uma fração de segundo, um brilho de olhos vermelhos e o corpo inclinado de um lobo. E tinha algo mais, parecia algum tipo de...

... lodo? Não, truque de luz, ou você só estava se borrando de medo e acabou vendo errado. Você está bem e não o atropelou, isso é o que importa.

"Jesus". Ele disse de novo, mais suave, sentindo-se aliviado e bravo enquanto a adrenalina saia de seu sistema.

Pessoas que deixam seus cães soltos são idiotas – depois agem surpresos quando o Totó é pego por um carro.

O Jeep parou a alguns metros de uma placa que dizia RACCOON CITY 10; ele só conseguia ver as letras no escuro. Leon olhou no relógio; ele ainda tinha meia hora para chegar na delegacia, pouco tempo – mas por algum motivo, ele simplesmente parou por um momento, fechando os olhos e respirando profundamente.

Uma brisa fresca passou pelo seu rosto; o deserto trecho de estrada parecendo sobrenaturalmente quieto.

Os assassinatos em Raccoon. Algumas pessoas foram mortas por animais, não foram? Cães selvagens? Talvez aquele não tenha dono.

Um perturbante pensamento – mais ainda quando sentiu que o cachorro ainda estava por perto, o escondido nas árvores.

Bem vindo a Raccoon City, Oficial Kennedy. Cuidado com as coisa que o

observam...

"Não seja idiota". Leon disse para si mesmo, imaginado se algum dia se livrará de sua imaginação.

Sonhando em pegar caras maus, depois inventar monstros assassinos vagando pela floresta – vamos agir de acordo com nossas idades, né, Leon? Você é um policial, pelo amor de Deus, um adulto...

Ele ligou o motor e voltou para a estrada. Ele tinha um emprego novo, um bom apartamento numa boa cidade; ele era competente, consciente, e de boa aparência; usando sua criatividade, tudo ficará bem.

"E já estou a caminho". Ele disse, forçando um sorriso para se acalmar. Ele estava a caminho de Raccoon City, para uma nova vida – não tinha nada com o que se preocupar...

Claire estava exausta, psicológica e emocionalmente, e o fato de seu traseiro estar doendo pelas últimas horas, não estava ajudando. O motor de sua Harley parecia entrar em seus ossos, e mais, estava escurecendo. E por idiotice, ela não estava usando suas roupas de couro; Chris não aprovaria.

Ele vai gritar comigo, e eu nem vou ligar. Deus, Chris, por favor, esteja lá para isso...

O barulho da moto ecoou pelos barrancos inclinados. Ela fez as curvas cuidadosamente, bem consciente do quanto desertas as estradas estavam; se ela cair, levará um bom tempo até alguém aparecer.

Como se importasse. Sem seu equipamento, eles recolheriam seus pedaços com um rodo.

Era burrice, ela sabia que era burrice – mas algo aconteceu com Chris. Droga, algo deve ter acontecido com a cidade toda. Pelas últimas semanas, a suspeita aumentou – e as ligações que tinha feito aquela manhã a tiraram do lugar.

Ninguém em casa. Ninguém em lugar nenhum. Como se a cidade tivesse se mudado.

Ela não se importava com Raccoon, mas sim com seu irmão que estava lá, e se algo de ruim aconteceu com ele – Ela não podia, não pensaria desse jeito. Chris era tudo o que lhe restava. Seu pai morreu em seu emprego na construção quando ainda eram crianças. Quando sua mãe morreu num acidente de carro três anos atrás, Chris fez o melhor para substituir os pais. Mesmo sendo poucos anos mais velho, ele a ajudou a escolher uma faculdade – ele até a mandava dinheiro todo mês. Além

disso, ele ligava para ela toda semana.

Mas essas ligações pararam no último mês e meio, e as dela não foram retornadas. Ela tentou se convencer de que era besteira se preocupar – talvez ele finalmente achou uma namorada, ou algum problema com o S.T.A.R.S.

Mas depois de três cartas não correspondidas e dias esperando o telefone tocar, ela finalmente decidiu ligar para o R.P.D. naquela tarde, esperando que alguém pudesse dizer o havia acontecido. Ela só ouviu o sinal de ocupado.

Sentada em seu quarto, ouvindo aquele som, ela começou a se preocupar mesmo. Ela procurou em sua agenda com mãos trêmulas, discando os poucos números dos amigos dele, pessoas ou lugares que mandou ligar em caso de emergência – Barry Burton, Emmy's Diner, um policial que ela nunca conheceu chamado David Ford. Ela até tentou o telefone de Bil Rabbitson, apesar de Chris ter dito que ele desapareceu alguns meses atrás. Só deu ocupado.

A preocupação se transformou em algo perto de pânico. A viagem para Raccoon City levava seis horas e meia da universidade. Sua amiga de quarto pegou seu equipamento de moto emprestado para sair com o namorado, mas Claire tinha outro capacete – e com aquele pânico passando pelos seus pensamentos assustados, ela simplesmente pegou o capacete e saiu.

Burrice, talvez. Impulsiva, certamente. E se Chris estiver bem, nós poderemos rir sobre o quanto ridícula essa paranóia foi. Mas enquanto eu não souber o que está acontecendo, não terei um momento de paz.

O resto da luz do dia estava sumindo no céu sem nuvens, mas a brilhante lua cheia e o farol da moto eram suficientes para enxergar – para ver a pequena placa adiante: RACCOON CITY 10.

Dizendo a si mesma que Chris estava bem, que algo de estranho aconteceu em Raccoon, alguém já teria verificado. Claire passou a se concentrar na estrada. Daqui a pouco estará escuro, mas ela chegará em Raccoon antes de ficar perigoso para dirigir.

Estando Raccoon City bem ou não, ela descobrirá em breve.

Capítulo 3

Leon alcançou os limites da cidade com vinte minutos restando, e decidiu que um jantar quente irá esperar. De sua última visita à delegacia, ele sabia que haviam algumas máquinas de venda onde podia comprar algo. O pensamento de ter doces e amendoins em seu estômago não caía bem, mas foi culpa dele por não te se livrado do trânsito de Nova Iorque a tempo.

Ele passou por algumas fazendas que ficavam a leste da cidade, antes de ver a parada de caminhões que separava a zona rural da urbana.

Assim que virou na ByBee, indo para uma das ruas norte-sul principais que o levariam para o R.P.D., ele conseguiu a primeira dica de que algo estava errado. Nos primeiros quarteirões, ele se surpreendeu. No quinto ele se sentiu um estranho no deserto. Não era estranho, era impossível.

ByBee era a primeira rua real da cidade, vinda do leste. Havia vários bares e restaurantes baratos, tal como um cinema que nunca deve ter mostrado nada além de filmes de terror e comédias sensuais – e mesmo assim era o mais popular lugar da juventude de Raccoon. Havia algumas tavernas que serviam cervejas e bebidas quentes para os universitários. Às oito e quarenta e cinco da noite, ByBee deveria estar cheia de vida.

Exceto por algumas lojas e restaurantes, Leon viu que quase toda a rua estava escura – e mesmo as que tinham luz não mostravam presença humana. Haviam carros parados na rua, e ainda nenhuma pessoa. ByBee, o ponto de encontro de adolescentes e estudantes, estava totalmente deserta.

Onde está todo mundo?

Ele continuou dirigindo, procurando respostas – e tentando aliviar a suave ansiedade que sentia. Talvez há algum tipo de evento acontecendo, uma missa ou uma festa da macarronada. Ou Raccoon decidiu antecipar a Oktoberfest para hoje à noite.

Tá, mas todos ao mesmo tempo?

Leon percebeu que não tinha visto um carro se quer desde o cachorro há dezesseis quilômetros. Nem um. Sendo assim, um pensamento menos dramático lhe ocorreu.

Algo não cheirava bem. De fato, algo cheirava como podre.

Ele diminuiu a velocidade para virar na Powel, uma quadra à frente – mas o cheiro e a ausência de vida estavam lhe dando uma ruim sensação. Talvez ele deva parar e verificar, procurar algum sinal de – Leon sorriu aliviado. Havia duas pessoas de pé na esquina, bem à frente; a luz estava apagada perto deles, mas ele pode ver suas sombras claramente – um casal, uma mulher de saia e um homem alto usando botas. Indo a sul na Powel, chegando mais perto deles, Leon pode ver como andavam, pareciam bêbados. Ambos estavam na sombra de uma loja de escritório e fora de visão; mas Leon estava naquela direção – não custava parar e perguntar?

Devem ter saído do O'Kely's. Um copo ou dois, mas não estando dirigindo, ótimo. Eu me sentirei um idiota quando eles me dizerem que hoje é o grande concerto gratuito ou o dia da churrascada.

Aliviado, Leon virou a esquina e olhou para as sombras, procurando pelo par. Ele não os viu, mas tinha um beco entre a loja e a joalheria. Talvez eles tenham parado para ir ao banheiro ou fazer outra coisa mais ilegal – "Merda!".

Leon pisou no freio assim que meia dúzia de escuras figuras voaram do chão, pegas pelos faróis do Jeep.

Assustado, levou alguns segundos para perceber que tinha visto pássaros; eles não berraram, apesar de ter estado perto o bastante para ouvir o bater de asas.

Oh, meu Deus.

Havia um corpo humano no meio da rua, a seis metros do carro. Debruçada, mas parecia uma mulher – e julgando pelo líquido vermelho que cobria boa parte da blusa branca, não era uma estudante bêbada que decidiu dormir no lugar errado.

Atropelamento. Algum imbecil a acertou e fugiu.

Leon desligou o motor e abriu a porta. Ele hesitou, um pé no asfalto, o cheiro de morte intenso no ar. Sua mente trouxe uma idéia que não queria considerar, mas deveria; isso não é um treinamento, é a sua vida.

E se não foi um atropelamento? E se o fato de não haver pessoas por perto é por causa de um maluco armado que decidiu praticar tiro ao alvo? Talvez todos estão em casa, abaixados – o R.P.D. pode estar a caminho e aqueles dois bêbados podiam estar feridos e procurando ajuda...

Ele se esticou no Jeep e procurou seu presente de formatura debaixo do banco do passageiro, uma H&K VP70 com dezoito balas.

Apontando ela para o chão, Leon saiu do carro e deu uma olhada em volta. Ele não conhecia muito bem a noite de Raccoon, mas sabia que não deveria estar tão escuro. Várias luminárias da rua estavam apagadas; se não fossem os faróis do

carro, ele não teria visto o corpo.

Ele se aproximou, sentindo-se desprotegido sem o carro, mas ciente de que ela podia estar viva. Era impossível, mas ele tinha que ver.

Alguns passos mais próximo e viu que era um a jovem mulher. O cabelo ruivo e liso cobria o rosto. A maioria dos ferimentos estavam escondidos pela blusa ensangüentada. Parecia haver alguns deles – rasgos na roupa expunham claros e cortados pedaços de carne e os músculos vermelhos abaixo.

Exalando forte, Leon colocou a arma na mão esquerda e se agachou, tocando a fria pele do pescoço dela. Alguns segundos passaram, segundos que lhe causaram medo, tentando se lembrar do procedimento de ressuscitarão, esperando sentir o pulso.

Cinco compressões, dois e curtos sopros, cotovelo parados e, por favor, não esteja morta – Ele não sentiu o pulso e não queria esperar. Guardando a arma, ele agarrou os ombros para vira-la – mas quando começou a erguê-la, sua blusa saiu da calça, mostrando algo que o fez soltá-la. Sua coluna e parte das costelas estavam expostas. As vértebras brancas brilhando entre a carne vermelha. Parece que ela foi mastigada. Coisa que Leon não quis acreditar.

Os corvos não fizeram isso, teria levado horas, e quem disse que corvos se reúnem à noite para comer? E aquele cheiro, não está vindo dela, ela morreu recentemente, e – Canibais. Assassinos.

Não. Nem pensar. Para uma pessoas ser morta e devorada no meio da rua sem ninguém para impedir – e com tempo suficiente para comedores de mortos virem – os assassinos devem ter matado toda a população.

Parece certo? Então que cheiro é esse? E onde estão todos?

Atrás de Leon, houve um baixo e suave gemido. Depois, passos.

Levou um segundo para Leon se levantar, virar e empunhar a arma. Era o casal, os bêbados, vindo em sua direção, junto com um terceiro, um cara musculoso com – com sangue por toda a camisa. E nas mãos. E pendurado em sua boca, algo vermelho e mole. O outro homem com as botas e suspensórios, parecia igual.

O trio se aproximava, passando do Jeep, erguendo as mãos e gemendo. Leon estava impressionado com a descoberta de que o cheiro vinha deles – e apareceu outro, saindo da porta do outro lado da rua, uma mulher de camiseta e cabelo amarrado para trás.

Outro gemido atrás dele. Leon olhou sobre o ombro e viu um jovem de cabelos escuros e braços podres sair das sombras da calçada.

Leon apontou a arma para o que estava mais perto, o de suspensórios, enquanto seus instintos gritavam para fugir. Ele estava aterrorizado, mas sua lógica insistia que havia uma explicação para o que via, que não estava vendo um morto-vivo.

"Certo! Já chega! Não se mexam!".

Sua voz foi forte e autoritária. Ele vestia seu uniforme, e Deus, por que eles não param? O de suspensórios gemeu de novo, cego para a arma apontada para seu peito, e ainda seguido pelos outros, agora a menos de três metros de distância.

"Não se mexa!". Leon disse de novo, e o som de seu próprio pânico o fez recuar um passo, olhando para os lados e vendo mais dois saindo das sombras.

Algo agarrou seu calcanhar.

"Não!". Ele gritou, virando a arma – e viu que a atropelada estava segurando sua bota com uma mão ensangüentada, tentando mover seu corpo.

O gemido dela se juntou ao dos outros enquanto tentava morder seu pé, vermelhos fios de saliva escorrendo pelo queixo, caindo no couro.

Leon atirou nas costas dela. Pela distância deve ter acertado seu coração. Tremendo, ela voltou para o chão.– e ele virou e viu os outros a menos de um metro e meio, e atirou mais duas vezes, os tiros abrindo buracos no peito do mais próximo.

O de suspensórios não se intimidou com os tiros em seu peito, seu equilíbrio se abalando por apenas um segundo.

Ele abriu a boca e soltou um grito de fome, mãos erguidas de novo na direção de seu alívio.

Recuando, Leon atirou de novo. E de novo. E de novo. Mais tiros e eles continuaram vindo. Era como um sonho ruim, um filme ruim, não era real – e Leon sabia que se não começasse a acreditar, acabará morrendo. Comido por esses – *Vá em frente. Diga. Esses zumbis*.

Longe do carro, Leon correu, ainda atirando.

Capítulo 4

Que vida noturna; esse lugar está morto.

Claire não viu tantas pessoas como deveria desde que chegou em Raccoon, só algumas, só algumas vagando por aí. O lugar parecia totalmente deserto; o capacete bloqueava muito a visão, mas definitivamente os negócios não iam bem naquela parte da cidade. Tal como o trânsito.

Ela planejou ir direto ao apartamento de Chris, mas se lembrou de que passaria em frente ao Emmy's. Chris não sabia cozinhar nada; sendo assim, ele vivia de cereais, sanduíches frios e jantares no Emmy's seis vezes por semana; mesmo não estando lá, vale a pena parar e perguntar se alguma garçonete o viu.

Assim que Claire parou em frente ao Emmy's, viu ratos procurando abrigo numa lata de lixo na calçada. Ela abaixou o apoio e desceu da moto, tirando o capacete e o colocando no assento. Balançando seu rabo de cavalo, ela franziu o nariz de nojo; pelo cheiro, o lixo estava lá por um bom tempo. Independente do que jogavam fora, aquilo tinha um cheiro tóxico.

Antes de entrar, ela esfregou seus braços e pernas tanto para aquecê-los, quanto para limpá-los da sujeira da estrada.

Através do vidro da frente do restaurante era possível ver o confortável de bem iluminado interior.

Das banquetas vermelhas do balcão que cercava o canto esquerdo ao fundo – não tinha uma alma à vista. Claire franziu, desapontada. Tendo visitado Chris regularmente nos últimos anos, ela esteve lá todas as horas do dia e da noite; os dois eram corujas, decidindo comer sanduíches às três da manhã – o que significa Emmy's. E sempre tinha alguém lá, conversando com uma das garçonetes de avental vermelho ou curvado sobre uma xícara de café e um jornal, não importava que horas fossem.

Então onde eles estão? Nem são nove horas...

A placa dizia Aberto, e ela não ficou parada na rua, esperando. Uma última olhada na moto e ela entrou.

Respirando fundo ela disse esperançosa.

"Olá? Tem alguém aqui?".

Sua voz correu pelo silêncio do restaurante vazio. Exceto pela suavidade dos

ventiladores de teto, não havia outro som. Tinha um familiar cheiro de gordura no ar e algo mais – um cheiro amargo e ainda fraco de flores podres.

O lugar era em L, se esticando para frente dela e para a esquerda. Andando devagar, Claire seguiu em frente.

Atrás do balcão ficava o caminho da cozinha. Se o restaurante estava aberto, os funcionários deviam estar lá, talvez surpresos com a falta de clientes – *mas isso não explica a bagunça, né?*

Não estava tão bagunçado. A desordem nem foi percebida do lado de fora. Menus no chão, um copo d'água virado no balcão, e talheres eram os únicos objetos fora de ordem – mas era demais.

Que se dane a cozinha, isso é muito estranho, algo está errado nessa cidade – talvez eles foram assaltados ou preparando uma festa surpresa. Quem se importa?

Do espaço escondido no final do balcão, ela ouviu um movimento, um deslizante sor de roupas seguido por um ronco. Alguém está lá, agachado.

De coração batendo forte, Claire chamou de novo. "Olá?".

E nada. – outro gemido, um som que arrepiou os pêlos do seu pescoço.

Apesar do medo, Claire foi até lá. Talvez houve um assalto, os clientes podem estar amarrados – ou pior, tão machucados que não conseguiam gritar. De qualquer modo, ela estava envolvida.

Claire chegou no fim do balcão, olhou para a esquerda – e gelou, de olhos arregalados, sentindo-se psicologicamente estapeada. Perto de uma prateleira com bandejas estava um calvo homem de avental branco, de costas para ela. Ele estava agachado sobre o corpo de uma garçonete; mas tinha algo muito errado sobre ela, tão errado que Claire não conseguiu aceitar tão cedo. Seu olhar chocado passou pelo uniforme vermelho, sapatos, até pelo crachá de plástico no peito dela, "Julia" ou "Julie".

... a cabeça. A cabeça dela não estava lá.

Percebendo o que estava errado, Claire não conseguiu desacreditar por mais que queira. Só tinha uma poça de sangue no lugar da cabeça dela, cercada por fragmentos do crânio e mechas de cabelo escuro. O cozinheiro tinha as mãos no rosto e Claire, olhando para o corpo, soltou um leve suspiro.

Ela abriu a boca, incerta sobre o que falar.

Gritar, perguntar por que, como, oferecer ajuda – ela não sabia, e assim que o homem virou para ela, abaixando as mãos, nada foi dito definitivamente.

Ele estava comendo a garçonete. Seus dedos estavam vestidos com carne; a estranha face que ele mostrou estava suja de sangue.

Zumbi.

Sua mente aceitou isso no momento em que pensou; ela não era idiota. Ele estava mortalmente pálido e com aquele cheiro de podridão. Seus olhos brancos.

Zumbis em Raccoon. Eu nunca esperei isso.

Com esse calmo e lógico pensamento veio uma súbita onda de terror. Claire recuou, enquanto o homem continuava se virando, se levantando.

Ele era enorme, quase dois metros, grande como um armário – *e morto! Ele está morto e comendo a mulher, não o deixe se aproximar!*

O cozinheiro começou a andar. Claire recuou mais rápido, quase escorregando num menu. Um garfo entortou sob seus pés.

SAIA DAQUI, AGORA.

"Eu já estou de saída". Ela falou. "Mesmo, não precisa mostrar a porta –".

O cozinheiro continuou andando, seus cegos olhos arregalados de fome. Outro passo para trás – e Claire sentiu o frio metal da maçaneta da porta. Uma triunfal adrenalina passou por ela enquanto virava, tocava a maçaneta – e gritou, um curto grito de terror. Havia dois, três deles lá fora, suas carnes decompostas pressionando o vidro.

Um deles só tinha um olho; outro só o lábio superior. Do outro lado da rua, escuras figuras saiam da penumbra.

Sem saída, presa – Jesus, a porta dos fundos!

No final de seu campo visual, a verde luz da saída brilhava como uma estrela. Claire virou de novo e mal viu o cozinheiro chegando onde estava, uma atenção virada para sua única esperança.

Ela correu. A porta daria no beco, se estiver trancada Claire estará morta.

Claire golpeou a porta e ela abriu, acertando os tijolos da parede do beco – e tinha uma arma apontada para seu rosto, a única coisa que podia pará-la, um homem armado.

Ela congelou, erguendo os braços instintivamente.

"Espere! Não atire!".

Ele não se moveu, a arma ainda apontada para sua cabeça – *ele vai me matar* –

"Abaixe-se!". Ele gritou, e Claire obedeceu.

Boom! Boom!

O homem atirou e Claire olhou em volta, viu o cozinheiro morto caindo de costas bem atrás dela, um buraco em sua testa.

Claire voltou-se para o homem que salvou sua vida, reparando no uniforme. Policial. Ele era jovem, alto – tão aterrorizado quanto ela se sentia, seus olhos azuis bem abertos e sem piscar. Pelo menos sua voz foi forte ao se abaixar para ajudá-la.

"Não podemos ficar aqui. Venha comigo, nós estaremos a salvo na delegacia".

Assim que ele falou, ela ouviu um coro de gemidos vindos da rua, aumentando. Claire se deixou ser levantada, segurando a mão dele bem forte, se confortando ao percebeu que sua mão estava trêmulas igual a dele.

Eles correram.

Capítulo 5

Leon correu junto com a garota, tentando lembrar o mapa da cidade. O beco deve dar na Ash, não muito longe da rua do R.P.D., a Rua Oak – mas a delegacia estava a pelo menos uns quinze quarteirões à leste; sem transporte eles não conseguirão. Ele só tinha quatro balas, e pelo som vindo do beco, havia dezenas de criaturas em cada ponta.

Saindo do beco, Leon ergueu a mão e parou de correr, examinado a escura rua. Ele não viu muito, mas de onde estavam, perto da luminária, havia onze ou doze zumbis à direita e só três à esquerda, não muito longe de uma – *Aleluia!*

"Ali!".

Leon apontou para uma viatura estacionada do outro lado da rua. Não havia policiais por perto; seria querer demais – mas as portas estavam abertas. Eles podem alcançar o carro antes das três coisas ali perto. Se não tiver chave, pelo menos há um rádio e vidros à prova de balas. Eles podem ficar lá até a ajuda chegar – *e é a única chance. Vá!*

Eles correram para o preto e branco. Leon apontando sua arma para as criaturas mais próximas, a uns vintes metros. Ele queria atirar, mas não podia desperdiçar munição.

Deus, que tenha chaves.

Eles alcançaram a viatura ao mesmo tempo e se dividiram, a garota indo para o lado do passageiro, fazendo Leon perceber que ela achava que o carro era seu. Ele a esperou fechar a porta antes de entrar, uma pequena voz dentro dele gritando que esse era seu primeiro dia.

A chave estava na ignição. Leon guardou a arma e a tocou.

"Aperte os cintos". Ele disse, pouco ouvindo o consentimento da garota enquanto girava a chave e as sirenes ligavam. A Rua Ash foi iluminada por azul e vermelho, as sombras mudando de forma e densidade. Era a visão do inferno – e ele pisou no acelerador, querendo sair de lá o mais rápido possível.

O carro saiu derrapando. Leon virou para a direita depois para a esquerda, quase acertando uma mulher cuja metade do couro cabeludo foi arrancado.

Ajuda, chamar ajuda – Leon pegou o rádio sem tirar os olhos da rua. Criaturas saíam da escuridão como se chamadas pelo carro veloz.

Assim que o carro cruzou a Powel e continuou, Leon desviou de mais zumbis.

A garota estava cochichando, olhando para a desolada paisagem enquanto Leon apertava o botão do rádio, o desamparo crescendo. Sem estática, sem nada.

"Que diabos está acontecendo. Eu chego em Raccoon e o lugar está de cabeça para baixo –".

"Ótimo, o rádio está desligado". Leon a interrompeu, soltando o rádio. A cidade parecia um mundo alienígena, as ruas estranhamente assombradas. Parecia um sonho, mas o cheiro dizia que estavam acordados. O cheiro tinha tomado conta da viatura, ficando difícil de dirigir. Pelo menos não tinha trânsito, nem pessoas, pessoas de verdade...

... exceto eu e a garota. Eu tenho que fazer o meu trabalho, não deixá-la se machucar. Pobre menina, não deve ter mais de dezenove ou vinte anos, deve estar aterrorizada.

"Você é policial, né?".

Ele olhou para ela, o tom sarcástico e humorado em sua voz deu uma forte impressão de que ela não era fraca.

Uma boa coisa apesar das circunstâncias.

"Sou. Primeiro dia no trabalho; que ótimo, hein? Eu sou Leon S. Kennedy".

"Claire,". Ela disse. "Claire Redfield. Eu vim procurar meu irmão, Chris...".

Ela parou, olhando para a rua. Duas criaturas estavam entrando no caminho do carro, e Leon acelerou, passando entre eles. A grade de metal que divide a parte de trás do carro estava quebrada, fornecendo uma clara visão do retrovisor interno; os dois zumbis vagando desatentamente atrás deles.

Famintos. Como nos filmes.

Por um momento, ninguém falou, a pergunta mais obvia não respondida. Seja lá o que tornou Raccoon numa casa dos horrores, não importava tanto quanto suas vidas. Eles chegarão na delegacia em alguns minutos. Tinha um estacionamento subterrâneo – ele tentará lá primeiro – mas se os portões estiverem fechados, eles terão que andar um pouco. Tinha um pequeno jardim em frente ao prédio.

Quatro balas – e uma cidade cheia daquelas coisas. Precisamos de outra arma.

"Ei, abra o porta-luvas". Ele disse.

Claire apertou o botão e se curvou, mostrando as costas de seu colete vermelho; "Made in Heaven" (Feito no Paraíso) estava estampado sobre um voluptuoso anjo segurando uma bomba. Combinava com ela.

"Tem uma arma aqui". Ela disse, e pegou a semi-automática, erguendo-a cuidadosamente para ver se estava carregada, antes de pegar os dois clips. Era uma das velhas armas do R.P.D., uma Browning HP de 9 mm.

Desde a onda de assassinatos, a polícia tem usado as H&K VP70, outra 9 mm – a diferença é que a Browning carrega treze balas enquanto a outra podia carregar dezoito, dezenove se você deixar uma engatilhada. Do modo que a manuseava, Leon viu que ela sabia o que fazia.

"É bom ficar com ela". Ele disse.

Assim que Leon fez uma curva um pouco rápido demais, o pensamento do R.P.D. estar infestado de zumbis o acertou. Tudo ocorreu tão rápido que ele nem tinha pensado nisso. Talvez haja uma defesa organizada na delegacia – mas era difícil pensar com o cheiro de podridão tão forte no ar.

Temos três quartos de tanque, mais do que suficiente para chegar às montanhas; podemos estar em Latham em menos de uma hora.

Eles poderiam desviar da delegacia se parecesse insegura. Sair da cidade soava bom para ele. Ele ia contar para Claire, ver o que ela achava quando – o terrível cheiro de morte se intensificou e algo pulou do banco traseiro.

Claire gritou e o monstro que esteve na viatura o tempo todo agarrou o ombro de Leon, levando seu braço direto para frente com uma incrível força.

"Não!". Leon gritou assim que o carro virou violentamente para a direita, subindo na calçada e deslizando na parede de um prédio. A criatura estava desequilibrada, perdendo apoio; Leon virou o volante para a esquerda, mas não evitou a parede por completo. Ruídos de metal e faíscas iluminaram o interior.

A coisa jogou seus braços em Claire e, sem pensar, Leon acelerou e jogou o carro para a direita. O carro ziguezagueou, derrapando lateralmente, a traseira acertando uma pick-up azul estacionada. Faíscas e o som de borracha no asfalto.

O morto foi para o banco, mas voltou imediatamente para frente, na direção da garota.

Eles desciam a Terceira (uma rua), Leon tentando controlar o carro enquanto pegava sua arma e se virava. Ele não pensou em desacelerar, só pensava no zumbi cravando seus dentes no ombro de Claire.

Segurando a arma pelo cano, ele desceu a coronha no rosto do monstro, arrancando pele igual a uma banana.

Gemendo, a criatura tocou o rosto sangrando e Leon pode sentir um segundo de triunfo, até que – Claire gritou, *"Cuidado!"*.– e Leon viu que eles iam bater.

Leon tinha batido no zumbi com a arma quando seu olhar aterrorizado viu que a rua ia acabar.

"Cuidado!".

Ela só pode ver os dedos dele grudados no volante – e o carro começou a girar, derrapando, prédios e luzes piscando tão rápido que ela só viu borrões, e de repente – *BAM!*

Houve uma explosão de som, de vidro quebrando e metal esmagando, assim que o carro bateu em algo sólido, arremessando Claire contra o assento. Ao mesmo tempo, o impacto jogou o zumbi violentamente para trás, atravessando o vidro traseiro – e tudo ficou quieto. Só o seu coração pulsando nos ouvidos. Claire viu que Leon já estava recuperado, olhando para o corpo lá atrás, sua cabeça fora de visão. Não estava se mexendo.

"Você está bem?".

Claire virou para Leon, subitamente querendo evitar uma risada. A cidade estava infestada por mortos-vivos, e acabaram de sofrer um acidente por que um cadáver queria comê-los. Considerando isso, "bem" não é primeira palavra a vir na cabeça.

"Inteira". Ela disse, e o jovem policial acenou, parecendo aliviado.

Claire respirou fundo e olhou onde estavam. Leon tinha girado 180 graus com o carro no final da rua em T, o carro completamente danificado estava de frente para o sentido de onde vieram. Não havia zumbis por perto. Ela segurou sua arma fortemente, tentando se controlar.

"Nós -". Leon começou a falar algo, mas parou, seus olhos arregalados para o que via. Claire também viu – e por um segundo, sentiu que seu caminho foi amaldiçoado desde que saiu da universidade.

Um caminhão descia a rua, ainda a vários quarteirões de distância, mas perto o bastante para ver que estava fora de controle. O caminhão ziguezagueava, batendo na mesma pick-up azul de um lado da rua e uma caixa de correio do outro. Claire percebeu com terror que era um caminhão tanque. No segundo que levou para entender, rezar para que não seja gás ou óleo, o caminhão diminuiu a distância entre eles. Ela já via o acidente quando Leon quebrou o silêncio."– ele vai esmagar a

gente". Ambos tocaram os cintos de segurança, Claire rezando para não estarem presos.

O som dos cintos soltando foram inaudíveis perante o crescente eco do caminhão. Ele chegará em um segundo.

"Corra!". Leon gritou, e ela saiu do carro, ar fresco em sua suada pele. O ronco do motor do caminhão bloqueando tudo mais.

Ela deu três passos gigantes, tanto sentindo quanto ouvindo o impacto, o chão tremendo sob seus pés assim que metal se retorcia atrás dela.

Mais um pouco, e – *KABOOM!*– ela foi jogada, literalmente tirada de suas botas por uma incrível onda de pressão, calor e som. Ela tentou alcançar o chão enquanto a explosão tornava a noite em dia. Um estranho giro, poeira em sua pele, e Claire aterrissou perto de um De Lorean(Nota 2) prateado estacionado na frente de uma delicatessen(Nota 3).

Houve uma breve chuva de destroços enfumaçados e Claire se levantou, procurando nas labaredas por Leon.

Seu coração parou. O caminhão tanque, a viatura, tudo estava envolvido por fogo. A rua completamente bloqueada por uma massa de destruição.

"Claire –".

A voz de Leon, abafada, mas audível através da parede de fogo.

"Leon?".

"Eu estou bem!". Ele gritou. "Vá para a delegacia, eu te encontro lá!".

Claire hesitou por um segundo, olhando para a arma que ainda segurava firmemente em sua trêmula mão. Ela estava com medo, aterrorizada por estar só numa cidade que virou um cemitério – mas não tinha escolha.

"Tá bom!".

Ela virou. O portão de trás da delegacia estava a alguns metros dali – e criaturas estavam saindo das sombras, de trás dos carros e de dentro dos prédios escuros. Com um pensamento em mente, eles entraram na estranha luz do acidente, gemendo de fome – dois, três, quatro deles.

Por trás do fogo, ela ouviu tiros – dois tiros, depois nada – nada além do fogo e os suaves gemidos.

Leon já foi, agora VÁ!

Claire respirou fundo e correu.

Capítulo 6

Ada Wong colocou, na cavidade da estátua, o brilhante disco de metal dourado com um unicórnio entalhado, dando um tapinha até a peça encaixar no mármore. Ela ouviu um movimento na estátua e se afastou para ver o que acontece. Seus passos ecoaram pelo grande hal principal da delegacia, o som passando pelos parapeitos do segundo e terceiro andar.

Outra chave? Uma das medalhas do esgoto? Ou quem sabe a própria amostra... não seria uma feliz surpresa.

A ninfa segurando uma jarra d'água feita de pedra deslizou para trás, a jarra em seu ombro jogando um fino pedaço de metal. A chave de espadas*(Nota 4)*.

Ela suspirou, pegando-a. Ela já tem as chaves; de fato, ela já tem tudo o que precisa para vasculhar a delegacia, e quase tudo para o laboratório. Se a Umbrella tivesse facilitado, o trabalho teria sido moleza. Dinheiro fácil.

Mas acabei ganhando férias de três dias na cidade dos monstros, brinquei de "Por Uma Bala na Cabeça" e "Vamos Achar o Repórter". As amostras podem estar em qualquer lugar, dependendo de quem sobreviveu. Se eu sair daqui com as belezinhas, vou pedir um grande bônus; ninguém deve trabalhar nessas condições.

Ada guardou a chave e olhou para o parapeito superior, mentalmente visualizando as salas que já foi. Bertolucci parece não estar em lugar algum da asa leste do R.P.D.. Ela passou horas encarando mortos em busca do queixo quadrado e rabo de cavalo dele. Claro, ele pode estar se movendo – mas pelo que sabia dele, era improvável; o repórter se escondia diante do perigo.

Por falar em perigo...

Ada foi para a porta que dava na parte inferior da asa leste. O hal principal estava a salvo dos infectados, eles não pareciam conhecer uma maçaneta – mas havia ameaças além deles. Só deus sabe o que a Umbrella mandará para arrumar tudo isso... ou o que foi solto no laboratório após a contaminação. Menos assustador, mas não menos preocupante quanto os policiais vivos procurando alguém para salvar. Ela já ouviu tiros, alguns distantes, outros não, toda hora desde que chegou; deve haver alguns não-infectados no grande e velho prédio.

Na ponta dos pés para evitar barulho, ela cruzou a porta e se encostou nela, decidindo onde ir; ela ainda não checou o subterrâneo e haviam vários portadores na sala dos detetives.

Ah, a excitante vida de uma agente autônoma. Viajar pelo mundo! Ganhar dinheiro roubando coisas importantes!

Combater mortos-vivos sem ter tomado um banho ou comido algo decente por três dias – isso impressiona os amigos!

Ela se lembrou de pedir aquele bônus de novo. Quando chegou em Raccoon há menos de uma semana, ela se achava preparada; os mapas foram estudados, os dados do repórter memorizados, sua história falsa na ponta da língua – uma mulher procurando pelo namorado, um cientista da Umbrella. Essa parte era quase verdade; de fato, foi seu breve relacionamento com John Howe dez meses antes de ela ter arrumado o emprego. Mas John pensou de outra forma e sua conexão com a Umbrella provavelmente o matou. Tudo isso se tornou uma boa dica para ela.

Aí ela já estava pronta. Mas nas primeiras vinte e quatro horas de estadia, sua sorte mudou; enquanto comia no quase vazio restaurante do hotel, ela ouviu os primeiros gritos do lado de fora. Os primeiros, mas não os últimos.

De algum modo, o desastre foi uma vantagem; não haverá guardas no laboratório. O estudo que fez no T-virus a assegurou de que o aerotransmissível se dissipa rapidamente; o único modo de se contaminar agora é entrando em contato com um portador, então não haverá problema.

Objetivos: interrogar o repórter, descobrir o quanto ele sabe e matá-lo ou ignorá-lo, depende. Recuperar uma amostra do novo vírus, a mais nova maravilha do Dr. Birkin. Sem problema, certo?

Três dias antes, sabendo como o laboratório da Umbrella era conectado ao sistema de esgoto e com Bertolucci na sua frente, o trabalho teria siso moleza. Foi quando as coisas começaram a dar errado.

Pessoas desaparecendo, barricadas caindo...

Ela observou Bertolucci de perto o bastante para ver que ele fugiria. Ela nem teve tempo de fazer contato antes dele desaparecer. Ada decidiu continuar sozinha quando três quartos dos civis foram mortos por que ninguém se preocupou em fechar os portões da garagem. Ela não queria morrer tentando proteger sua imagem de turista assustada procurando o namorado.

Aí veio a espera. Quase quinze horas esperando as coisas se acalmarem, escondida no maquinário do relógio do terceiro andar, entre o eco de tiros e gritos...

Ótimo. O que fazer agora? Sentar e refletir ou acabar logo com isso; quanto mais cedo acabar mais tempo de férias terá numa ilha qualquer.

Quieta, Ada não se mexeu, batendo sua Beretta na perna. Haviam corpos

espalhados no corredor; ela não conseguia parar de olhar um deles, caído debaixo da janela-bancada do escritório. Uma mulher ensangüentada.

Os outros dois eram policiais e ela não os conhecia – mas a mulher foi uma das pessoas com a qual conversou quando chegou na delegacia. Seu nome era Stacy, uma nervosa, mas forte garota de vinte e poucos anos.

Stacy Kelso, isso mesmo. Ela queria comprar sorvete e acabou aqui – apesar de sua situação, ela estava mais preocupada com os pais e o irmão em casa. Uma garota consciente. Uma boa garota.

Por que ela está pensando nisso? Stacy estava morta e não foi Ada que a matou. Ela veio aqui para trabalhar; não foi sua culpa por Raccoon estar assim.

Talvez não seja culpa. Talvez só esteja triste porque Stacy não conseguiu.

Ela era uma pessoa, e agora está morta, como sua família provavelmente.

"Saia dessa". Ela disse, suave, mas irritadamente. Ada desviou o olhar, fixando-o num cinzeiro quebrado no fim do corredor, onde virava à direita. Sentia-se mau com as coisas que não conseguia controlar, não era seu estilo, não foi assim que chegou até aqui – e considerando o esforço que o Sr. Trent estava fazendo para manter Ada trabalhando, agora não é a melhor hora para analisar suas habilidades.

Objetivos: falar com Bertolucci e pegar a amostra do G-virus. É tudo com o que ela precisa se preocupar.

Ainda há um mecanismo que Ada precisa ver, na sala de entrevistas. As últimas adições do arquiteto foram detalhadas por Trent, mas ela sabia que tinha a ver com as lâmpadas de gás e uma pintura a óleo. A pessoa que fez tudo isso teve uma séria vida secreta; havia passagens secretas escada acima, atrás de uma parede. Ela ainda não foi lá, mas uma breve olhada revelou um escritório. Julgando pela decoração neurótica e estofada, só podia ser de Irons. Mesmo tendo estado em sua companhia por pouco tempo, ele era o homem mais instável que já conheceu; não havia dúvidas de que estava na lista de pagamento da Umbrella, mas também havia algo sobre ele que parecia bem defeituoso.

Ada desceu o corredor, seus sapatos contra os ladrilhos esverdeados; ela já temia outro mecanismo. Nada que não tinha dicas; ela assumia que o vírus ainda estava no laboratório. Os dados diziam que havia cerca de doze frascos da coisa, informação de um vídeo de duas semanas – e o laboratório de Birkin não era impenetrável.

Sendo o laboratório subterrâneo conectado à delegacia pelo esgoto, ela deve considerar que as amostras foram movidas. Além disso, Bertolucci pode estar

escondido na biblioteca ou no escritório do S.T.A.R.S., na asa oeste, talvez na sala de revelação; vivo ou morto, ele precisa ser encontrado.

Ela virou no corredor, passando por uma pequena área de espera com máquinas de venda já saqueadas. Como todo o R.P.D., o corredor estava frio e com falta de ar fresco; ela já se acostumou com o cheiro, mas o frio era a pior parte. Pela centésima vez desde que saiu o hotel, Ada desejou ter colocado outra roupa.

O vestido vermelho sem mangas, meia calça preta e sapatos barulhentos eram ótimos como disfarce; como equipamento, a roupa estava longe de prática.

Chegando no fim do corredor, ela abriu a porta cuidadosamente, de arma na mão. Como antes, o corredor estava vazio, outra prova da desbotada elegância do prédio – paredes cor de areia e lajotas padronizadas. A delegacia já deve ter sido magnífica, mas os anos de uso como prestador de serviços, o prédio perdeu seu encanto; com a mansão de um filme, a fria atmosfera dando uma distinta sensação sinistra – como se a qualquer momento uma fria mão pudesse tocar seu ombro, uma suave respiração em seu pescoço...

Ada franziu de novo; depois dessa missão, ela tirará longas férias. Senão isso, tentará outra carreira. Sua concentração já não é como antes. E em seu trabalho, um erro pode levar à morte.

Um grande bônus. Trent cheira como dinheiro. Eu vou pedir sete dígitos, seis no mínimo.

Em suas tentativas de bloquear os pensamentos, só um ainda persistia – a jovem Stacy Kelso pondo o cabelo

atrás da orelha enquanto falava de seu irmão bebê...

Depois do que pareceu um longo tempo, Ada apagou essa visão e continuou andando, prometendo a si mesma de que não haverá mais lapsos de concentração – e imaginando por que não acha que conseguirá.

Capítulo 7

As botas de Leon esmagavam cacos de vidro na loja de armas Kendo, enquanto abria as gavetas. Se ele não achar balas rápido terá problemas; as armas restantes da loja estavam inacessíveis, presas com cabos de aço, e a janela da frente estava completamente quebrada. Não demorará muito para as criaturas o acharem, ele só tinha uma bala e muito o que andar.

"Isso!".

Quarta gaveta, munição. Leon pegou a caixa e a pôs no balcão enquanto vigiava a frente da loja. Ninguém ainda, sem contar o dono da loja morto. Ele não se movia. Por ter morrido há alguns minutos, não se sabe quando voltará à vida, e Leon não queria estar lá para descobrir.

Vigiando a pequena loja, ele começou a recarregar. Leon tinha se esquecido da loja depois do acidente, achando-a casualmente. Estando o caminho mais rápido para a delegacia bloqueado, a Kendo's era a melhor opção.

"Uuuuunh...".

Uma horripilante e esquelética forma saiu das sombras da rua, vindo cegamente para frente da loja.

"Droga". Leon disse, seus dedos trabalhando mais rápido. Um clip pronto, mais um e pode levar o resto.

De repente, outra figura apareceu.– *dezesseis... dezessete...pronto!*

Ele pegou a H&K e ejetou o clip, colocando o novo assim que o vazio caiu no chão. A criatura estava passando pela armação do vidro, algo líquido em sua garganta soando levemente.

Mochila, ele precisa de uma. Leon olhou debaixo do balcão, vendo uma mochila de ginástica no fim dele. Material de limpeza se espalhou no balcão enquanto Leon colocava os clips na mala, ignorando as balas espalhadas na gaveta.

O monstro podre vinha em sua direção, tropeçando no dono da loja. Leon ergueu a arma e mirou no rosto da criatura.

Na cabeça, igual aos outros dois lá fora – Com um tremendo e alto som, a bala explodiu o rosto do zumbi, sangue respingando nas paredes.

Antes da coisa cair, Leon virou e ajoelhou perto da gaveta de munição, jogando as pesadas caixas na mochila.

Seu estômago dando um nó e tremendo de medo; o beco de trás pode estar cheio de zumbis.

Umas cento e cinqüenta balas, agora saia – Levantando-se, Leon vestiu a mochila e correu para a porta de trás. Pelo canto do olho, viu outra criatura entrando na loja; pelos cracks do vidro, havia mais deles.

Ele abriu a porta de saída e a cruzou, olhando para os lados assim que a porta se fechou. Nada além de latas de lixo e caixas de papelão. De onde estava, o beco continuava à esquerda e depois virava à direita; se seu senso de direção estiver intacto, a estreita passagem o levará direto para a Oak.

Até agora ele teve sorte; tudo o que podia fazer era esperar que isso não mudasse, e que pudesse chegar inteiro no R.P.D. – e que lá houvesse um monte de pessoas armadas que saibam o que aconteceu.

E Claire. Esteja bem, Claire Redfield, e se chegar lá primeiro, não tranque a porta.

Leon ajustou a mochila nas costas e andou pelo beco mau iluminado, pronto para explodir o que cruzar seu caminho.

Claire conseguiu quase sem dar um tiro; os zumbis eram cruéis, mas lentos, e a adrenalina em seu corpo tornou fácil desviar deles. Talvez o som do acidente desviou suas atenções, aí foi só seguir seus olfatos, ou o que sobrou deles. Dos dez zumbis que viu, pelo menos metade estava num avançado estágio de decomposição, carne caindo dos ossos.

Ela já esteve no R.P.D. duas vezes com Chris, mas nunca entrou pela parte de trás. Viaturas estacionadas e alguns policiais zumbificados a receberam na pequena área, levando-a para uma pequena cabana. Depois havia um pátio – o pátio o qual ela e Chris almoçaram uma vez, sentados nos degraus que levavam ao heliporto do segundo andar.

Desviar dos zumbis policiais no pátio em forma de L foi fácil, e um alívio por estar num lugar que conhecia.

Uma mulher de um único braço pendurado e roupas ensangüentadas, tinha saído das sombras debaixo da escada e tocou Claire com frias mãos; Claire soltou um suspiro de surpresa, livrando-se da criatura – e quase caiu nos braços de outro, um alto homem que também saiu de debaixo da escada de metal, grosseiro e silencioso.

Ela conseguiu evitá-lo e se afastou, apontando a 9 mm para o homem, recuando um passo e – esbarrou no corrimão. A mulher estava a um metro e meio à direita. O

homem a um passo de distância.

Claire apertou o gatilho e houve um gigantesco boom, a arma quase pulando fora de sua mão. A parte direita do rosto dele desapareceu numa explosão de líquido escuro.

Ela girou a arma, apontando para a pálida face da mulher. Outro tiro e o gemido foi interrompido, a testa implodindo num espirro de sangue e pedaços de ossos. A mulher caiu de costas no chão como um – *como um cadáver, o qual ela já era. Eles não sairão mais daqui.*

Por um momento, Claire não se moveu. Ela olhou para os dois corpos e sentiu que esteve a um centímetro de errá-los.

Ela cresceu em volta de armas, atirando em alvos dezenas de vezes – mas era com uma pistola .22 e alvos de papel. Alvos que não sangravam ou espirravam miolos como os dois seres humanos que acabou de matar – *Não*. Uma voz interna a interrompeu. *Humanos, não, não mais. Não se engane e não perca tempo com remorso. Leon já deve ter entrado, e está procurando por você. E se o S.T.A.R.S. foi chamado, Chris pode estar lá também.*

Se isso não foi motivação o bastante, os dois zumbis que deixou para trás estavam vindo. É hora de ir.

Ela subiu a escada, mal ouvindo seus passos por causa do zumbido em seu ouvido. Os tiros não fizeram bem à sua audição – por isso só ouviu o helicóptero quando estava chegando lá em cima.

Claire parou, o vento batendo ritmadamente em seu corpo enquanto o veículo entrava em visão, perdido na sombra. Estava de frente para a antiga torre d'água. Ela não sabia se ia pousar ou se já tinha decolado.

Não sabia e não se importava. *"Ei!"*. Ela gritou, erguendo sua mão esquerda. *"Ei, aqui!"*.

Suas palavras se perderam na poeira levantada pelas pás do helicóptero. Claire acenou como se tivesse ganhado na loteria.

Alguém veio. Graças a Deus, obrigado!

O holofote da aeronave foi ligado – mas estava indo na direção errada, não para ela. Claire balançou os braços mais freneticamente, respirando para gritar de novo até que – - viu o que a luz iluminava, mesmo enquanto ouvia o desesperado e praticamente inaudível grito sob o motor do helicóptero. Um homem, um policial, de pé no meio do heliporto. Ele segurava uma metralhadora, e parecia bem vivo.

"– venha até aqui –".

O policial gritou para o alto, sua voz cheia de pânico; Claire viu o porquê e seu alívio evaporou. Havia dois zumbis saindo do escuro e indo para o alvo bem iluminado que estava gritando. Ela ergueu a arma, mas a abaixou de novo, com medo de acertar o policial.

A luz não se movia, iluminando o terror com sua brilhante claridade. O homem não devia saber o quanto perto os zumbis estavam até que foi tocado.

"Afastem-se! Não se aproximem!". Ele gritou. Com o terror em sua voz, Claire pode ouvi-lo claramente. As duas figuras o encurralaram no canto sudoeste do heliporto.

O som da metralhadora foi alto. Mesmo com o helicóptero acima, Claire ouviu as balas cortando ar. Ela se ajoelhou enquanto os tiro continuavam para todos os lados – e para cima – e houve uma mudança no som do helicóptero, um estranho *hum* que fico mais alto. Claire olhou para cima e viu a nave branca mergulhando, a cauda balançando num instável arco.

Jesus, ele acertou o helicóptero.

O holofote ia em todas as direções, passando por canos de metal, concreto e o policial sendo atacado pelos zumbis, de alguma forma ainda atirando – e de repente o helicóptero começou a descer, balançando. As pás batendo no telhado com muita força. Antes que Claire pudesse piscar, o nariz da nave bateu – cruzando o heliporto num curto arranhão de faíscas e cacos de vidro.

A explosão ocorreu assim que a máquina caiu na parede sudoeste – diretamente sobre o policial e seus dois assassinos. No mesmo instante, o nariz do helicóptero atravessou a parede de tijolos bem à frente.

A rajada de tiros finalmente parou sob as chamas que vieram depois do boom, iluminando o lugar num ardente calor alaranjado.

Claire ergueu-se nas pernas que mal sentia, olhando desacreditada para o fogo que tomava conta de quase metade do heliporto. Tudo aconteceu tão rápido que pareceu ser mentira. Um ácido e enjoativo odor de metal derretido passou por ela numa onda de calor, e no súbito silêncio ela pode ouvir o gemido dos zumbis no pátio lá embaixo.

Ela olhou para as escadas e viu que ambos os policiais zumbis estavam na base, cegamente tropeçando no primeiro degrau. Pelo menos eles não estavam subindo...

Claire virou seu assustado olhar na direção da porta a uns dez metros dali.

Exceto pela escada, a porta era o único modo de chegar lá. E se zumbis não conseguiam subir – e tinha dois no heliporto – *então tenho problemas. A delegacia não é segura.*

Ela olhou para os destroços queimando, medindo opções. Ela ainda tinha muita munição; ela pode voltar para a rua, procurar um carro com chave e buscar ajuda.

E Leon? Se aquele policial estava vivo, pode haver mais lá dentro planejando uma fuga?

Ela não podia ir embora sem avisar Leon; e se ele morrer procurando por ela...

Decidida, Claire foi até a porta, procurando movimento nas sombras. Chegando lá, fechou os olhos por um segundo, a mão suada na fechadura.

"Eu vou conseguir". Ela disse. Apesar de não ter parecido confiante como queria, sua voz não tremeu. Ela abriu os olhos, depois a porta; quando nada saiu do escuro corredor, ela entrou.

Capítulo 8

O Chefe da polícia, Brian Irons, estava parado em um de seus corredores particulares, tentando recuperar o fôlego, quando sentiu um tremendo impacto no prédio. Ele o ouviu, também – ouviu algo. Um distante som, pesado e brutal.

O telhado. Ele pensou. *Algo no telhado...*

Ele não se preocupou em tirar conclusões. Seja lá o que for, não tornará as coisas piores.

Irons se afastou da parede de pedra e ergueu Beverly o mais gentilmente possível. Eles estarão no elevador em um minuto, depois uma pequena caminhada até o escritório; ele pode descansar lá, e depois – "E depois,". Ele resmungou. "essa é a questão, não é?. Depois o que?".

Beverly não respondeu. Seus traços perfeitos permaneceram parados, seus olhos fechados – mas ela parecia se aconchegar com ele, seu longo e magro corpo perto do peito dele. Devia ser sua imaginação...

Beverly Harris, a filha do prefeito. Bela e jovem Beverly, que, com sua beleza loira, já assombrava os sonhos culposos de Brian. Ele a segurou e continuou indo para o elevador, tentando não demonstrar exaustão caso ela acorde.

Seus braços e costas estavam doendo quando chegou no elevador. Ele deveria tê-la deixado em sua sala de hobby, a sala a qual sempre considerou como um Santuário – era clamo lá, e provavelmente um dos lugares mais seguros da delegacia. Quando ele decidiu voltar para o escritório, pegar seu diário e outros itens pessoais, ele percebeu que simplesmente não podia deixá-la para trás. Ela parecia tão vulnerável, tão inocente; ele tinha prometido a Harris de que cuidaria dela; e se ela fosse atacada em sua ausência? E se ele voltar e ela não estiver lá?

Uma década de trabalho. Fazendo conexões, se posicionando... tudo isso, desse jeito.

Irons a pôs no frio chão e abriu as grades, tentando não pensar no que perdeu. Beverly era o mais importante agora.

"Te dar segurança". Ele disse. Por acaso ela mexeu a boca, sorrindo? Será que ela sabe que está a salvo com o tio Brian? Quando ela era criança, quando ele visitava a família Harris para jantar, ela o chamava assim. "Tio Brian".

Ela sabe. Claro que sabe.

Ele a colocou no elevador, olhando seu angelical rosto. Ele foi pego subitamente por uma onda de amor paterno, e não ficou surpreso ao sentir lágrimas nos olhos, lágrimas de orgulho e afeição. Nos últimos dias, ele tem sido alvo das emoções – raiva, terror, até mesmo alegria. Ele nunca foi um homem emotivo, mas teve que aprender a conviver com os sentimentos; pelo menos não eram confusos.

Chega deles, nada mais pode dar errado agora; Beverly está comigo, e uma vez pegas as minhas coisas, nos esconderemos no Santuário e descansaremos. Ela precisará de tempo para se recuperar.

Ele piscou as esquecidas lágrimas assim que a jaula de metal começou a subir, checando a arma para ver quantas balas restavam. Sua sala subterrânea era segura, mas o escritório era outra história; ele quer estar preparado.

O elevador parou e Irons abriu a grade com o pé antes de levantar a garota, gemendo com o esforço. Ele a carregou como uma criança, sua cabeça caída para trás.

Ele apertou o botão na parede com o joelho. A parede deslizou para cima, revelando a aveludada decoração de seu escritório sem; só os vazios olhares de seus animais empalhados o receberam.

A grande mesa de madeira que importou da Itália estava bem à sua esquerda, e sua força acabando; Beverly

era magra, mas ele não estava em forma, como antigamente. Ele rapidamente a colocou na mesa, empurrando um porta-lápis com o cotovelo.

Ele tinha ficado preocupado quando a achou desacordada ao lado do Oficial Scott no corredor de trás; George Scott estava morto, coberto de ferimentos. Ao ver a mancha vermelha no estômago dela, Irons achou que também estivesse morta. Mas quando ele a levou para seu Santuário, ela cochichou para ele – que não se sentia bem, que estava ferida, que queria ir para casa.

... não é? Não disse?

Irons franziu, tirado da incerta lembrança por algo, algo que sentiu quando a deitou na mesa e arrumou seu vestido branco manchado de sangue, algo que não se lembrava. Não parecia importante, mas agora, longe da segurança de seu Santuário, isso o estava incomodando. Lembrando-o de que sofreu um daqueles momentos confusos quando ele, quando ele – senti os frios e moles intestinos entre meus dedos – quando ele a tocou.

"Beverly?". Ele cochichou, sentando na cadeira de sua mesa quando de repente

sentiu suas pernas fracas.

Beverly continuou calada – e o turbulento dilúvio de emoções o acertou, lotando sua mente com imagens, memórias e verdades que não queria aceitar; Recuar as barricadas depois dos primeiros ataques. A Umbrella, Birkin e os mortos-vivos. O massacre na garagem. O crescente número de mortos na primeira e terrível noite – e a brutal percepção de que sua cidade – já era.

Depois disso veio a confusão. A estranha alegria que veio ao perceber que não haverá conseqüências para seus atos. Irons se lembrou do jogo que fez na segunda noite, depois que alguns bichinhos de Birkin acharam alguns policiais. Ele achou Neil Carlsen escondido na biblioteca e... o caçou, perseguindo o sargento como um animal.

Qual seria o problema, já que a minha vida em Raccoon está acabada?

Tudo o que restava era seu Santuário – e a parte dele que ajudou a criar o lugar, a parte escura e gloriosa de seu coração que sempre escondeu. Esta parte está livre agora...

Irons olhou para o corpo de Beverly e sentiu que pode ser destruído pelos sentimentos de medo e dúvida que lutavam dentro dele. Irons a matou? Ele não conseguia se lembrar.

Tio Brian. Dez anos atrás, eu era o Tio Brian dela. Em que me tornei?

Era demais. Sem tirar os olhos do rosto sem vida de Beverly, ele tirou a VP70 carregada do coldre e começou a esfregar o cano com os dedos, leves toques que o asseguraram enquanto a arma girava em sua direção.

Quando o cano foi pressionado contra sua macia barriga, ele sentiu que algum tipo de paz ficou ao seu alcance.

Seu dedo encostou no gatilho, e foi quando Beverly cochichou para ele de novo, os lábios dela parados, mas sua leve e musical voz vindo do nada e de todos os lados ao mesmo tempo.

– não me deixe, Tio Brian. Você prometeu que me daria segurança, que cuidaria de mim. Pense no que você pode fazer agora sem que nada o impeça.

"Você está morta". Ele sussurrou, mas ela continuou falando, suave e persistente.

... nada o impedirá de se realizar de verdade pela primeira vez na vida...

Torturado, Irons vagarosamente tirou a 9mm de seu estômago. Depois de um momento, ele descansou sua testa no ombro dela e fechou os olhos.

Ela estava certa, ele não podia deixá-la. Ele tinha prometido – e ela disse algo sobre o que podia fazer. Sua mesa de hobby era grande o bastante para acomodar qualquer tipo de animal...

Isso mesmo. Ele vai descansar e depois cuidará dos negócios; afinal, ele é o chefe da polícia.

Sob controle de novo, Brian Irons começou a dormir, a fria pele de Beverly em sua testa.

Capítulo 9

Graças a um furgão parado no beco, o atalho para a delegacia sofreu mudanças – uma quadra de basquete infestada de zumbis, outro beco, um ônibus que fedia por causa dos mortos lá dentro. Foi um pesadelo, os gemidos, o cheiro e a distante explosão que fez suas pernas tremerem. Apesar de tudo, Leon manteve a esperança de que havia algum tipo de mobilização no R.P.D., com policiais e paramédicos – autoridades tomando decisões e equipes organizadas. Não era uma esperança, era uma necessidade.

Quando ele finalmente saiu na rua em frente ao R.P.D. sentiu-se espancado vendo viaturas pegando fogo. Mas foi a visão de zumbis policiais gemendo entre as chamas que acabaram com sua esperança. O R.P.D. tinha uma equipe de cinqüenta ou sessenta policiais, e um terço deles estavam vagando ou mortos perto da entrada do prédio.

Leon tentou esquecer o desespero, fixando seu olhar no portão do jardim. Tendo ou não alguém sobrevivido, ele tinha que chamar ajuda – e achar Claire.

Ele correu para o portão, desviando dos zumbis uniformizados, abrindo e fechando o portão de metal. A pequena área gramada à sua direita estava iluminada o bastante para ver que havia três ex-humanos lá, e que não representavam ameaça. Ele pode ver as duas bandeiras que enfeitavam a entrada da delegacia, penduradas sem se mover. A visão reconsiderou suas esperanças, pelo menos está num lugar que conhece e que deve ser mais seguro do que na rua.

Leon correu entre o trio de zumbis – dois homens e uma mulher; todos pareciam normais se não fosse por seus gemidos famintos. Devem ter morrido recentemente.

A porta de entrada não estava trancada; por tudo o que passou desde que chegou na cidade, Leon preferiu

manter suas expectativas no mínimo. Ele girou a maçaneta e entrou, de arma erguida e dedo no gatilho.

Vazio. Não havia sinal de vida no grande e velho saguão do R.P.D. – e nenhum sinal do desastre que tomou conta de Raccoon. Leon fechou a porta e desceu os degraus para o piso mais baixo.

"Olá?". Leon disse baixo, e o som ecoou de volta com um suspiro. Tudo parecia do mesmo jeito; três andares de clássica arquitetura em madeira e mármore. Havia a estátua de uma mulher segurando um vaso no ombro bem no meio do lugar, uma rampa de cada lado levando à recepção e o logotipo do R.P.D. no chão em

frente ao suave brilho da estátua, proveniente das arandelas na parede.

Sem corpos, sem sangue... nem um cartucho de bala. Se houve um ataque aqui, onde diabos estão as provas?

No profundo silêncio do lugar, Leon subiu a rampa da esquerda, parando no balcão da recepção, curvando-se sobre ele; tudo no lugar. Tinha um telefone na mesa sob o balcão. Leon pegou o receptor e o colocou entre a cabeça e o ombro, tocando os botões com os dedos. Nem discava; tudo o que ouvia era o som de seu próprio coração.

Ele virou para a sala vazia, decidindo por onde começar. Ele recebeu um memorando do R.P.D. semanas atrás, dizendo que as salas seriam mudadas. Mas isso não importava; os policiais não se preocupariam em ficar ao lado de suas mesas nessa situação.

Haviam três portas no saguão que davam em diferentes lugares da delegacia; duas no lado oeste e uma no leste. Das duas no lado oeste uma leva a uma série de corredores para a parte de trás do prédio, depois da sala de arquivos e da sala de pronunciamentos; a segunda dava num escritório e armários, que então leva às escadas para o segundo andar. O lado leste do primeiro andar era primeiramente para os detetives – escritórios, interrogatórios e sala de entrevistas; tinha também acesso ao subsolo e escadas no lado de fora.

Claire provavelmente veio pela garagem... ou pelo telhado.

Ou então ela contornou o prédio e veio pelo mesmo lugar que ele – se ela conseguiu chegar aqui, pode estar em qualquer lugar. E considerando que o R.P.D. ocupa quase um quarteirão, ainda tinha muito chão pela frente.

Ele optou pela segunda porta do lado oeste, onde seu armário estaria.

Leon entrou devagar, esperando ver as mesmas condições do saguão; silêncio e organização. Mas o que viu confirmou seus medos: as criaturas estiveram lá – com a vingança.

A longa sala estava arrasada, mesas e cadeiras jogadas e derrubadas em todo canto. Borrões de sangue decoravam as paredes, rastros do mesmo em poças no chão, indo em frente.

"Meu Deus –".

Um policial estava sentado contra os armários à sua esquerda, suas pernas esticadas, meio escondidas pela mesa virada. Ao som da voz de Leon, ele fracamente ergueu o braço, apontando vagamente uma arma na direção de Leon – e a abaixou de novo, parecendo exausto com o esforço. Seu peito estava pintado de

sangue, suas expressões cheias de dor. Leon se abaixou ao lado dele em dois passos, gentilmente tocando seu ombro.

Ele não via o ferimento, mas tinha tanto sangue que a gravidade era óbvia – "Quem é você?". O policial suspirou.

Eles nunca foram apresentados, mas Leon já o viu antes. O jovem policial afro-americano se chamava Marvin

Branagh...

"Eu sou Leon S. Kennedy. O que aconteceu aqui?".

"A cerca de dois meses," Marvin disse, "os assassinatos canibais... o S.T.A.R.S. encontrou zumbis na mansão da floresta...".

Ele tossiu e Leon começou a dizer para descansar, mas Marvin parecia determinado a contar a história.

"Chris e os outros descobriram que a Umbrella estava por trás de tudo... arriscaram suas vidas, mas ninguém acreditou... depois isto".

Chris... Chris Redfield, o irmão de Claire.

Leon sabia algo sobre o problema com o S.T.A.R.S. ele só ouviu trechos da história – a suspensão do grupo de ações táticas especiais e resgate, após serem acusados de má conduta, foi o motivo da contratação de novos policiais.

Ele até leu o nome dos membros num jornal, listados juntos com alguns de seus recordes.– *e a Umbrella destrói a cidade. Algum tipo de vazamento químico que tentaram esconder se livrando do S.T.A.R.S.* – Tudo isso saia de sua mente até que Marvin tossiu de novo, mais fraco.

"Agüenta aí". Leon disse, procurando algo para estancar o sangramento. Ele achou uma camiseta no armário atrás do policial e a enrolou, pressionando contra o estômago de dele. O próprio policial segurou-a com as mãos, fechando os olhos enquanto falava novamente.

"Não se preocupe comigo. Há... você deve tentar salvar os sobreviventes...".

Leon balançou a cabeça, querendo negar a verdade, querendo fazer algo para aliviar a do de Marvin – mas ele estava morrendo, e não podia chamar ajuda.

"Vá". Marvin disse, ainda de olhos fechados.

Ele estava certo, Leon não podia fazer mais nada – e não conseguiu se mover por um momento – até Marvin erguer sua arma de novo, apontando-a para Leon numa erupção de energia que aumentou sua voz num grito.

“Vá!”. O policial ordenou e Leon se levantou.

"Eu voltarei". Leon disse firmemente, o braço de Marvin já caindo.

Leon voltou para a porta, respirando fundo e aceitando a mudança de plano que pode acabar o matando – mas que não podia evitar. Ele era um policial. Se houvessem sobreviventes, é sua civil e moral conduta ajudá-los.

Tem um depósito de armas no subsolo, perto da garagem. Leon abriu a porta e voltou para o saguão, rezando para que o depósito esteja bem equipado – e que haja alguém para salvar.

Capítulo 10

Depois do ardente telhado, Claire cruzou um zigue-zagueado corredor cheio de cacos de vidro no chão – e depois de um policial morto no chão, seu medo sobre a segurança da delegacia aumentou. Ela pulou o corpo e continuou andando. Uma fraca brisa passou pelas janelas quebradas que decoravam a parede externa, dando vida à escuridão; haviam brilhantes penas pretas junto às marcas de sangue no chão, que fizeram Claire mirar o revólver a cada suave balanço.

Ela passou por uma porta que dava nas escadas externas do lugar, mas continuou andando, virando à direita. O modo como o helicóptero acertou o prédio perturbou Claire, inspirando visões da velha delegacia pegando fogo.

Só faltava essa...

Cadáveres e marcas de sangue nas paredes; Claire não estava feliz com a idéia de vagar pela delegacia. E mais, tiros não são tão eficientes; ela precisa ver o quanto ruim está a situação antes de procurar Leon.

O corredor terminava numa porta. Claire a abriu – e recuou assim que a nuvem de fumaça passou por ela, o cheiro de metal e madeira queimados no ar. Ela se agachou e deu uma espiada no corredor que ia para a direita.

Mais para frente ele virava à direita de novo, e ainda assim não se podia ver o fogo; sua brilhante luz alaranjada refletia nas paredes cinzas.

Droga. O que foi agora?

Havia outra porta diagonalmente de sua posição, a alguns passos; Claire respirou fundo e andou abaixada para evitar a fumaça, esperando achar um extintor de incêndio – e que fosse suficiente.

A porta dava numa sala de espera vazia – sofás de vinil verdes, um balcão de canto e uma porta no outro lado. A pequena sala parecia intocada, clama e quieta, igual aos outros lugares que passou essa noite – só que não havia sinais de desastre nas suaves sombras criadas pelas fluorescentes acima. Nenhum zumbi morto no chão de madeira escura e nenhum espirro de sangue nas paredes cor de creme.

E nenhum extintor...

Nenhum à vista. Ela fechou a porta e foi até o balcão, levantando a tampa de entrada com o cano da arma.

Tinha uma velha máquina de escrever no balcão – e perto de um telefone.

Claire o pegou esperançosa, mas só ouviu silêncio. Suspirando, ela se abaixou para ver as prateleiras sob o balcão. Uma agenda, papéis – e meio escondido entre uma bolsa, o familiar cilindro vermelho, com uma fina camada de pó.

"Aí está você". Ela sussurrou, guardando a 9mm no colete e levantando o extintor. Ela nunca usou um antes, mas parecia fácil – uma alavanca de metal com um pino de segurança e um bocal de borracha preto. Pelo peso parecia estar cheio.

Respirando várias vezes e armada com o extintor, Claire abriu a porta e voltou para o corredor. A fumaça tinha se intensificado, acumulando-se no teto.

Ela fez a curva e viu destroços queimando no fim do corredor, sentindo-se aliviada e triste ao mesmo tempo. O fogo não era tão grande quanto pensava. As chamas se estendiam até uma porta de madeira destruída. Era o nariz do helicóptero que chamou sua atenção – a ardente cabine – e o ardente corpo do piloto ainda preso no assento, sua boca queimada bocejando como um grito silencioso. Não dava para saber se era homem ou mulher.

Claire tirou o pino e mirou o cano nas chamas. Ela apertou a alavanca e um jato de neve espirrou, acertando os destroços com uma nuvem. Mal vendo através da fumaça, ela direcionou o jato sobre tudo. Dentro de um minuto, o fogo pareceu ter acabado, mas ela continuou usando o extintor até acabar.

A última tossida de gás veio e Claire soltou a válvula, suspirando algumas vezes, procurando algum foco que tenha passado despercebido. Nenhuma chama, mas a porta de madeira ao lado da cabine ainda soltava filetes de fumaça. A área em volta da porta já foi arrebentada e Claire decidiu arriscar. Ela recuou e deu um sólido chute na porta, mirando perto das dobraduras.

A porta abriu com um crack, a madeira carbonizada desfazendo-se em uma chuva de cinzas. Algumas caíram em suas botas, mas Claire rapidamente levantou a arma, ainda as sacudindo, mais assustada com o que pode estar esperando do outro lado.

Um curto e vazio corredor tinha seu começo cheio de pedaços de madeira queimados, e uma porta ao fundo, à esquerda. Claire foi até lá, tanto para respirar ar puro quanto para ver onde dava.

A porta seguinte estava destrancada. Claire a abriu, pronta para atirar em qualquer – e parou, chocada com a bizarra atmosfera da sala. Era como uma sátira de um clube de homens dos anos cinqüenta, um grande escritório decorado com uma extravagância beirando o ridículo. As paredes tinham grandes estantes de mogno e mesas cercando uma espécie de área de descanso, feita com acolchoadas cadeiras de couro e uma mesa de mármore, tudo sob um provável tapete oriental. Um

elaborado lustre vinha do teto, jogando uma melodiosa luz sobre tudo. Quadros e delicados vasos estavam por toda parte – mas seus clássicos designs eram ofuscados pelas empalhadas cabeças de animais e pássaros que dominavam um canto, ao lado de uma grande mesa – *Oh, Jesus* – Deitada na mesa, como a personagem de uma história de terror, estava uma bonita e jovem mulher de vestido longo e branco, seu abdômen tomado por sangue. Era como um enfeite, sendo olhado pelos animais empalhados – tinha um falcão que parecia estar voando, cabeças de alce e veado. O efeito foi tão pavoroso que por um momento Claire não respirou – foi quando a alta poltrona atrás da mesa girou de repente. Claire mal conteve o grito de terror, esperando ver a Morte sorrindo para ela. Mas era um homem – com uma arma apontada para ela.

Pela segunda vez hoje...

Por um segundo, ninguém se moveu – então o homem abaixou a arma, um sorriso amarelo surgindo em seu gorducho rosto.

"Eu sinto muito," ele disse, sua voz tão oleosa quanto a de um político ruim. "pensei que você fosse um daqueles zumbis".

Ele alisava seu cheio bigode enquanto falava. Apesar de Claire nunca tê-lo conhecido, ela subitamente sabia quem ele era, Chris já tinha falado sobre ele.

Gordo, bigode – era o chefe da polícia, Brian Irons.

Ele não parecia bem. De fato, parecia desconectado da realidade.

"Você é o chefe Irons?". Ela perguntou, tentando parecer agradável ao se aproximar da mesa.

"Sim, sou eu, e quem é você?".

Antes de ela falar, Irons continuou calmamente, confirmando a suspeita de Claire com o que disse depois – em seu tom petulante. "Não, não se preocupe em me dizer. Não fará diferença. Você acabará como todos os outros...".

Ele parou, olhando para o corpo à sua frente, com uma emoção que Claire não podia decifrar. Ela sentiu-se mal por ele, ao contrário do que Chris disse sobre sua personalidade podre e incompetência profissional; só Deus sabe que horrores ele presenciou, ou o que teve de fazer para viver.

Leon e eu entramos nesse terror há alguns minutos; Irons já estava aqui, provavelmente vendo seus amigos morrendo.

Ele olhou para o corpo e falou, sua voz triste e pomposa ao mesmo tempo.

"É a filha do prefeito. Eu deveria cuidar dela, mas falhei miseravelmente...".

Claire procurou palavras de conforto, querendo dizer que tinha sorte por estar vivo, que não foi sua culpa – mas ele continuou lamentando, as palavras dela morrendo na garganta, junto com a dó.

"Olhe para ela. É linda, sua pele perfeita. Mas logo apodrecerá... e em uma hora se tornará uma daquelas coisas.

Bem como os outros".

Claire não queria tirar conclusões, mas sua descrição e olhar faminto a fizeram se arrepiar. O jeito que ele olhava para a garota morta – *você fica imaginando coisas. Ele é o chefe da polícia, não um pervertido lunático. Ele é o único vivo que encontrou. Peça informações!*

"Deve haver um jeito de parar...". Claire disse gentilmente.

"Sim... uma bala no cérebro – ou decapitação".

Ele finalmente desviou o olhar do corpo, mas não para Claire. Ele olhou para os bichos ao lado de sua mesa, sua voz adquirindo um tom alegre.

"Em pensar que – taxidermia*(Nota 5)* costumava ser o meu hobby. Não mais...".

Os alarmes de Claire dispararam. Taxidermia? O que diabos um corpo humano fazia na mesa dele?

Irons finalmente olhou para Claire, que não gostou nem um pouco. Ele olhava em seu rosto mas não parecia enxergá-la. Ocorreu-lhe que ele não havia perguntado como chegou lá, ou sobre a fumaça que entrou no escritório. E o jeito que falava sobre a filha do prefeito... nenhuma dor real, só auto-piedade e algum tipo de admiração.

Oh, Deus, ele não está só abalado, ele está em outro planeta – "Por favor,". Irons disse. "eu queria ficar sozinho agora".

Ele se acomodou na cadeira e fechou os olhos, parecendo exausto. Tão simples assim, ela foi dispensada, mesmo com milhões de perguntas – muitas delas que ele poderia responder – mas ela achou melhor só sair de perto dele, pelo menos agora – Houve um suave som atrás dela, à esquerda, tão baixo que ela não tinha certeza se realmente o ouviu.

Claire virou, franzindo, e viu outra porta no canto da sala. Ela não a tinha visto antes – e aquele som veio de lá.

Outro zumbi? Ou alguém se escondendo...?

Ela olhou para Irons que nem se moveu.

Então – volto por onde vim, ou vejo o que tem atrás da porta?

Leon – ela tinha que achá-lo e Irons não parecia querer unir forças. Mas se houver outra pessoa no prédio que precise de ajuda ou possa ajudar...

Não vai demorar. Ela olhou para Irons, perto do corpo da filha do prefeito, cercado por seus animais sem vida; Claire foi até a segunda porta, esperando não estar cometendo um erro.

Capítulo 11

Sherry tem se escondido por um longo na delegacia, uns três ou quatro dias, e ainda não viu sua mãe. Nenhuma vez, nem quando havia muita gente restando. Ela encontrou a Sra. Addison – uma das professoras da escola – logo depois de chegar lá, mas ela já estava morta. Um zumbi a comeu. Não muito depois disso, Sherry achou um tubo de ventilação que cobre quase todo prédio, e decidiu que se esconder era mais seguro do que ficar com os adultos – porque eles morriam, e porque havia um monstro na delegacia bem pior que os zumbis e os homens do avesso. Ela tinha certeza que esse monstro a procurava. Era idiotice, ela nunca pensou que monstros perseguissem uma única pessoa – mas ela também nunca pensou que monstros existissem.

Assim, Sherry vem se escondendo na sala de armaduras; ninguém morto lá e o único jeito de entrar – exceto o tubo de ventilação atrás das armaduras – era passando por um longo corredor vigiado por um tigre gigante.

Empalhado, mas assustador – Sherry pensou que ele pudesse afugentar o monstro. Ela sabia que era besteira, mas a fazia se sentir melhor.

Sendo que os zumbis tomaram conta da delegacia, ela passou a maior parte do tempo dormindo. Assim, ela no pensava no que aconteceu com os pais ou o que vai acontecer consigo mesma. O tubo de ventilação era quente e tinha muita comida na máquina de doces, escada abaixo – mas ela estava assustada, e pior que isso, sozinha.

Ela dormia atrás das armaduras quando houve um tremendo barulho lá fora. Ela estava certa que era o monstro; Sherry só o viu uma vez antes, suas grandes e terríveis costas, pela grade de metal – desde então, ela o ouviu gritar pelo prédio várias vezes. Ela sabia que ele era mau, mau, violento e faminto.

Às vezes ele desaparecia por horas, fazendo Sherry pensar que tinha ido embora – mas sempre voltava, não importa onde ela estava, mas sempre parecia surgir por perto.

O barulho que a tirou do sono parecia o de um monstro quebrando as paredes, fazendo-a correr para seu esconderijo caso o som se aproxima, mas não se aproximou. Por um longo tempo não se moveu, segurando seu amuleto da sorte – um bonito colar de ouro que sua mãe havia lhe dado semana passada, tão grande que preenchia toda sua mão. Como antes, ele funcionou; o horrível barulho não se repetiu. Ou talvez o tigre cumpriu seu papel. Mesmo assim, quando ouviu suaves

passos no escritório, Sherry sentiu-se segura o bastante, para ir até o corredor e escutar. Os zumbis e homens do avesso não podiam abrir portas. Se fosse o monstro, já teria vindo para ela.

Tem que ser uma pessoa. Talvez mamãe...

Na metade do corredor onde virava à direita, ela ouviu pessoas falando no escritório, sentindo um estouro de esperança e solidão ao mesmo tempo. Ela não sabia o que falavam, mas pela primeira vez em dois dias ela ouviu alguém que não gemesse. Podia ser a ajuda que finalmente chegou a Raccoon.

O exército, marinha, talvez todos eles...

Curiosa, ela correu para a porta de frente para o tigre, quando as vozes pararam. Sherry ficou imóvel.

Se a ajuda veio, porque não ouvia os caminhões e aviões? Não haveria tiros, bombas e alto-falantes alertando para que todos saíssem?

Talvez sejam vozes de pessoas más; loucas como aquele homem...

Não muito depois que Sherry começou a se esconder, ela viu uma coisa terrível pela grade da sala de armários.

Um homem de cabelo vermelho estava lá, falando sozinho, balançando para frente e para trás numa cadeira. No começo, Sherry pensou em chamá-lo para ajudar, mas o modo como falava, sorria e balançava, a deixou desconfiada. Então ela o observou por um tempo. Ele segurava uma grande faca, e depois de um longo tempo, ainda rindo, resmungando e balançando, ele se esfaqueou no estômago. O homem a tinha assustado mais do que os zumbis, porque não fazia sentido. Ele era louco e se matou, e ela engatinhou de volta, chorando, porque não fazia sentido.

Se as pessoas no escritório são boas, elas podem querer tirá-la de seu esconderijo e tentar protegê-la – e isso significaria sua morte, porque o monstro certamente não tinha medo de adultos.

Parecia ruim ter que voltar, mas não tinha outra escolha. Sherry começou a voltar para a sala de armaduras quando – *Crack!* – ela congelou assim que a madeira do chão rangeu. O som pareceu incrivelmente alto e ela prendeu a respiração, agarrando seu colar e rezando para que a porta não abrisse, que nenhum maluco aparecesse – e a pegasse.

Ela não ouviu mais nada, mas achou que as batidas do seu coração a denunciariam, era tão alto. Depois de dez segundos ela continuou andando, na ponta dos pés como se estivesse num ninho de cobras. Ela tinha que usar toda sua força para não correr até a curva – uma coisa que ela aprendeu nos filmes era que, correr

do perigo sempre significava uma morte horrível.

Quando ela finalmente chegou à porta, sentiu-se aliviada e só queria pegar o cobertor que a Sr. Addison achou e – A porta do escritório abriu, abriu e fechou. Um segundo depois, passos. Indo para ela.

Sherry voou pela sala, não pensando um mais nada por causa do pânico. Ela passou pelos três cavaleiros, esquecendo seu lugar seguro. Tudo o que queria era ir o mais longe possível. Havia uma escura e pequena sala sem porta depois da caixa de vidro no meio da sala – e ela ouviu os passos correndo atrás dela. Sherry se abaixou entre os tijolos da lareira e tentou se encolher, abraçando os joelhos e escondendo o rosto. A escuridão da sala do fundo era tudo o que precisava.

Por favor, por favor, por favor, não apareça, não me veja, eu não estou aqui.

Os passos entraram na sala das armaduras e mais calmos, hesitantes, passando pela caixa de vidro. Sherry pensou em seu tubo de ventilação, que a levaria embora, e segurou as lágrimas de arrependimento. A sala da lareira não tinha saída.

Os passos se aproximaram da sala que Sherry estava. Ela prometia fazer qualquer coisa caso o estranho fosse embora – *Thump. Thump. Thump* – De repente a sala se iluminou, o leve click do interruptor sobre o choro de Sherry. Ela não agüentou, se levantou e correu, gritando, esperando chegar até o tubo de ventilação quando – uma quente mão segurou seu braço, apertado. Ela gritou de novo, puxando o mais forte que podia, mas o estranho era forte – "Espere!". Era uma mulher.

"Me deixe ir". Sherry choramingou, mas a mulher continuou segurando, puxando.

"Calma, calma – eu não sou um zumbi, fique calma, está tudo bem –". A voz da mulher soou mais gentilmente. A doce e musical voz repetiu-se de novo e de novo. "– calma, está tudo bem, eu não vou te machucar, você está segura agora".

Sherry finalmente olhou para a moça, e viu o quanto bonita era, o quanto seus olhos eram preocupados e simpáticos. Sherry parou de tentar fugir e sentiu as quentes lágrimas em seu rosto. Ela instintivamente abraçou a bonita jovem – e a moça retribuiu, seus finos braços em volta dos trêmulos ombros de Sherry.

Sherry chorou, deixando a mulher acariciar seu cabelo e dizer palavras tranqüilizantes – pelo menos o pior acabou.

Por mais que quisesse cair nos braços da moça e esquecer os medos, acreditar que estava a salvo, ela sabia que não dava. Além, disso, ela não era mais um bebê; fez doze anos mês passado.

Sherry se afastou da mulher e secou os olhos, olhando para a estranha. Ela não

era velha, por volta dos vinte, e tinha roupas legais – botas, shorts vermelho de tecido grosso e um colete do mesmo conjunto, sem mangas. Seu cabelo castanho era amarrado para trás, e quando sorriu, parecia uma atriz de cinema.

"Meu nome é Claire. Qual é o seu?".

Sherry se envergonhou de repente, por ter corrido de uma pessoa tão boa. Seus pais diziam que agia como um bebê, que era "muito imaginativa", e aqui está a prova; Claire não iria machucá-la.

"Sherry Birkin". Ela disse e sorriu, esperando que Claire não fosse má para ela; ela não parecia brava, e sim agradecia pela resposta.

"Você sabe onde estão seus pais?". Claire perguntou.

"Eles trabalham no laboratório químico da Umbrella". Sherry respondeu.

"Laboratório químico... então o que você está fazendo aqui?".

"Minha mãe ligou e me disse para vir aqui. Ela disse que é muito mais perigoso ficar em casa".

Claire acenou. "Pelo que parece, ela estava certa. Mas aqui também é perigoso...".

Claire franziu pensativamente, depois sorriu de novo. "É melhor você vir comigo".

Sherry balançou a cabeça, pensando em como explicar que não era uma boa idéia, que era uma idéia muito ruim.

Ela não queria ficar sozinha, mas não seria seguro ir.

Se eu for e o monstro nos achar...

Claire morreria. Apesar de ser magra, Claire não caberia no tubo de ventilação.

"Tem algo aqui". Sherry finalmente disse. "Eu vi, é maior que os zumbis. E quer me pegar".

Claire balançou a cabeça, abrindo a boca para dizer algo quando um terrível e furioso som encheu a sala, ecoando em violentas ondas de algum lugar do prédio. Por perto.

"Rrraaahh –".

Sherry sentiu seu sangue virar gelo. Claire arregalou os olhos, pálida.

"O que foi aquilo?".

Sherry recuou, ofegante, mentalmente correndo para o tubo de ventilação atrás das armaduras.

“É disso que eu estava falando”. Ela disse, e antes que Claire pudesse pará-la, ela virou e correu.

“Sherry!”.

Sherry ignorou o apelo e continuou. Ela se pôs de joelhos sobre o pedestal, colocou a cabeça e se arrastou para dentro do buraco no rodapé da parede.

Sua única chance, a única chance de Claire, era que ficasse o mais longe possível. Talvez se encontrem de novo quando o monstro se for.

Assim que Sherry engatinhou pelo apertado e escuro tubo, esperou que não fosse muito tarde.

Capítulo 12

Ada sentou na cadeira da desarrumada mesa do chefe dos detetives, descansando seus pés doloridos e olhando cegamente para o cofre vazio no canto da sala. Sua paciência estava se esgotando. Primeiro a amostra do G-virus, agora Bertolucci, que também não foi encontrado. Ela passou pela sala de descanso, o escritório do S.T.A.R.S., a biblioteca – todos os lugares onde o repórter teria fácil acesso. E gastou dois clips inteiros para isso.

O problema não foi 23 balas, foi o tempo perdido e sem resultados – exceto por ter matado mais alguns zumbis.

E duas aberrações híbridas da Umbrella.

Ada tremeu, lembrando da contorcida carne vermelha e gritos das criaturas que matou na sala de entrevistas.

Trent alertou sobre os Tyrants modificados – que agradecidamente ainda não apareceram – mas os sanguinários linguarudos com garras eram uma afronta à suas sensibilidades. E são muito mais difíceis de matar que os zumbis. Se eles foram produtos do T-virus, ela deverá rezar para que Birkin não tenha feito nada com o novo.

Segundo Trent, a série G ainda não foi usada, e deve ser duas vezes mais potente...

Ada soltou a imaginação. O escritório não era tão inspirante para descansar, mas pelo menos não tinha sangue.

De porta fechada, ela mal sentia o cheiro dos policiais lá fora. Eles já estavam bem afetados quando ela os matou, o estágio que aparentemente precede o colapso total.

O problema não é senti-los. Meu cabelo e roupas já absorveram o maldito cheiro.

Ela sabia para que servia o T-virus, mas eles não pensaram em pesquisar os efeitos físico-químicos. Quem se importa? Ela não tinha motivos para acreditar que a Umbrella infectaria sua própria cidade. Ela estava recebendo várias informações sobre o funcionamento do vírus, mas seria bom saber como ele modifica a mente humana.

Ela só podia tentar adivinhar através de suas observações.

Pelo que parece, leva algumas horas para alguém infectado virar um zumbi. Às vezes, a vítima passa por uma febre-coma antes, que provavelmente queima partes do cérebro – e pareciam estar acordando da morte em busca de carne fresca logo depois. Os sintomas eram os mesmos para todos, mas não a velocidade do processo; ela viu uns três casos em que a vítima virou zumbi alguns momentos após ser infectada, o estágio que ela chamou de "catarata". Apesar de a deterioração física começar imediatamente, alguns caem aos pedaços mais rápido do que outros.

... e por que você está pensando nisso? Seu trabalho não inclui achar a cura?

Ela suspirou, curvando-se para coçar os pés. Verdade. Mesmo assim, era algo para se considerar. Pensar em ficar viva era cansativo; ela não podia fazer isso enquanto limpava os corredores. Ela estava descansando, e precisava pensar em assuntos mais intrigantes.

E não são poucos... Trent, o que Bertolucci sabe ou deveria saber... o S.T.A.R.S. – e o que diabos aconteceu com eles?

Pelos artigos que Trent incluiu no pacote de informações, ela sabia sobre a suspensão do grupo – e considerando o que estavam investigando, não precisava ser gênio para ver que estavam na cola da Umbrella para revelar seu segredo. A Umbrella já deve ter se livrado deles caso não tenham se escondido – e Ada tem que ver se Trent participou da aventura do S.T.A.R.S..

Não que ela diria, mas Trent era um enigma. Ela só o encontrou uma vez, apesar de tê-la contatado para ir até Raccoon, na maioria das vezes por telefone. Ela sempre se orgulhou da capacidade de ler as pessoas, mas não sabia onde os interesses dele estavam, por que queria o G-virus ou que função exercia na Umbrella. Era óbvio que tinha contatos lá dentro, ele sabia demais sobre a companhia – mas se era o caso, porque ele não pega sua própria amostra e pede demissão? Contratar uma agente secreta era o ato de alguém querendo evitar complicação – mas complicações do que?

Não é da minha conta...

Um bom princípio para se viver; ela também não era paga para investigar Trent. Mesmo que fosse, seria difícil; ela nunca conheceu um homem tão sob-controle como Sr. Trent. Em todo contato que tiveram, ela percebeu que ele ria por dentro, como se soubesse de um ótimo segredo – e ainda não demonstrou arrogância e pretensão. Ele era frio, sua genialidade tão natural que ela mal se intimidou; ela não conseguiu decifrar os motivos dele, mas já tinha visto aquele calmo humor antes – era a face do verdadeiro poder, de um homem com um plano e meios de executá-lo.

Então a contaminação atrapalhou seus planos, sejam lá quais sejam? Ou ele já

estava preparado...? Eu não imagino o termo "pego de surpresa" no vocabulário de Trent...

Ada girou a cabeça vagarosamente antes de se calçar. O intervalo acabou, pois ela ainda tinha que procurar Bertolucci em mais alguns lugares, antes de ir para o esgoto. Ela sabia que as persianas de segurança do primeiro andar não eram tão sólidas assim; ela não quer se deparar com mais zumbis lá de fora.

Havia passagens "secretas" na asa leste e celas no subsolo, depois do estacionamento. Se achá-lo em algum desses lugares, poderá concentrar-se em obter a amostra.

Ela decidiu começar pelo subsolo; ele não conseguiria achar os corredores escondidos. Pelo que ela leu sobre seu trabalho, ele não era um repórter tão bom...

Ada saiu do escritório, os ventiladores de teto levando o cheiro de podre até ela. Devia haver sete ou oito corpos lá, todos policiais...

... mas eu não tinha deixado cinco vivos da última vez?

Ada parou, olhando para o estreito corredor que levava às escadas de trás.

Havia cinco. Eu não estou no meu máximo, mas ainda posso contar.

Havendo ou não, os zumbis estavam invadindo e a Umbrella virá em breve caso ainda não tenha vindo. A companhia não ignoraria esse problema. Já deve ter criado um plano derrota segura*(Nota 6)* e está enchendo a cabeça da mídia com mentiras. Mas é claro que antes, eles devem recuperar a pesquisa de Birkin. Trent estava confiante de que a Umbrella mandaria uma equipe para isso.

Uma equipe de humanos, tomara. Eu posso lidar com eles. Um Tyrant... eu não preciso disso.

Ada foi para o corredor do fundo da sala, à esquerda de onde estava. Foi na direção da porta que a levaria para a escada do subsolo. Tyrant era o nome de uma série particular na pesquisa de armas biológicas da Umbrella, uma série que incorpora as mais destrutivas aplicações do T-virus. De acordo com Trent, os cientistas da White Umbrella – que trabalham nos laboratórios secretos – acabaram de iniciar os testes num tipo de humanóide sanguinário, desenvolvido para caçar qualquer cheiro ou substância com a qual foi treinado. Um Tyrant avançado, outra construção de carne infectada e ligamentos implantados – o tipo de coisa que podem mandar em busca do G-virus...

Ada foi para o subsolo, tentar achar o repórter.

Leon estava no saqueado depósito de armas do subsolo, ajustando seu coldre e

pensando onde Claire estaria.

Pelo pouco que viu, a delegacia estava muito ruim. Fria, escura e cheirando mal, mas não tão perigosa quanto a rua. Nem tanto para se agradecer, mas Leon vai tirar o máximo de proveito.

Ele matou três companheiros a caminho do subsolo – dois homens escada acima e uma mulher em frente ao necrotério – a alguns metros da sala onde ficava o arsenal do R.P.D.. Entre os mortos e o número de armas faltando, Marvin pode estar certo sobre haver sobreviventes.

Marvin Branagh... já deve estar morto. Será que virou zumbi? Se a Umbrella está por trás disso, deve ser algum tipo de praga ou doença, afinal, eles são uma companhia farmacêutica – então, como se pega a doença? Pelo contato ou pelo ar – O pensamento de ser infectado pelos zumbis o fez suar. E se ele a pegou enquanto dirigia para cá?

Antes do pânico, ele ouviu sua mente dizer sobre a realidade – e a aceitação da realidade também, afugentando o medo.

Se você está doente, está doente. Você pode comer uma bala antes de piorar. Se não está doente, sobreviverá para contar aos seus netos sobre tudo isso. De qualquer jeito, não há nada que você pode fazer – exceto tentar ser um policial.

Leon concordou, suspirando. Em sua primeira busca pela sala, houve desapontamento. Nenhum revólver e pouca munição nos armários – mas ele achou uma caixa de munição para espingarda, e depois de um segundo procurando, ele descobriu uma calibre doze escondida atrás de algumas caixas. Haviam alguns arreios de ombro para o modelo Remington pendurados na parede, tal como um cinto de utilidade maior do que o que já usava; tinha até um bolso fundo o bastante para colocar os clips.

Com o último aperto no arreio, ele decidiu que seria melhor começar pelos lugares mais óbvios primeiro, cada corredor de cada possível entrada. Primeiro ele voltará para o saguão e deixar uma mensagem no – *Bam! Bam! Bam!*

Tiros, bem perto, e o eco dizia vir do corredor lá fora. Leon empunhou o revólver e correu para a porta, preciosos segundos desperdiçados enquanto manejava a fechadura giratória.

O corredor estava deserto, exceto pelo guarda de trânsito no chão à sua direita. Para a direita ficava o estacionamento, e Leon correu para lá, lembrando-se para ir com clama e não ser baleado por alguém aterrorizado.

Vá devagar, olhe bem antes de se mover, identifique-se claramente -

O corredor virava à esquerda, e no final dele, estava a porta na parede do lado direito, aberta – e quando Leon deu uma olhada no grande e aberto espaço, seu corpo encostou na parede, vendo algo que o fez esquecer do atirador.

O cachorro. É o mesmo maldito cachorro.

Impossível – mas o caído e sem vida animal no meio de dois carros parecia o mesmo. Mesmo com o breve avistamento que teve antes, o melequento demônio canino era igual àquele que o tinha jogado fora da estrada.

Sob as fluorescentes que iluminavam a garagem, Leon pode ver o quanto anormal ele era.

Nada parecia se mover, e nenhum som exceto o zumbido das luzes. Ainda segurando sua arma, Leon entrou na garagem, determinado a olhar a criatura de perto – e viu um outro perto de uma viatura, aparentemente morto como o primeiro. Ambos estavam no meio de uma poça vermelha de sangue.

Umbrella. Os ataques animais, a doença – há quanto tempo isso está acontecendo? E como conseguiram manter isso escondido depois de todas aquelas mortes?

Mais confuso era o fato de Raccoon ainda não ter recebido ajuda; a Umbrella deve ter conseguido esconder seu envolvimento nos assassinatos "canibais", mas como ela impediu as pessoas de pedir ajuda lá fora?

Esses cães, como cópias em carbono... outra coisa que a Umbrella fez em seus laboratórios?

Ele deu outro passo na direção das criaturas, não gostando das teorias de conspiração que estavam se formando em sua mente, mas incapaz de ignorá-las. Do que ele menos gostava, eram das poças de óleo no chão de cimento; pareciam enferrujadas, secas – e haviam muitas delas para contar. Ele se curvou para olhar de perto, tão intrigado que só percebeu o tiro quando a bala ricocheteou no chão.

Bam!

Leon virou para a esquerda, erguendo a arma e gritando ao mesmo tempo – "Pare de atirar!".– e viu a atiradora abaixar sua arma, uma mulher de vestido vermelho e longas meias pretas, parada ao lado de um furgão no final da garagem. Ela começou a ir até ele, suas pernas finas movendo-se suavemente, cabeça erguida e ombros para trás. Parecia estar numa festa.

Leon sentiu uma onda de raiva, de como ela parecia clama após quase tê-lo matado – mas assim que se aproximou, ele quis pedir desculpas. Ela era bonita, e parecia sentir prazer em vê-lo; uma visão bem vinda depois de tanta morte.

"Desculpe-me por aquilo". Ela disse. "Quando vi o uniforme, pensei que fosse outro zumbi".

Mestiça, magra e alta, cabelo curto, liso e escuro. Sua acentuada voz contrastava estranhamente com seu olhar.

Seu frágil sorriso não combinava com os olhos amendoados que o examinavam cuidadosamente.

"Quem é você?". Leon perguntou.

"Ada Wong'. Aquele tom de novo. Ela inclinou a cabeça, ainda sorrindo.

"Eu sou Leon S. Kennedy". Ele disse reflexivamente, incerto sobre o que perguntar ou por onde começar. "Eu – o que você faz aqui embaixo?".

Ada olhou para o furgão do R.P.D. que bloqueava a área das celas. "Eu vim para Raccoon em busca de um homem, um repórter chamado Bertolucci; eu tenho motivos para crer que ele esteja em uma das celas, e acho que ele pode me ajudar a achar meu namorado...".

O sorriso dela sumiu, o agudo, quase elétrico olhar achando o dele... "E acho que ele sabe tudo sobre o que aconteceu aqui. Você me ajuda a empurrar o furgão?".

Se o repórter estiver trancado lá, poderá dizer algo; Leon quer conhecê-lo. Ele não confiava muito na história de Ada, mas não imaginava porque mentiria. O lugar não é seguro, e ele estava procurando por sobreviventes, como ela.

"Tá bom". Ele disse, sentindo-se pego pelos suaves modos dela. Parecia que ela tinha assumido o controle, uma súbita mas proposital manipulação que a pôs no comando – Não seja paranóico; mulheres fortes existem. E quanto mais pessoa encontrar, mais ajuda eu terei para procurar a Claire.

Leon guardou a arma e foi atrás dela, esperando que o repórter estivesse lá – e que as coisas começassem a fazer sentido o quanto antes.

Capítulo 13

Sherry Birkin se foi e Claire não conseguiu entrar no duto. Seja lá o que ou quem tinha gritado, não apareceu. Ela devia estar se escondendo no duto por algum tempo; haviam embalagens abertas de doces e um velho lençol perto da abertura, atrás de três armaduras.

Percebendo que Sherry não voltaria, Claire correu para a sala de Irons, esperando que ele pudesse dizer onde a tubulação dava, mas ele tinha sumido – junto com o corpo da filha do prefeito.

Claire parou no escritório, sendo observada pelos olhos de vidro da mórbida decoração, e se sentiu incerta pela primeira vez desde que chegou na cidade. Desviar de cães e zumbis, encontrar Leon e evitar o Chefe Irons foram tarefas inclusas na busca por Chris. Nos poucos momentos entre encontrar aquela garotinha e aquele estranho grito, suas prioridades mudaram dramaticamente. Havia uma criança nesse pesadelo, que acreditava estar sendo seguida por um monstro.

Talvez esteja. Se Raccoon tem zumbis, por que não monstros? Droga, por que não vampiros ou robôs assassinos?

Ela queria achar Sherry, mas não sabia por onde começar. Ela queria seu irmão, mas não sabia onde estava – e ela começou a imaginar se ele sabia o que tinha acontecido na cidade.

Na última vez que conversaram, ele evitou falar sobre a suspensão do S.T.A.R.S., insistindo que não era nada para se preocupar – que ele e os outros entraram em problemas políticos e tudo se resolveria. Ela estava acostumada com a proteção dele, mas pensando melhor, ele não parece evasivo demais? E o S.T.A.R.S. estava investigando os assassinatos canibais, não seria difícil conectá-los com a atual...

... o que quer dizer? Que Chris descobriu algo ruim e estava mantendo segredo?

Ela não sabia. Mas sabia que ele estava vivo, e que achar Sherry era mais importante no momento. Ruim como a situação estava, Claire tinha defesas – ela tinha uma arma, pelo menos um pouco de maturidade emocional, e depois de 8KM diários, estava em excelente forma. Mas Sherry não devia ter mais do que doze anos, parecia frágil em todos os sentidos; pela sujeira em seu cabelo loiro e desespero em seus olhos azuis – Sherry inspirou todos os sentidos protetores de Claire – *Thump!*

Uma pesada vibração correu pelo teto, fazendo o lustre do escritório tremer.

Claire olhou para cima reflexivamente, apontando a arma. Não havia nada e o som não se repetiu.

Algo no telhado... mas o que fez aquele barulho? Um elefante caindo do céu?

Talvez fosse o monstro de Sherry. Claire não queria encontrá-lo, mas Sherry parecia certa de estar sendo seguida...

... então achar o monstro para achar a garota? Não é o plano perfeito mas é tudo o que tenho.

Talvez seja Irons lá em cima. Ela não podia saber até verificar.

Claire virou e abriu a porta para o corredor de fora, onde tinha apagado o fogo. A fumaça diminuiu apesar de ainda estar quente. Pelo menos nisso ela foi bem sucedida...

Claire saiu do corredor, virando os olhos para o que sobrou do piloto quando – *Craa-ack!* – e ela congelou, ouvindo um massivo despedaçamento de madeira, seguido por poderosos passos de alguém enorme andando pelo corredor, depois da curva.

Deve pesar uma tonelada, e Jesus, diga-me que não foi uma porta sendo destruída – Claire olhou para o corredor do escritório, seus instintos dizendo para correr, seu cérebro dizendo que não tinha saída, seu corpo paralisado entre os dois – quando o maior homem que já viu apareceu, escurecido pela fina fumaça do corredor. Ele vestia um longo sobretudo verde-exército que só aumentava seu tamanho, tão alto quanto um jogador de basquete – bem mais alto, e com uma cabeça proporcional. Um grande cinto de utilidade estava preso em sua cintura, e apesar de não ver armas, ela pôde sentir a violência radiando dele em ondas invisíveis. Ela só conseguia ver a palidez no rosto dele, a cabeça careca – e de repente, Claire estava certa de que ele era um monstro, um assassino usando luvas pretas, cada uma do tamanho de um crânio humano – Atire nele! Atire!

Claire mirou, mas hesitou, com medo de estar cometendo um terrível erro – até que ele deu um passo na direção dela, ouvindo os cracks na madeira causados por seus pés de Frankenstein, e ela viu os olhos negros, negros e corados com vermelho. Vazios, mas não cegos, o olhar dele achou o dela – e ele ergueu o punho, a ameaça eminente.– atireatireatire – Ela apertou o gatilho, uma, duas vezes, e viu o impacto – um pedaço de tecido rasgou bem abaixo de sua clavícula, o segundo tiro cortando um lado do pescoço – e ele deu outro passo, nenhuma expressão em seu rosto, o punho ainda erguido, procurando um alvo, querendo esmagar – o escuro e esfumaçado buraco no pescoço não sangrava.

Droga!

Numa onda de adrenalina, Claire apontou o revólver para o coração da criatura e atirou repetidamente, o gigante dando outro passo, cruzando o fogo sem acovardar-se – e Claire perdeu a linha dos tiros, incapaz de acreditar que ele ainda se movia, a menos de três metros com as balas acertando seu peito – e a arma clicou, vazia, na mesma hora que o monstro balançou de um lado para o outro como um prédio no vento. Sem tirar os olhos dele, Claire pegou outro clip do colete e recarregou a arma, sua mente tentando desesperadamente dar um nome à coisa.

Exterminador, O monstro de Frankenstein, Dr. Mal, Mr. X – De qualquer modo as balas finalmente fizeram efeito. Silenciosamente, ele inclinou para a direita, caindo contra a parede chamuscada, e permanecendo lá – sem tremer nem se mexer.

Estranho, isso é tudo, está morto, derrubado por seu próprio peso – Claire não se aproximou, ainda mirando no gigante. Foi ele que gritou? Ela não achava.

"Morto, não importa". Claire cochichou. Precisava pensar no que ele significava – ele não era um zumbi qualquer, mas o que então? Ela esvaziou um clip inteiro – será que alguém por perto ouviu? Ela deveria ficar onde estava?

A criatura que começou a chamar de Mr. X não estava respirando, seu corpo imóvel, seu rosto bem perto da morte. Claire mordeu o lábio inferior, olhando para a ainda impossível criatura quando – ele abriu os olhos negros e brilhantes. Sem muita força, Mr. X levantou-se, bloqueando o corredor, suas mãos erguendo-se de novo – e com um forte impulso, ele cortou o ar com a mão, seus longos braços bem na frente dela enquanto recuava.

O movimento foi suficiente para cravar o punho na parede, prendendo-o.

Eu, poderia ter sido EU – Voltar para o escritório a deixaria cercada. Sem pensar mais, Claire correu, passando por Mr. X, seu braço direito esfregando no pesado casaco dele, seu coração pulando uma batida quando o material a tocou.

Ela correu, virou à esquerda e desceu o corredor, tentando não ouvir Mr. X libertando a mão.

Jesus, o que é aquela COISA – Ela voltou para a sala de espera, batendo a porta enquanto corria. Claire não pensava em outra coisa senão correr mais rápido.

Ben Bertolucci estava na última cela, deitado na cama de metal pendurada na parede, roncando levemente.

Mantendo suas expressões cuidadosa-mente neutras, Ada deixou Leon acordá-lo. Ela não queria parecer ansiosa, mas se havia algo que sabia sobre os homens era que eles são mais fáceis de lidar quando pensam estar no controle. Ada olhou para

Leon com a paciência que não sentia.

Eles tinham passado por um corredor vazio e um canil antes de achá-lo. Apesar do frio e úmido ar cheirando sangue e podridão, eles não viram nenhum corpo – o que era estranho, já que Ada sabia o que tinha acontecido na garagem. Ela pensou em perguntar a Leon o que tinha acontecido, mas decidiu que quanto menos falar melhor; ele não devia se acostumar com a presença dela. Ela chegou a ver a tampa do bueiro no canil, enferrujando num canto escuro, e agradecida por ver um pé-de-cabra ali perto. Com Bertolucci dormindo ali, Ada sentiu que as coisas finalmente começaram a dar certo – "Deixe-me adivinhar". Leon disse bem alto, batendo a arma nas barras de metal. "Você deve ser Bertolucci, certo? Levante-se, agora."

Bertolucci suspirou e sentou-se devagar, esfregando a mão no queixo. Ada quis sorrir; ele estava mau – roupa amarrotada, rabo de cavalo desarrumado.

Ainda de gravata. O coitado deve achar que isso o faz parecer um repórter...

"O que você quer? Eu estava tentando dormir aqui". Ele parecia nervoso, e de novo Ada teve que conter um sorriso.

Leon olhou para Ada, parecendo incerto. "É ele?".

Ela acenou, percebendo que Leon o considerava um prisioneiro. A conversa esclareceria tudo, mas ela não queria que Leon ouvisse demais; Ada precisa escolher bem as palavras.

"Ben, você disse aos oficiais da cidade que sabia o que estava acontecendo aqui, não foi? O que você disse a eles?".

Bertolucci levantou e a encarou. "Quem diabos é você?".

Fingindo que não ouviu, Ada aumentou o desespero, mas só um pouco; ela não devia parecer uma coitada, poderia contrariar o fato de ter sobrevivido todo esse tempo.

"Eu estou tentando achar um – amigo meu, John Howe. Ele trabalhava para uma divisão da Umbrella em Chicago, mas desapareceu há alguns meses atrás – e eu ouvi dizer que ele está aqui, nesta cidade...".

Ela parou, vendo a expressão do repórter. Ele sabia de algo, sem dúvida – mas ela não achava que ele fosse desistir.

"Eu não sei de nada". Ele disse, irritado. "e mesmo se eu soubesse, por que eu deveria dizer?".

Original. Se o policial não estivesse aqui, eu só daria um tiro no repórter.

Na verdade, ela não atiraria: Ada não estava lá para diversão. Ela podia usar um de seus métodos mais persuasivos – se seu charme feminino não funcionar, uma bala no joelho ajudaria. Infelizmente, ela não podia fazer nada com Leon por perto. Ela não tinha planejado esse encontro.

O policial não estava feliz com as respostas de Ben. "Tá bom, podemos deixá-lo aí". Leon disse, falando com Ada, mas olhando bem irritado para Ben.

Bertolucci sorriu, tirando um anel redondo com as chaves da cela. Ada não se surpreendeu e Leon ficou mais irritado.

"Por mim tudo bem". Bertolucci disse. "Eu não quero sair daqui mesmo. É o lugar mais seguro do prédio. Tem mais do que zumbis por aí, acreditem em mim".

Pelo jeito que falou, Ada pensou em ter mesmo que matá-lo. As instruções de Trent foram claras – se o repórter souber de alguma coisa sobre o trabalho de Birkin no G-virus, ele deve ser eliminado; por que, exatamente, ela não estava certa, mas esta é a missão. Se ela pudesse ficar um momento a sós com ele, conseguiria descobrir o quanto ele sabe.

Mas como? Ela não queria matar Leon; como regra, ela não mata inocentes – além disso, ela gostava de policiais.

"Ggrraaa!".

Um violento e inumano grito furou o silêncio. Ada girou o braço, mirando no portão que dava para o corredor. E estava no subsolo – "O que foi aquilo?". Leon disse. Ada esperava que ele soubesse a resposta. O eco do furioso grito não se comparava à nada que ela já tinha ouvido – mesmo sabendo o que a Umbrella fazia, isso não era esperado.

"Como eu disse, eu não saio daqui". Bertolucci disse. "Agora vão embora antes que o tragam direto para mim!".

Covarde chorão – "Olha, eu posso se o único policial vivo nesse prédio". Leon disse, a combinação de medo e força em sua voz fez Ada olhar para ele. O olhar do policial estava fixado em Bertolucci, seus olhos azuis agudos e firmes.

"... e se você quiser viver, terá que vir conosco".

"Esqueça". Ben disse. "Eu vou ficar aqui até a cavalgaria chegar – e se forem espertos, farão a mesma coisa".

Leon balançou a cabeça. "E se eles demorarem dias para vir, é melhor acharmos um jeito de sair de Raccoon – e você escutou aquele grito. Você quer ser visitado pelo que fez aquilo?".

Ela se impressionou; alguma criatura da Umbrella por aí e Leon tentando salvar um repórter inútil.

"Eu vou correr o risco". Disse Bertolucci. "e boa sorte para fugir, vocês vão precisar...".

O repórter foi até as barras, olhando entre elas, passando a mão no cabelo.

"Olha,". Disse suavemente. 'tem um canil lá atrás, com um poço no chão vocês podem chegar ao esgoto por lá, deve ser o caminho mais rápido para fora da cidade".

Ada suspirou intensamente. Ótimo; revelou sua passagem secreta para o laboratório. Se ela correr de Leon agora, vai levar uns cinco minutos para ele alcançá-la.

Você pode matá-lo se necessário. Ou... você o faz se perder nos esgotos e volta para Bertolucci.

Como o repórter, ela não queria ver a coisa que gritou – sendo que ele não vai fugir, enganar o policial é a melhor saída.

O que eu não faço para evitar derramamento de sangue.

"Certo, eu vou verificar". Ela disse, e sem esperar a resposta de Leon, virou e correu.

"Ada! Ada, espere!".

Ela o ignorou, passando pelas celas e voltando para o corredor, aliviada por ainda estar vazio. Tudo poderia ser mais fácil se ela tivesse matado os dois, mas a situação é diferente. Ela estava cansada de tantas mortes, e cansada do que a Umbrella fez; ela não vai matar um policial, exceto se precisar.

E se ela precisar, será pela vida de um inocente ou pela finalização da missão?

Essa pergunta a disse mais sobre sua consciência do que queria admitir. Ela chegou na porta do canil; respirando fundo e apagando qualquer emoção de sua mente, Ada entrou para esperar Leon S. Kennedy.

Capítulo 14

Tão bonita... mesmo morta, Beverly Harris era radiante. Irons não podia esperar que ela acordasse enquanto olhava; ele a colocou cuidadosamente no gabinete de pedra debaixo da pia e trancou, prometendo que a tiraria dali assim que tiver mais tempo. Ela se tornará o animal mais delicado que já transformou, posando eternamente perfeita assim que prepará-la do modo certo... um sonho se realizando.

Se eu tiver tempo. Se houver tempo restando.

Ele sabia que estava sentindo pena de si mesmo de novo. Não tinha ninguém para dividir a magnitude de tudo o que já sofreu. Ele se sentiu terrível – triste, bravo e sozinho – mas também sentiu que tudo ficou claro. Agora ele sabia por que estava sendo perseguido.

Umbrella. Uma conspiração para me destruir, todo esse tempo...

Irons sentou na manchada mesa de seu san-tuário, seu especial e particular lugar, pensando em quanto tempo levará para a jovem mulher aparecer.

A do corpo atlético que não disse seu nome. De certo modo, ela foi responsável por sua descoberta.

Ela o achará, claro; era uma espiã da Umbrella, a companhia que o tem observado por um tempo. Eles deviam ter uma lista de todos os seus pertences, relatórios psicológicos e até cópias de suas contas bancárias. Tudo fazia sentido, agora que tinha tempo para pensar; ele era o homem mais poderoso em Raccoon, e a Umbrella designou sua queda.

Irons olhou para seus tesouros, as ferramentas e troféus que estavam nas estantes à sua frente, e não sentiu o prazer que costumavam inspirá-lo. Os ossos polidos eram só algo para olhar enquanto sua mente trabalhava, absorvida com a traição da Umbrella.

Anos atrás, quando ele passou a receber dinheiro da companhia para ficar cego sobre seus feitos, as coisas eram diferentes; aí era só uma questão de política, achar uma boa posição na poderosa estrutura que controlava Raccoon. E tudo funcionou bem por um longo tempo – sua carreira prosseguiu como previsto, ganhou o respeito dos oficiais e cidadãos, e na maior parte, seus investimentos valeram a pena. A vida estava sendo boa.

Depois apareceu Birkin. Wiliam Birkin e sua neurótica esposa, e a filha.

Depois do que aconteceu na mansão de Spencer, ele quase se convenceu de

que o S.T.A.R.S. foi o responsável, mas agora ele percebe que foi mesmo Birkin, um ano antes da bola começar a rolar; a destruição da mansão só adiantou as coisas. A Umbrella deve ter começado a monitorá-lo desde que conheceu Birkin – primeiro só o observavam, instalando câmeras e microfones ocultos. Os espiões viriam depois...

Os Birkin vieram para Raccoon tal que Wiliam pudesse se dedicar ao desenvolvimento de uma versão superior ao T-virus, baseado na pesquisa do laboratório da mansão. Por mais que Wiliam fosse esquisito e desagradável, Irons gostava dele, desde o começo. Wiliam era o menino gênio da Umbrella, e como Irons, não reclamava de seu cargo; Birkin era humilde, só interessado em desempenhar seu papel. Ambos eram muito ocupados para manter uma amizade, mas havia respeito entre os dois: às vezes Irons percebia que Wiliam o observava...

E o meu erro foi deixar. Deixar o meu respeito por ele nublar meus instintos, não me deixar perceber que estava sendo observado desde o começo.

A perda do laboratório da mansão fez passar algumas ondas pela hierarquia da Umbrella, e alguns dias depois de explosão, Annette Birkin foi até ele com uma mensagem do marido – uma mensagem e um favor. Birkin estava preocupado, a Umbrella iria exigir o G-virus antes de ser terminado; ele não estava satisfeito com a aplicação de seu último trabalho, parece que a Umbrella não o deixou aperfeiçoar o processo de replicação, Irons não se lembra direito – e com a Umbrella tentando recuperar as perdas financeiras da mansão, Birkin ficou com medo de eles comprometerem a integridade do não-testado vírus.

Através de Annette, Wiliam pediu ajuda – e ofereceu um pequeno incentivo extra. Por cem mil, Irons teria que ajudar a manter o G-virus encoberto – resumindo, tomar cuidado com espiões da Umbrella e ficar de olho nos sobreviventes do S.T.A.R.S.

Dinheiro fácil, exceto por ser uma armadilha da Umbrella...

Irons foi direto para ela, e foi quando a companhia começou a conspirara contra ele, usando as informações que conseguiram selar seu destino. Como tudo aconteceu tão rápido? O S.T.A.R.S. desapareceu, depois Birkin – e antes de entender a situação, os ataques recomeçaram.

Irons desceu da mesa e caminhou por ela, vagarosamente tocando os cortes na madeira. Havia uma história em cada marca, a memória de um feito – e de novo, não lhe davam prazer. A fria e calma atmosfera de seu santuário sempre o consolou, onde praticava seus hobbies, onde ele podia ser ele mesmo – e agora não é mais seu. Nada era, a Umbrella tirou tudo dele, tal como a cidade. Será que soltaram o vírus para pegá-lo, para roubar seu poder – e depois mandaram aquela garota de roupa

provocante para ele se divertir? Por que ela era atraente?

Eles conheciam suas fraquezas...

...e em breve ela voltará, talvez bancando a perdida, tentando me seduzir com seu indefeso comportamento.

Uma assassina da Umbrella, uma espiã exploradora, tudo o que ela é, provavelmente rindo de mim por trás daquele rosto bonito...

Talvez a contaminação foi um acidente; da última vez que se viram, Wiliam estava instável, paranóico e exausto, e acidentes acontecem na melhor das circunstâncias. O resto era fato, não tinha outra explicação para o quanto arruinado Irons estava. Aquela garota estava vindo pegá-lo, ela era da Umbrella e foi enviada para matá-lo. E não pararia aí, oh, não, ela vai achar Beverly e... e sujá-la de algum modo, só para ter certeza de que nada de Irons sobrará.

Irons olhou em volta da pequena e suavemente iluminada sala que um dia foi sua, olhando orgulhosamente para as bem usadas ferramentas e móveis, o doce e familiar cheiro de desinfetante emanando das irregulares paredes de pedra.

Meu santuário. Meu.

Ele pegou o revólver que estava em sua especial mesa de corte, a VP70 ainda era sua, e sentiu um pequeno sorriso nos lábios. Sua vida estava acabada. Tudo começou com Birkin e vai terminar aqui, pelas suas próprias mãos. Mas não agora.

A garota vai voltar, e ele vai matá-la, antes de dizer adeus para Beverly, antes de admitir sua derrota com um tiro. Mas ele a fará sentir seu sofrimento antes. Por cada tortura que ele sofreu, a garota iria pagar, a conta descontada em cada osso o mais dolorosamente possível.

Ele iria morrer, mas não sozinho. Não sem ouvir a garota gritar de agonia, criando a voz para a morte de seus sonhos – uma voz tão verdadeira que o eco atingiria o coração dos executivos da companhia que o traiu.

A sala do S.T.A.R.S. estava vazia, desarrumada, fria e empoeirada, mas Claire não queria sair. Depois de seu aterrorizante vôo pelos corredores do segundo andar, achar o lugar de trabalho de seu irmão a deixou aliviada.

Mr. X não a seguiu, e mesmo querendo achar Sherry e Leon, ficou com medo de voltar para o corredor – e hesitante em deixar o único lugar que se parecia com Chris.

Onde você está meu irmão? E o que vou fazer? Zumbis, fogo, morte, seu estranho chefe e a garota perdida – e quando as coisas não podiam ficar piores, eu

dou de cara com a-coisa-que-não-quer-morrer, o monstro dos monstros. Como eu saio dessa?

Ela sentou na mesa de Chris, olhando as fotos preto e brancas que achou no findo da gaveta; as quatro eram deles dois, sorrindo e posando na semana que passaram em Nova Iorque no natal passado. Primeiro ela quis chorar, mas os dois sorrindo a fizeram se sentir melhor. Mais calma. Mais forte. Ela o amava, e onde quer que ele esteja, a amará de volta – e se ambos sobreviveram a perda dos pais, reconstruíram suas vidas e dividiram um bobo natal por não ter um lar para ir, então eles podiam enfrentar tudo. Claire podia.

Pode e vai. Eu vou achar Sherry, Leon e se Deus quiser, meu irmão – e nós vamos sair de Raccoon.

A verdade era, ela não tinha outra escolha – mas ela precisa aceitar a falta de opções antes de agir. Uma vez ela ouviu que bravura não era a ausência do medo, era aceitar o medo e fazer o que for necessário.

Claire respirou fundo, colocou as fotos no colete e levantou da cadeira. Ela não sabe para onde Mr. X foi, e ele não parece ser alguém que fica esperando. Ela vai voltar para a sala de Irons e ver se Sherry voltou – ou Irons.

Se X ainda estiver lá, ela pode correr.

Além disso, eu devia vasculhar a sala e tentar achar algo sobre o S.T.A.R.S.

De pé, ela olhou em volta, desejando ter achado mais informações. Tudo o que achou de útil foi uma mochila engraçada na mesa de trás; segundo o cartão vencido da biblioteca, a mesa era de Jill Valentine. Claire nunca a conheceu mas Chris já falou dela algumas vezes, disse que era boa com armas...

Pena que não deixou uma para trás.

Eles devem ter deixado para trás tudo o que não era importante depois da suspensão, apesar de ainda haverem muitos itens pessoais lá. Porta retratos, copos de café e o de costume. Ela olhou para a mesa de Barry, havia uma arma de montar quase terminada. Barry Burton era um dos amigos mais próximos de Chris, um grande e amigável homem, maluco por armas. Claire esperou que onde quer que Chris esteja, Barry esteja cuidando dele.

Com um lança-chamas.

Falando nisso...

Ela precisa achar outra arma, ou mais munição; ela só tinha treze balas restando, um clip inteiro. Talvez ela deva checar alguns corpos na volta para a asa

leste; mesmo correndo apavorada, ela percebeu que alguns deles eram policiais, e seu revólver era um equipamento do R.P.D.. Claire não gostou da idéia de ter que tocar cadáveres, mas ficar sem balas era pior – principalmente com Mr. X por aí.

Claire voltou para a porta e a abriu, organizando seus pensamentos enquanto voltava para o escuro corredor.

Deixar o escritório a fez apagar a ainda vívida imagem de Mr. X, sentindo-se vulnerável de repente. Ela foi para a direita e começou a voltar para a biblioteca, decidindo que não pensará mais no gigante, exceto se precisar, não insistiria na memória daqueles olhos vazios, ou do modo que ergueu o punho, como se fosse destruir tudo em seu caminho...

... então apague tudo isso. Pense em Sherry, em como achar munição ou como lidar com Irons, caso o ache.

Pense em ficar viva.

Bem à frente o corredor virava à esquerda e Claire tentou ignorar a tarefa seguinte; se não lhe falhe a memória, tinha um policial morto perto da curva. – como se eu não soubesse pelo cheiro – e ela tinha que vasculhá-lo. Ele não parecia tão nojento – Claire fez a curva e congelou, olhando. Seu estômago deu um nó, dizendo-a que estava em perigo antes mesmo de seus sentidos. O corpo que ela tinha pulado a caminho do escritório do S.T.A.R.S. tinha virado uma enrolada e sangrenta massa de carne, ossos quebrados e uniforme rasgado. A cabeça se foi, apesar de não saber se foi arrancada ou se estava dissolvida na polpa. Parece que alguém martelou o corpo depois que passou por ele.

Mas como, eu não ouvi nada – Algo se mexeu. Uma suave sombra sobre os restos a alguns metros dela, e na mesma hora, Claire ouviu um

áspero som, respirando – e ela olhou para cima, ainda incerta sobre o que via ou ouvia – a respiração e o tick das garras na madeira, grossas e curvas, as garras de uma criatura que não podia existir. Grande, do tamanho de um homem adulto, mas a semelhança terminava aí – era tão impossível que só o via por partes, sua mente forçando para juntá-las.

A inflamada e avermelhada carne da criatura pelada, seus longos membros que aderiam no teto. A inchada massa cinzenta do cérebro parcialmente exposto. Um coroa cicatrizada onde os olhos deveriam estar. – não estou vendo isso – A cabeça da criatura rolou para o lado, sua grande boca abrindo, um longo fio de baba caindo e acertando o que tinha sobrado do policial. Ele estendeu a língua, lisa e rosa, a superfície brilhando enquanto deslizava para fora. E para fora. E para fora, a comprida língua ia de um lado para o outro, tão longa que tocou os restos do

policial.

Ainda congelada, Claire olhava desacreditada enquanto a língua era recolhida, deixando pingar sangue. O processo inteiro só levou um segundo, mas o tempo começou a passar, o coração de Claire batia tão forte que tudo mais estava em câmera lenta – até quando a criatura pulou no chão de madeira, seu corpo girando no ar e aterrissando agachado em cima do corpo mutilado.

A criatura abriu a boca de novo e gritou – e Claire finalmente conseguiu se mexer, apontando e atirando. O trovão das balas ecoaram pelo corredor, *bam-bam-bam* – e ainda gritando, a criatura caiu de costas, seus braços batendo. As pernas chutaram pedaços de carne do cadáver no chão; Claire viu um pedaço de pele, ainda com uma orelha grudada, voar pelo corredor e bater na parede, deslizando até o chão – e a criatura se desvirou, partindo em um arremesso. Ele engatinhou até ela, rápido como um raio, agarrando o chão com suas garras e uivando.

Claire atirou de novo, não ciente de que também estava gritando enquanto três balas acertaram a coisa, atravessando a cinza massa que saia de seu crânio. Ela ia morrer, estará nela em menos de um segundo, as garras estavam a centímetros de suas pernas – e tão subitamente quanto o ataque foi, estava acabado. Cada parte do robusto corpo tremeu, balançou enquanto um líquido claro gotejava de sua cabeça, as grossas garras batendo no chão de madeira ritimadamente. Com um último choro, a criatura morreu. Não houve erro desta vez. Ela acertou o cérebro, não vai se levantar.

Ela olhou para o monstro, sua mente procurando por algo parecido, algum animal – mas ela desistiu, percebendo que era uma causa perdida. Não era uma criatura natural e por mais que parecesse, ela finalmente sentiu o cheiro – o odor não era tão picante quanto o dos zumbis. Era um amargo e oleoso cheiro, mais químico do que animal...

... podia cheirar como bolachas de chocolate, quem se importa? Raccoon City ganhou monstros, é hora de parar de ficar tão surpresa ao ver um deles.

Por mais que quisesse se sentir brava e determinada, pensou seriamente em voltar para o escritório do S.T.A.R.S. e trancar a porta. Poderia se esconder e esperar a ajuda, poderia estar a salvo – Decida. Faça algo, de um jeito ou de outro, pare de hesitar e choramingar, por que não é só você. Estará Sherry a salvo? Você quer viver às custas da vida dela.

Claire deu um cuidadoso passo sobre a criatura e agachou perto do que sobrou do policial, usando a ponta da arma para virar um pedaço do uniforme. Ela respirou bile enquanto vasculhava os restos, tentando não imaginar quem o policial foi ou

como morreu.

Nada, e agora ela só tem sete balas – mas ela rejeitou o pânico, deixando a decepção abastecer sua determinação. Se ela examinou um monte de carne, poderia examinar outro.

Com um último olhar para a criatura, Claire levantou e andou rápido para o fim do corredor, decidida: sem se esconder e sem correr do medo. Pelo menos ela pode levar algum monstro consigo, aumentando as chances de Sherry sobreviver.

Seria melhor morrer tentando do que não tentar. Ela não vai hesitar novamente.

Capítulo 15

Leon encontrou Ada no canil, fazendo força para erguer a enferrujada tampa do poço que tinha sido mencionada pelo repórter. Ela tinha achado um pé-de-cabra e o colocou sob a tampa, seu bem definido bíceps brilhava com o suor enquanto puxava a tampa. Ela conseguiu erguer a tampa um centímetro, mas deixou cair assim que ele apareceu, o som metálico bem alto no vazio lugar.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, ela soltou a barra no chão de cimento e olhou para cima, dando um meio sorriso, esfregando as mãos sujas.

"Ainda bem que está aqui. Não acho que sou forte o bastante para conseguir sozinha...".

Ele não tinha certeza antes mas aquele indefeso sorrisinho apertou o nó; ela estava enganando ele, ou tentando.

Ele conheceu Ada há vinte minutos e nunca achou que ela fosse indefesa para nada.

"Parece estar indo bem". Ele disse, guardando a arma e sem se mexer para ajudar. Ele cruzou os braços, franzindo. Não estava bravo, só curioso.

"Qual é a pressa? Pensei que você quisesse falar com o repórter. Sobre John, seu amigo da Umbrella...".

As expressões dela ficaram frias e duras, mas não de um modo ruim; ela foi bem cuidadosa para evitar as perguntas de Leon, mas desta vez a Sra. Wong terá que explicar algumas coisas.

Ada se levantou e o olhou. "Você ouviu – ele não ia contar nada para nós. E perigoso como esse lugar é, eu não quero ficar esperando por aí...".

A voz dela suavizou. "... e eu nem sei se John está em Raccoon. Mas eu sei que não está aqui – e eu quero sair da delegacia antes que seja completamente dominada".

Parecia bom, mas por algum motivo, ele sentia que Ada estava escondendo algo. Por alguns segundos, ele fez força para achar o modo correto de fazê-la se abrir – depois deixou de lado; sob as circunstâncias, agrados ficarão suspensos.

"O que está acontecendo, Ada? Você sabe de algo e não quer me contar?".

Ela olhou para ele de novo, e de novo, ele acha que a surpreendeu – mas o olhar dela estava mais ilegível do que nunca.

"Eu só quero sair daqui". Ela disse, e a sinceridade na sua voz era inegável. Ele podia não acreditar em nada do que ela disse, mas nisso ele tinha que acreditar.

Queria que fosse fácil assim, mas tem a Claire, Ben, nosso amigo idiota, e só Deus sabe lá quantos outros.

Leon balançou a cabeça. "Eu não posso ir. Como eu disse, eu posso ser o único policial restando. Se ainda houver sobreviventes, eu preciso tentar ajudá-los. E eu acho melhor você vir comigo".

Ada deu outro sorrisinho. "Eu aprecio sua preocupação, Leon, mas eu posso cuidar de mim mesma".

Ele não duvidava – mas também não queria vê-la testar suas habilidades. Ele também não foi bem testado, mas foi treinado para lidar com situações críticas, era seu trabalho.

E seja honesto consigo mesmo – você perdeu Claire, não pode ajudar Branagh, e Ben não quis saber de sua proteção; você não quer falhar com Ada. E você não quer ficar sozinho.

Ada parecia saber o que ele pensava. Antes que ele pudesse falar algo convincente, ela se aproximou e tocou o braço de Leon, o humor sumindo de seus olhos.

"Eu sei que precisa fazer sua parte aqui – nós temos que sair de Raccoon, tentar sair e pedir ajuda. E os esgotos devem ser a melhor chance que temos...".

O toque o surpreendeu – e mandou um tremor para sua barriga, deixando-o confuso e incerto. Ele tentou esconder a sensação, mas só um pouco.

Ada continuou, franzindo, pensativamente. "Que tal isso – me ajude com a tampa e vemos o que tem lá embaixo. Se for perigoso, eu volto com você... mas se estiver ruim – bom, nós conversamos sobre isso depois".

Ele queria protestar, mas a verdade era, ele não podia obrigá-la a fazer algo que não queria – e ele queria muito que ela não pensasse que ele era do tipo "machão", que ele estava aberto a um compromisso...

... e o nome John te lembra algo? Pare de pensar em seus hormônios.

Sentindo-se estranho ao pensar nisso com ela ainda o tocando, Leon se afastou, acenando ligeiramente. Juntos, eles se agacharam perto da tampa. Leon pegou o pé-de-cabra e encaixou na tampa; assim que ele a levantava, Ada empurrou a barra. Com um alto rangido metálico a tampa abriu – e ambos se afastaram por causa do cheiro que saiu do buraco, um sufocante cheiro de sangue, vômito e urina.

"Eca, o que é isso?". Leon tossiu.

Ada sentou nos calcanhares, tampando a boca com a mão. “Os corpos da garagem, devem ter sido jogados aqui –”.

Antes que ele pudesse perguntar do que ela estava falando, um grito de puro terror ecoou pelo subsolo, filtrado pela porta fechada. O grito continuou e continuou, um homem, o aterrorizado grito mudando para um berro de dor.

O repórter.

Leon travou seu olhar com o de Ada, viu a mesma percepção nela – e já estavam correndo, empunhando armas e cruzando a porta antes dos ecos morrerem.

Eu o deixei, eu não devia – Eles correram para a área das celas, a culpa fazendo Leon correr o mais rápido que podia. Alguém ou algo achou Bertolucci.

Sherry parou no escritório de Irons, esfregando seu colar da sorte e rezando para que Claire voltasse. Ela engatinhou por vários túneis empoeirados para se livrar do monstro e mantê-lo longe de Claire, e tinha certeza de que funcionou – ela não o ouviu de novo e voltou só para descobrir que Claire tinha partido; se o monstro a tivesse achado, estaria morta e partida ao meio.

Mas ela não está aqui. Ninguém está...

Sherry sentou na ponta da mesa no meio da sala, pensando no que faria. Ela tinha se acostumado com a solidão, mas Claire mudou tudo, queria vê-la de novo, queria estar com outras pessoas, queria tanto os pais que começou a doer. Até Sr. Irons seria bom, apesar de Sherry não gostar dele; ela só o viu algumas vezes e ele era estranho, orgulhoso e falso – e seu escritório era pavoroso.

Mesmo assim, ela ficaria grata com a presença dele, só para não ficar sozinha – Passos. No corredor fora da sala.

Sherry levantou e correu para a porta aberta que ia para a sala das armaduras, esperando que fosse Claire e pronta para correr se não fosse. Ela se escondeu atrás da porta e prendeu a respiração, olhando para o tigre empalhado e rezando.

A porta externa abriu e fechou. Abafados e vagarosos passos no carpete, e Sherry tentou correr, ao mesmo tempo criando coragem para dar uma olhada – "Sherry?".

Claire.

"Estou aqui!".

Ela correu par o escritório e lá estava Claire, iluminada com um sorriso. Sherry

voou nos braços dela, tão feliz em vê-la que quis chorar.

"Eu estava procurando você". Claire disse, abraçando-a fortemente. "Não corra daquele jeito de novo, está bem?".

Claire se ajoelhou na frente dela, ainda sorrindo – mas Sherry pôde ver a preocupação em seu olhar.

"Eu sinto muito". Sherry disse. "Eu tive que correr senão o monstro viria".

Como ele se parece?". Claire perguntou, apagando o sorriso. "Ele é meio vermelho com garras?".

Sherry suspirou. "Os homens do avesso! Você viu um, não viu?".

Claire riu, balançando a cabeça. "É, é exatamente o que eu vi, um homem do avesso... boa descrição".

Claire olhou mais seriamente para Sherry, franzindo "Homens? Existem mais deles?".

"Sim, mas nem se comparam com o monstro. Eu só o vi uma vez, de costas, e é gigante –".

"Careca? Vestindo um longo casaco?".

"Não, ele tinha cabelo, cabelo claro. E um de seus braços era todo estragado, bem mais comprido que o outro".

Claire suspirou. "Ótimo. Raccoon tem algo diferente para cada um, parece que...".

Ela segurou a mão de Sherry, esfregando-a "... e é mais uma razão para ficar comigo. Você fez um ótimo trabalho cuidando de si mesma, foi muito corajosa – mas até acharmos seus pais, é meu dever cuidar de você. E se o monstro vier, eu vou – eu vou chutar o traseiro dele, tá bom?".

Sherry riu, surpresa. Ela gostava de Claire falando para cima com ela. Sherry acenou e Claire esfregou sua mão de novo.

"Bom. Então nós temos zumbis, homens do avesso, e um monstro. E um grandão careca... Sherry, você sabe o que aconteceu em Raccoon? Como tudo isso começou, pode dizer qualquer coisa – pode ser importante".

Sherry franziu, pensando. "Bom, houve um monte de mortes em Maio e Junho passado, acho – umas dez pessoas foram mortas. Depois a mortes pararam, e algumas semanas atrás alguém foi atacado de novo".

Claire acenou. "Certo. Mais alguém foi atacado, ou... o que a polícia fez?".

Sherry balançou a cabeça. "Eu não sei. Logo depois que aquela garota foi atacada, minha mãe ligou do trabalho muito preocupada, disse que eu não podia sair de casa. A Sra. Wilis – nossa vizinha – veio fazer o jantar para mim e assim soube daquela garota. Mamãe ligou de novo no dia seguinte, e me disse que papai e ela estavam presos no laboratório e não voltariam por um tempo – e então, três dias atrás, ela pediu que eu viesse para cá. Eu fui ver se a Sra. Wilis viria comigo, mas sua casa estava escura e vazia. Acho que as coisas já estão bem ruins".

Claire ouvia atentamente "Você ficou sozinha todo esse tempo? Mesmo depois que chegou aqui?".

"Bem, sim, mas eu sempre fico sozinha. Meus pais são cientistas; seus trabalhos são importantes e às vezes não podem interrompê-los. Minha mãe sempre diz que eu sou auto-suficiente quando quero".

"Você sabe que tipo de trabalho seus pais fazem? Na Umbrella?

"Eles fazem curas para coisas, para doenças". Sherry disse orgulhosa. "Eles fazem remédios, soros que hospitais usam...".

Sherry parou, percebendo que Claire parecia distraída, seu olhar bem distante. Era o olhar que viu muitas vezes nos rostos de seus pais – e significava que não estavam mais ouvindo. Mas assim que parou de falar, Claire voltou para ela, tocando seu ombro – e por algum motivo bobo, aquilo a fez querer chorar novamente.

Deve ser porque ela está me ouvindo. Porque ela quer cuidar de mim.

"Sua mãe está certa,". Claire disse gentilmente. "você é muito auto-suficiente, e o que fez até agora diz que é muito corajosa, também. Isso é bom, por que nós duas precisamos ser fortes para sairmos daqui".

Sherry abriu mais os olhos. "Como assim. Deixar a delegacia? Mas tem zumbis por toda a parte, e eu não sei onde os meus pais estão, e se eles precisam de ajuda ou estão me procurando -".

"Meu bem, eu tenho certeza de que eles estão bem". Claire disse rapidamente. "Eles ainda devem estar no laboratório, escondidos em segurança, igual você esteve – esperando ajuda para, para fazer tudo ficar melhor -".

"Você diz, matar todo mundo,". Sherry disse. "eu tenho doze anos, sabe, não sou mais um bebê".

Claire sorriu. "Desculpe. É, para matar todo mundo, sim. Mas até os homens bons virem, nós ficaremos juntas. E a melhor e mais inteligente coisa a fazer é sair do caminho deles – o mais longe possível. Você tem razão, as ruas não são seguras,

mas quem sabe nós achamos um carro...".

Claire se levantou e foi até a mesa de Irons, olhando em volta. "Talvez Chefe Irons tenha deixado as chaves do carro aqui, ou outra arma, algo que possamos usar –".

Claire viu algo no chão atrás da mesa. Ela se agachou e Sherry foi atrás, tanto para ficar perto quanto para ver o que ela tinha achado.

"Tem sangue aqui". Claire disse tão baixo que parecia não ter dito nada.

"E?".

Claire olhou para a parede, franzindo, depois voltou para a grande mancha de sangue no chão. "Ainda está úmido. Repare como ela é simplesmente cortada. Devia ter mais na parede aqui...".

Ela bateu na parede, ouvindo um som vazio, oco.

"Tem alguma sala aí atrás?". Sherry perguntou.

"Eu não sei, parece que sim. E explicaria para onde ele levou... por onde ele tinha saído antes. Chefe Irons".

Claire olhou para Sherry enquanto corria a mão pela parede e empurrando. "Sherry, veja se tem algum botão ou alavanca perto da mesa. Acho que deve estar escondido em algum lugar, talvez em uma das gavetas...".

Sherry começou a andar atrás da mesa – e tropeçou, seu pé deslizando em algum lápis. Ela se segurou na mesa para recuperar o equilíbrio, mas ainda assim caiu de joelhos.

"Ai!".

Claire estava à sua direita, já segurando seus ombros. "Você está bem?".

"Estou. Eu só – ei! Olha!".

Sherry apontou para um botão sob a mesa, no meio de uma placa de metal. Parecia um interruptor de luz, mas tinha que ser para a porta secreta, ela sabia.

Eu achei!

Claire viu e apertou – e atrás delas, um seção da parede deslizou para cima, desaparecendo no teto, e expondo uma outra sala de tijolos. Um frio e úmido ar entrou no escritório; era uma passagem secreta, igual às dos filmes.

Juntas, se levantaram e entraram na abertura, Claire segurando Sherry até olhar primeiro. A pequena sala estava vazia – três paredes de tijolos, chão de madeira e

uma grande e antiga grade de elevador na parede da direita, daquelas que abrem para o lado.

"Nós vamos pegá-lo? Sherry perguntou. Ela estava ansiosa e nervosa.

Claire pegou sua arma, se agachou para Sherry e sorriu – mas não era um sorriso feliz, e Sherry já sabia o que ia ouvir.

"Meu bem, acho que vai ser mais seguro se eu descer e dar uma olhada, e você ficar aqui –".

"Mas você disse que ficaríamos juntas! Você disse que podíamos pegar um carro e fugir! E se o monstro voltar e você não estiver aqui, ou se você morrer?".

Claire a abraçou, e Sherry quase enjoou de tanta raiva. Ela ia dizer para não se preocupar, que o monstro não vai voltar, que nada ruim ia acontecer – e depois iria embora.

Adultos mentirosos – Claire se afastou, tirando o cabelo do rosto de Sherry. "Eu não a culpo por estar assustada. Eu também estou.

Esta é uma situação ruim – e sinceramente, eu não sei o que vai acontecer. Mas eu quero fazer a coisa certa por você, e isso quer dizer que eu não vou levá-la para um lugar onde pode se machucar, não se eu puder ajudar".

Sherry guardou as lágrimas e tentou de novo. "Mas eu quero ir com você... e se você não voltar?".

"Eu vou voltar,". Claire disse. "eu prometo. E se – se eu não voltar, eu quero que se esconda novamente. Alguém virá ajudar em breve, e vão te achar".

Pelo menos estava sendo honesta; Sherry não estava gostando, e não tinha nada que pudesse mudar a decisão de Claire. Poderia agir como um bebê ou apenas aceitar.

"Tome cuidado". Claire disse, e abraçou Sherry antes de ficar de pé e ir para a o elevador. Ela apertou o botão ao lado da grade e um leve hum foi ouvido; depois de alguns segundos a cabine veio de baixo, parando gentilmente.

Claire abriu a grade e entrou, virando para ver Sherry.

"Fique aqui, querida, eu voltarei em alguns minutos".

Sherry forçou um aceno – e Claire fechou a grade. Ela apertou algo lá dentro e a cabine desceu, seu sorriso saindo de visão, deixando a garota sozinha na fria passagem.

Sherry sentou-se no chão empoeirado e abraçou os joelhos. Claire era corajosa

e esperta, ela voltará logo, ela tem que voltar logo...

"Eu quero minha mãe". Sherry cochichou, mas ninguém estava lá para ouvir. Ela estava só de novo; tudo o que menos queria.

Mas eu sou forte. Eu sou forte e posso esperar.

Ela descansou a bochecha em um joelho, tocando seu colar da sorte, e começou a esperar por Claire.

Capítulo 16

Annette Birkin sentou-se na sala de monitoramento, exausta, observando a parede de monitores centrada sobre a mesa de vigilância. Ela tem estado lá pelo que parecem anos, esperando Wiliam aparecer, e começou a pensar que não iria. Ela vai esperar mais um pouco – mas se não vê-lo em breve, terá que fazer outra busca.

Maldita tecnologia...

É um sistema novinho em folha, tem menos de um mês – vinte e cinco telas com um controle de canais que deveria permiti-la ver cada canto desse laboratório. Um brilhante avanço na segurança – exceto por onze ainda estarem funcionando, e mais da metade dessas estarem mostrando estática. Das cinco que ainda podia ver claramente, tudo o que via – e tinha o que ver – estava morto, corpos podres e o ocasional Re3, que comia ou dormia.

"Lickers (linguarudos). Você os chama de lickers por causa de suas línguas...".

Ela achou que tinha passado pelo pior da dor, mas o solitário som de sua voz na fria e cavernosa câmara, a fez perceber que não tinha ninguém para responder – não haverá mais ninguém para responder. Wiliam se foi, se foi e ela estava falando sozinha.

Annette abaixou a cabeça na mesa de controle, fechando seus cansados olhos. Pelo menos não haviam mais lágrimas; ela já tinha despejado um oceano delas desde que a Umbrella veio atrás do G-virus. Agora só há dor, combinada com fúria pelo que a Umbrella tinha feito.

Mais um mês, talvez dois, e nós teríamos dado a eles, sem nenhuma força. E Wiliam teria entrado para a comissão de executivos e nós ficaríamos felizes. Todos ficariam – Houve um fraco ruído vindo de um dos monitores. Annette olhou para cima esperando e tremendo – mas era só um licker, um andar acima, no centro cirúrgico. Ele tinha acordado e caído do teto para jantar um dos técnicos, uivando estupidamente para si mesmo enquanto rasgava o abdômen do corpo. O homem morto parecia ser Don Weler, um dos intermediários do laboratório químico; ele estava tão mutilado quanto a inumana aparência do Re3 que o comia.

Ela observou o licker se alimentar, olhando para o monitor mas não o vendo; sua mente pensando no que tinha sobrado para fazer. Ela já tinha apagado todos os computadores e os travado com códigos; o laboratório estava pronto e sua rota de fuga era segura. Só que ela não podia terminar tudo até vê-lo de novo, ver que ele tinha voltado para o laboratório da Umbrella. Destruir o lugar não adiantaria nada se

ele não estivesse na zona de explosão; eles o encontrariam e extrairiam o vírus de seu sangue...

... mas a Umbrella não vai consegui-lo. Eu vou morrer antes de deixá-los conseguir, então me ajude, Deus.

Seu único consolo era que a Umbrella não conseguiria por suas mãos gananciosas na síntese de Wiliam. E nunca porão. Tudo o que foi usado na criação do G-virus será enterrado sobre toneladas de destroços, junto com

Wiliam e todos os monstros que eles criaram para a companhia. Depois ela irá se esconder por um tempo, se recuperar e considerar suas opções – e então, venderá o G-virus para a concorrência. A Umbrella era a maior, mas não era a única trabalhando em armas biológicas – quando Annette estiver quite com ela, não será mais a maior. A vingança era tudo o que tinha restado.

"Exceto por Sherry". Annette cochichou, e a lembrança de sua jovem filha fez seu coração doer. Desde que Sherry nasceu, Annette quis ter passado mais tempo com ela, se concentrar no bebê ao invés de ser parte do brilhante trabalho de Wiliam.

Os anos se passaram e as promoções de Wiliam continuaram vindo, o trabalho ficou mais interessante e valioso – e apesar de ambos terem prometido fazer um esforço para desenvolver a vida familiar, continuaram adiando.

E agora é tarde demais. Nunca seremos uma família, nunca seremos pais juntos. Todo aquele tempo perdido, trabalhando para uma companhia que acabou nos esgotando...

Não adianta mais pensar em como teria sido. Tudo o que podia fazer era não deixar a Umbrella tirar mais nada da família Birkin. Wiliam se foi, mas ainda tinha Sherry; essa parte dele continuará, e Annette poderá ser a mãe que deveria ter sido. Claro, ela terá de esperar alguns meses antes de pegar Sherry, esperar a coisas se acalmarem. Mas a garota ficará bem; os policiais a levarão para morar com a irmão de Wiliam, estava em ambos os testamentos...

... a não ser que Irons ainda esteja vivo. Aquele gordo ganancioso achará um jeito de estragar até isso.

Ela esperava que estivesse morto; mesmo se não fosse responsável pelo que a Umbrella fez, Brian Irons era nojento e arrogante, com a moral de uma lesma. Depois de anos de lealdade à companhia, foi comprado por míseros cem mil dólares. Até Wiliam, que tinha uma opinião mais baixa sobre o chefe da polícia do que ela, se surpreendeu...

Na tela, o Re3 terminou de comer. Tudo o que sobrou do corpo foram as

costelas ensangüentadas e a parte de trás do crânio. O licker saiu de visão, deixando um rastro escuro no chão. Graças ao T-virus, todas séries répteis foram eficientes assassinos, apesar dos Re3 terem apresentado falhas – o cérebro exposto era a mais óbvia, e também tinham um ridículo alto índice de metabolismo; mantê-los alimentados foi uma discussão constante.

Não é mais problema. Tem vários corpos por aí – mais cedo ou mais tarde poderão comer algo quente...

Annette sentiu falta de energia, não queria sair da sala – mas não podia ficar esperando Wiliam aparecer. Ela o ouviu no nível três uns dois dias atrás, mas não o via a quase quatro; ela não podia ficar esperando. O pessoal da Umbrella já deve estar pensando em como entrar – mesmo com o computador central apagado, haviam outros modos de passar pelas portas – e Wiliam pode ter saído. Não posso mais negar isso, não importa o quanto eu queira.

Havia uma fábrica à oeste do laboratório, uma companhia de transporte que foi comprada pela Umbrella, para assegurar que os níveis subterrâneos ficassem secretos; foi assim que a Umbrella conseguiu construir o complexo sem levantar suspeitas, escondendo equipamentos e materiais nos galpões, e usando a grande plataforma móvel para transportá-los. Apesar das entradas da fábrica ainda estarem fechadas, desde que verificou pela última vez, havia uma possibilidade de que Wiliam possa ter saído – e se chegou na fábrica, podia chegar aos esgotos.

Annette esforçou-se para levantar, ignorando as cãibras nas pernas e costas enquanto pegava a arma da mesa.

Ela não sabia muito sobre armas, mas aprendeu bem rápido depois que – que eles vieram pegar o G-virus, os homens usando máscaras de gás, atirando e correndo – e Wiliam, pobre Wiliam, morrendo numa poça de sangue, e eu não vi a seringa antes de ser tarde demais – Ela respirou fundo, tentando esquecer essa terrível memória, tentando esquecer o incidente que tirou Wiliam dela e transformou Raccoon na cidade dos mortos. Isso não importava mais. A jornada à frente não será prazerosa, e ela tinha que se concentrar. Fuja dos Re3, humanos no primeiro e segundo estagio de infecção, os experimentos de botânica e a série de aracnídeos – ela podia se deparar com qualquer um deles, sem mencionar o que a Umbrella possa ter enviado.

E Wiliam. Meu marido, meu amado – o primeiro humano portador do G-virus, que já não é mais humano.

Annette estava errada sobre achar que não tinha mais lágrimas. Ela parou no meio da vasta e esterilizada sala, cinco andares sob a superfície de Raccoon, e

chorou, perdida, respondendo aos estímulos que nunca se quer tinham tocado a dor de sua solidão.

A Umbrella sentirá muito. Uma vez certa de que Wiliam esteja fora do alcance deles, ela destruirá o laboratório, fugirá com o G-virus, os fará entender como estragaram tudo – e que Deus ajude quem tentar impedi-la.

Capítulo 17

Ada correu pelo bloco das celas, a um passo atrás de Leon, bem a tempo de ver o repórter sair da cela e cair no chão. "Ajude-o!".

Leon gritou, e passou por Bertolucci para verificar a cela. Ada parou em frente ao sufocado repórter, mas ignorou a ordem, esperando ver a criatura que o atacou sair da cela – ele estava atrás das grades, como isso aconteceu – Ela esperou, mirando na cela, seu coração pulando – e viu a confusão no olhar de Leon. Pelo modo como olhava, a disse que a cela estava vazia. A não ser que o agressor fosse invisível...

Sem chance. Não comece a pensar nisso.

Ada se ajoelhou ao lado do repórter, percebendo imediatamente que ele não estava bem – nada bem. Ele tinha se sentado e encostado na parede que dividia as duas celas. Ele ainda respirava. Ada já tinha visto essa aparência antes, o distante olhar, a tremedeira, a palidez – mas ela não via o porquê, e isso a assustava. Não havia ferimentos. Deve ter sido um ataque cardíaco, talvez um derrame – mas aquele grito.

"Ben? Ben, o que aconteceu?".

Seu vacilante olhar vidrado no dela, e Ada viu que os cantos de sua boca estavam rasgados e sangrando. Ele abriu a boca para falar, mas tudo o que saiu foi um resmungo.

Leon se agachou junto a eles, confuso, também. Ele balançou a cabeça para ela, respondendo a pergunta que não tinha feito; não haviam sinais do que tinha acontecido.

Ada olhou para Bertolucci e tentou novamente.

"O que foi, Ben? Você consegue nos dizer o que aconteceu?".

As trêmulas mãos do repórter subiram pelo corpo até pararem no peito. Com um esforço visível, ele tentou dizer uma palavra.

"...abertura...".

Ada não tinha certeza. As aberturas nas paredes das celas eram muito pequenas e muito distantes do chão – nada mais do que um tubo de ventilação que dava na garagem. Nada podia ter passado por lá.

Bertolucci ainda tentava falar. Ada e Leon se aproximaram, tentando entender

suas palavras.

"... peito. Queima, tá... queimando...".

Ele estendeu a mão de repente e agarrou o braço dela, encarando-a com uma intensidade que a surpreendeu.

Ele apertou fracamente, com desespero em seus olhos.

"Eu nuca falei... sobre Irons". Ele respirou, fazendo força para continuar vivo até dizer tudo. "Ele está – trabalhando para a Umbrella... todo esse tempo. Os zumbis – são pesquisas da Umbrella... e ele acobertou os assassinatos, mas eu não consegui – provar, ainda... ia ser meu – furo".

Bertolucci fechou os olhos, respirando forte enquanto soltava o braço dela, e ela sentiu pena dele ao invés de si mesma. Seu grande segredo era que a Umbrella tinha armas biológicas e Irons estava nessa. Teria sido um grande furo.

Ele não sabe nada sobre o G-virus, nunca soube – e vai morrer sem reconhecimento.

"Jesus," Leon disse suavemente. "o chefe Irons..."

Bertolucci começou a ter convulsões, suas mãos apertando seu peito enquanto gemia de agonia. Suas costas se curvaram, seus dedos como garras – e o gemido virou líquido enquanto sangue começou a borbulhar em sua boca. Engasgando e tremendo, seus membros se debateram violentamente, espirros de sangue voando a cada tossida – e Ada viu vermelho surgir na camisa branca sob as mãos dele, ao som de ossos quebrando. Ela se afastou assim que Leon tentou segurar as mãos de Ben, incerto do que estava acontecendo, mas certo de que não era um ataque cardíaco – Santo Deus, o que é aquilo?

Tudo ao mesmo tempo, Ben foi para a frente e seus olhos viraram. Sangue ainda saía de sua boca e houve um som, um horrível som de carne sendo rasgada, e sob sua camisa, algo mexeu.

"Afaste-se". Ada gritou apontando sua Beretta para Ben, e no segundo que levou para ela mirar, uma coisa emergiu do ensangüentado peito de Bertolucci. Uma coisa do tamanho de uma mão, que abriu a boca e deu um baixo berro, mostrando afiados e vermelhos dentes. O bicho saltou do corpo com uma chicoteante cauda, caindo no cimento junto com pedaços de pele e carne – e correu como uma bala na direção do portão aberto para o corredor, sua cauda balançando e pernas que Ada não conseguia ver, deixando um rastro vermelho para trás.

A coisa passou pelo portão antes de ela se lembrar que tinha uma arma; ela estava tão chocada que não pensou em reagir. Uma criatura parasita que rasga seu

peito – direto de um filme de ficção...

"O que era – você viu -". Leon disse, sem fôlego.

"Eu vi". Ada cochichou, interrompendo-o. Ela virou e olhou para Bertolucci, para seu rosto, estático numa contorção angustiosa, e para o rasgo em seu peito.

A boca, rasgada nos cantos...

A criatura foi implantada nele – mas pelo que? Ela não sabia, e nem queria saber. Ela queria completar a missão e sair de Raccoon o mais rápido possível. De fato, ela nunca quis tanto uma coisa. Quando se deu conta de que houve um acidente com o T-virus, não esperava ter que lidar com organismos desagradáveis.

Ela olhou para Leon, desistindo de tentar ser razoável. Ela ia para o laboratório e não tinha o que discutir.

"Estou saindo daqui". Ela disse, e sem esperar respostas, virou-se e andou rapidamente para o portão, atenta para não pisar no rastro de sangue.

"Espere! Olha, eu acho – Ada? Ei...".

Ela saiu no corredor de arma erguida, mas a criatura já tinha sumido. O rastro desaparecia no meio do corredor – e viu que eles tinham esquecido a porta do canil aberta – e a tampa do poço também. Que ótimo.

Leon a alcançou e parou na sua frente. Por um momento, Ada achou que ele a fosse parar fisicamente.

Não faça isso. Eu não quero te machucar, mas vou se for preciso.

"Ada, por favor, não vá". Leon disse, não uma ordem, mas sim um pedido. "Eu – quando cheguei em Raccoon, conheci uma garota e acho que ela está na delegacia. Se você puder me ajudar a encontrá-la, poderemos fugir juntos. Teríamos mais chances –".

"Sinto muito, Leon, mas esse é um maldito país livre. Você faz o que tem que fazer, e boa sorte – mas eu não vou ficar. Já foi o bastante. Se – quando eu sair, mandarei ajuda".

Ada passou por ele, esperando que não houvesse violência e que ele não tentasse impedi-la – vai ser muito perigoso se ele tentar – foi quando ele a surpreendeu de novo.

"Então eu vou com você". Ele disse, seu olhar firme, decidido – e assustado. "Eu não vou deixar você ir sozinha.

Nem ninguém – não quero que você se machuque".

Ada olhou, sem saber o que dizer. Depois que Bertolucci morreu, ela não queria enganar Leon nos esgotos, considerando o quanto extenso o sistema era... mas ele era tão bom, tão determinado em ajudar que ela estava começando a – a não querer fazer mal a ele. Tudo seria mais fácil se ele fosse algum idiota metido a machão...

Tá bom, tire seu disfarce. Diga que é uma agente particular querendo roubar o G-virus e não quer companhia; diga sobre o alívio que sentiu ao saber que o repórter iria morrer, ou que não tem problemas para tirar uma vida, se for por uma boa causa – como ser paga. Veja o quanto bom ele será depois disso.

Não é uma opção. Mas havia uma parte dela que não queria admitir, uma parte que não queria ficar só. Ver o que aconteceu com Bertolucci a fez perceber que não era tão invulnerável quanto gostava de pensar.

Então deixe-o vir, ache um lugar seguro no laboratório para deixá-lo. Sem danos nem sujeira.

Leon a olhava de perto, estudando-a – esperando sua aprovação.

"Vamos". Ela disse, e o sorriso que ele deu, apesar de vitorioso, a fez se sentir mais desconfortável.

Sem outra palavra, eles foram para o canil, Ada pensando no que estava fazendo – mas ainda capaz de fazer o que for necessário para completar a missão.

Claire parou na frente de uma porta medieval no fim do escuro corredor o qual o elevador a tinha levado. A delegacia era fria, mas a gelada umidade das pedras na parede do corredor fazia a delegacia parecer o verão; é como se ela tivesse descido no calabouço de um castelo assombrado da Idade Média.

Ela respirou fundo, decidindo como entrar; ela estava certa de que Irons não gostaria de uma visita surpresa, mas a idéia de bater era absurda – e perigosa. Haviam tochas acesas em suportes, uma de cada lado da porta de madeira, a mesma envolta numa moldura de metal enferrujado.

Um túnel secreto, uma porta escondida com iluminação ambiente... que pessoa sã moraria aqui? Não foi o desastre que fez isso – Irons devia ser louco bem antes do acidente da Umbrella...

Quando Sherry disse o que seus pais faziam para viver e o que aconteceu antes de chegar à delegacia, algo clicou. A Umbrella trabalhava com doenças e a população de Raccoon certamente teve um grave caso de algo.

Deve ter sido algum tipo de acidente, um vazamento que soltou a estranha praga zumbi...

Claire mordeu o lábio, incerta do que fazer. Ela sabia que Irons estava em algum lugar lá embaixo, e não queria vê-lo de novo; talvez ela deva voltar, pegar Sherry e tentar achar outra saída. Só porque é uma área secreta não significa que haja uma saída lá.

Sherry estava lá em cima sozinha. E você tem uma arma, lembre-se?

Uma arma com poucas balas. Se for o esconderijo de Irons, devem haver armas lá dentro... ou apenas outro corredor. Mas imaginar não a dirá nada.

Claire tocou a maçaneta e respirou fundo. A pesada porta abriu vagarosamente em dobradiças bem cuidadas. Ela recuou apontando a arma – Jesus.

Uma sala vazia, tão úmida e não receptiva quanto o corredor – mas com móveis e uma decoração que fez sua pele arrepiar. Uma única lâmpada estava pendurada no teto, iluminando a mais pavorosa câmara que já tinha visto. Tinha uma mesa no meio da sala, manchada e batida, um serrote e outros objetos cortantes espalhados em cima; um balde de metal e um esfregão encostados numa parede, ao lado de uma estante cheia de recipientes empoeirados – e o que pareciam ossos humanos, polidos e brancos, postos como troféus. Isso, e o cheiro – um pesado e ácido cheiro químico que envolvia um outro pior. Um cheiro como loucura.

Só de olhar a sala a fez enjoar; "louco" devia ser o nome do ano do chefe da polícia – mas não havia ninguém lá.

Isso quer dizer que deve haver outra passagem secreta lá dentro. Pelo menos ela pode procurar por armas.

Engolindo, Claire entrou na sala, grata por não ter trazido Sherry; olhar para essa câmara de tortura a daria pesadelos – "Parada, mocinha, ou eu atiro".

Claire congelou. Cada músculo de seu corpo travou assim que Irons começou a rir atrás dela, de trás da porta onde não pensou em olhar.

Oh, meu Deus, oh, Deus, oh, Sherry eu sinto muito – O riso de Irons cresceu para a pura e alegre gargalhada de um louco, e Claire entendeu que iria morrer.

Capítulo 18

Tentando não respirar muito fundo, Leon alcançou os pés da escada de metal e girou rapidamente, mirando sua arma no escuro. Água molhou suas botas enquanto seus olhos se ajustavam à baixa luz, e viu a origem do terrível cheiro.

Partes dele, na verdade...

O túnel continuava à sua frente e estava forrado com corpos humanos feitos em pedaços. Membros, cabeças, troncos estavam espalhados aleatoriamente pelo túnel de pedra, balançando gentilmente pelos centímetros de água que cobriam o chão.

"Leon? Como está aí?". A voz de Ada desceu pelo círculo de luz no topo da escada, ecoando. Leon não respondeu, seu olhar chocado fixado na terrível cena, sua mente tentando juntar as partes e trazer um número.

Quantos? Quantas pessoas?

Muitas para contar. Ele viu uma cabeça sem face, o longo cabelo cobrindo-a. O tronco de uma mulher, o seio emerso na escura água. Um braço envolvido nos farrapos de uma camisa de policial. Uma perna, ainda usando um tênis. Uma enrolada mão, os dedos lisos e brancos.

Uma dúzia? Vinte?

"Leon?". O tom de Ada enfatizou.

"É – parece bem". Ele disse, forçando para não alterar a voz. "Nada se move".

"Estou descendo".

Ele se afastou da escada para dá-la espaço, lembrando de algo que ela disse antes, sobre corpos sendo jogados...

Ada desceu da escada. Os olhos dele tinham se ajustado bem o bastante para ver o olhar de nojo no rosto dela – nojo e o que parecia tristeza.

"Houve um ataque na garagem". Ela disse suavemente. "Quatorze ou quinze pessoas morreram...".

Franzindo, ela passou por Leon para olhar os resto de perto. Quando falou de novo, parecia preocupada.

"Eu não vi o ataque, mas não acho que foram despedaçados desse jeito".

Ela olhou para cima, vendo o teto do túnel, apertando sua 9mm. Leon seguiu seu olhar, mas só viu o tom esverdeado das pedras. Ada balançou a cabeça, olhando

de volta para o mar de carne.

"Os – zumbis não fizeram isso. Algo pegou essas pessoas depois de mortas".

Leon sentiu um calafrio subir sua espinha. Era a última coisa que queria ouvir naquele lugar.

"Então não é seguro aqui. Nós devemos voltar e –".

Ada seguiu em frente, passando pelos pedaços, os movimentos da água parecendo mais altos no quieto túnel.

Droga, ela ignora todo mundo ou só eu?

Olhando onde pisava, Leon a seguiu, erguendo o braço para tocar o ombro dela. "Pelo menos eu vou na frente, tá?".

"Tá Bom,". Ela disse. "Abra caminho".

Ele passou por ela e continuou, tentando dividir a atenção entre a escuridão à frente e os pedaços de corpos e ossos abaixo. Bem à frente, o túnel virava à direita, e tinha alguma luz refletida na oleosa superfície da água, a passagem estava mais clara e com menos corpos.

Leon parou a tempo o bastante para empunhar a Remington e verificar se estava carregada. Seja lá o que tinha pego os corpos não parecia estar por perto, mas ele não queria estar despreparado.

Ada esperou sem falar, apesar dele conseguir sentir sua impaciência. Ela era tão calma quanto um soldado veterano, demonstrando nada mais além de ansiedade para acabar logo com isso – e se ela gosta de sua presença, deve estar fazendo muita força para não demonstrar. Não que ele queira a gratidão dela – mas a maioria das pessoas gostariam da presença de um policial, não é? Mesmo sendo um novato?

Talvez não, e essa não é a hora e lugar para começar a fazer perguntas. Leon começou a andar de novo, passando por cima de um pedaço mastigado de carne que não podia identificar.

"Pare". Ada cochichou. "Ouça".

Leon obedeceu, Remington em uma mão, VP70 na outra. Ele inclinou a cabeça para ouvir, mas só percebeu um distante gotejar – e uma suave pancada, como martelos abafados numa superfície forrada. Estava se aproximando, vindo do túnel que virava logo à frente.

Por que a água não respinga, por que não ouvimos água – ?

Leon recuou um passo, erguendo ambas as armas, lembrando como Ada tinha

olhado para o teto antes – e viu, viu e sentiu seu coração parar em meia batida. Uma aranha do tamanho de um cachorro grande, andando pelas paredes, mexendo suas arrepiadas pernas peludas – impossível – e de repente houve uma série de ensurdecedoras explosões próximas ao seu ouvido direito, bam-bam-bam-bam, o cano da Beretta de Ada brilhando enquanto ativava. Os ecos golpearam pelo escuro enquanto o gigante aracnídeo pulava da parede, mergulhando na tingida água.

A aranha engatinhou na direção deles, ferida, arrastando duas de suas pernas, escuros fluídos escorrendo pelo seu grotesco e arredondado corpo. Ela passou por cima de uma cabeça, o crânio escapando abaixo de seu abdômen inchado, e Leon pôde ver seus brilhantes olhos negros, cada um do tamanho de uma bola de ping-pong – e ele atirou com a Remington, mal sentindo o poderoso tranco da arma, sua concentração voltada para o aracnídeo. O tiro explodiu a face alien em pedaços. A aranha virou de papo para o ar, suas grossas pernas tremendo, curvando-se ao redor de seu corpo peludo.

Seus ouvidos apitando, seu coração pulando, Leon carregou outra bala, sua mente não só dizendo que tinha matado uma aranha daquele tamanho, mas que seu físico estava errado, suas pernas não agüentariam tamanho peso – Ada passou por ele, correndo, gritando para ele.

"Vamos, podem haver mais vindo!".

Leon correu atrás dela, seu choque contido pelo rápido comportamento de Ada – pulando sobre os pedaços de carne e da aranha que só passou a existir depois que chegou a Raccoon.

"Solte a arma". Irons pediu, e a garota obedeceu, hesitando por um segundo. A Browning foi ao chão e Irons teve que resistir ao desejo de rir de novo, pelo quanto estúpida ela agia. A assassina da Umbrella com certeza ficou louca, entrando em seu santuário como se fosse dona do lugar – essa atitude lhe custou o jogo.

"Vire-se devagar – e mantenha as mãos onde eu possa vê-las". Ele disse, ainda sorrindo. "Oh, que gloriosa e fácil conquista! A Umbrella o subestimou pela última vez.

Novamente, a garota fez o que ele pediu, virando devagar, de mãos vazias e abertas. O olhar em sua face não tinha preço, suas expressões fixadas como uma máscara de medo e choque; ela não esperava por isso, ela achava que seria fácil dar um fim em Brian Irons. Depois de tudo, ele era um homem quebrado, uma sombra de seu antigo eu, sua cidade e sua vida tirada – "Errada, não estava?". Ele disse, sentindo o humor vazando da situação, sentindo a raiva borbulhar novamente.

Ele manteve a VP70 mirada na ridícula e jovem face dela; insultando, que eles

mandaram uma criança para seu serviço sujo. E bonitinha...

"Calma, Chefe Irons". Ela disse, e mesmo bravo, ele gostou de ouvir a tensão em sua opressiva voz, o pico do medo sob seu inútil apelo. Ele vai adorar isso, mais do que imaginava...

... mas primeiro, algumas respostas.

"Quem te mandou? Foi Coleman, do quartel general? Ou suas ordens vêm dos superiores... alguém da comissão, talvez? Não há mais motivos para mentir".

A garota olhou para ele, seus olhos cheios de confusão. "Eu – eu nem sei do que está falando. Por favor, deve haver algum engano –".

"Oh, um engano, tá bom". Irons cuspiu. "E você o cometeu. Há quanto tempo a Umbrella está me observando?

Quais foram as suas ordens, exatamente – onde você deveria ter me matado, a Umbrella quis que eu sofresse um pouco antes?".

A garota não respondeu por um momento, provavelmente tentando decidir o quanto dizer a ele. Ela era boa, suas expressões cautelosamente montadas para mostrar somente um medo confuso, mas ele enxergava através disso.

Ela foi pega, deve saber que não a deixarei viver e está tentando esconder a verdade. Jovem mas bem treinada.

"Eu vim para Raccoon atrás do meu irmão". Ela disse devagar, seus bem abertos olhos cinzas fixados na arma.

"Ele estava com o S.T.A.R.S. e eu só –".

"S.T.A.R.S.? É o melhor que você pode fazer?". Irons riu mais, balançando a cabeça. O S.T.A.R.S. de Raccoon fugiu logo depois que as coisas foram para a merda – e pelo que ele ouviu falar, a Umbrella já tinha "convertido" a organização para seus propósitos, estavam trabalhando para eliminar aqueles que cruzassem o caminho. Essa desculpa não funcionava.

Mas há algo...

Ele estudou os olhos. "E quem é o seu irmão?".

"Chris Redfield, você conhece – eu sou Claire, a irmã dele, e eu não sei nada sobre o que a Umbrella fez e não fui mandada para matá-lo". Ela disse rápido.

Ela se parecia com Redfield, pelo menos os olhos... Chris era um pomposo e desrespeitoso, que o desafiou abertamente várias vezes; de fato – "Redfield estava trabalhando para a Umbrella, não estava?". Mesmo dizendo alto, Irons pôde ver que

era verdade – e sua raiva subiu como uma maré vermelha, um calor ácido que desceu por suas veias fazendo-o enjoar.

Até os meus empregados, todo o tempo. Fantoches traidores da Umbrella.

"A mansão de Spencer, as acusações contra a Umbrella... foi tudo armado, eles vinham provocando problemas para – para me distrair, para então poderem roubar o vírus de Birkin...".

Irons deu um passo até a garota, sem precisar de força para puxar o gatilho, contrariando seus planos. A garota, Claire, recuou, de braços para cima, de mãos abertas como para se proteger de sua fúria.

"Foi como o S.T.A.R.S. soube quando sair da cidade. Eles foram alertados para sair antes do vazamento do T-virus!".

Ele deu mais um passo até ela, mas Claire parou, seus olhos mais abertos. "Então Chris não está aqui?".

Seu pequeno e esperançoso suspiro só alimentou o calor vermelho que pulava dentro de Irons – os sentimentos eram tão poderosos que transcendiam raiva, focando suas intenções em algo brutal e preciso. Não era suficiente ter sido traído pela Umbrella e pelo S.T.A.R.S., ter sido manipulado, atormentado, caçado – Não, não. Eu fui enganado por essa garota, uma espiã assassina de uma família de traidores. Uma vida devotada ao serviço, experiências, sacrifícios pessoais, e essa é a minha recompensa?

"Um tapa na cara". Ele disse, sua voz tão fria quanto essa nova selvageria que o enchia, o transformava num caçador. "Tratando-me como um idiota. Você nem tem respeito o bastante para mentir bem".

Ele estendeu a 9mm e andou na direção dela, cada passo calculado e deliberado – e o medo dela era real desta vez, ele riu do modo como ela recuava, seus trêmulos lábios. Ela estava apavorada, tentando achar uma arma, observá-lo, fugir, tudo ao mesmo tempo, mas sem sucesso enquanto ele marchava.

"Eu tenho o poder,". Ele disse. "esse é o meu santuário, esse é o meu domínio. Você é a invasora. Você é a mentirosa, você é o mal – eu vou tirar a sua pele viva. Eu te farei gritar, sua vagabunda, você vai desejar nunca ter nascido. Seja lá quanto te pagaram, não foi o bastante".

Ela recuou até bater numa estante, tropeçando na perna da mesa, quase caindo no alçapão no canto da sala.

Irons a seguia, sentindo aquele bonito e excitante poder, sentindo prazer com a indefesa.

"Por favor, você não quer fazer isso, eu não sou quem você pensa!".

A patética súplica o fez parar e rir, querendo dá-la mais terror, querendo mostrá-la que seu controle era absoluto.

Ela estava encurralada entre um armário e o alçapão, e Irons ficou a uma distância segura, adorando o pânico nos olhos dela – o pânico de um animal emboscado...

Irons lambeu os lábios, seu faminto olhar viajando por suas suaves formas. Outro troféu, outro corpo para transformar... e é hora de trabalhar, de – "Graaagh!".

Mas que – A tampa que cobria o poço voou pelo ar, partindo com um tremendo crack, um pedaço atingindo a coxa de Irons. Ele ficou assustado sem entender – ele estava no controle e mesmo assim algo deu errado, horrivelmente errado – Algo enrolou em seu calcanhar, algo que apertava tão forte que ouviu os ossos sendo esmagados, a afiada dor subindo por sua perna – e ele travou o olhar com o da garota, de olho brilhando com um novo terror, e nesse instante de contato, de claridade, ele quis tanto dizer que era um bom homem, um homem que nunca mereceu nada do que aconteceu – e aquilo sacudiu, e Irons estava caindo, derrubando a arma, puxado para o poço pelo grito, a dor e a besta que o esperava lá embaixo.

Capítulo 19

Num minuto, Irons estava de pé na frente dela, olhando em seus olhos com uma terrível tristeza – no outro, ele se foi. Puxado para um buraco no chão por um braço musculoso e com garras, saindo de visão, junto com Irons.

Houve outro grito da criatura, um poderoso ruído que ganhou intensidade e superou o de Irons. Estática, Claire só pode ouvir, choque, alívio, medo enquanto os choros saiam do buraco, acertando seus ouvidos no pequeno e frio calabouço que Irons tinha criado – até que os gritos cessaram, só um ou dois segundos depois – e os barulhos de carne sendo mastigada começaram.

Claire se moveu. Ela pegou a arma de Irons e correu pela mesa no centro da sala.

Ele ia me matar e aquilo o matou – A realidade do que ia acontecer e do que aconteceu a atingiu, fazendo de suas pernas borracha. Claire forçou mais alguns passos para trás até encostar na úmida parede de pedra, suspirando.

Ele tinha planejado matá-la, mas não de uma vez. Ela viu como o malvado olhar dele passou pelo seu corpo, ouviu a ansiosa antecipação em sua maluca risada – Houve um suave ronco vindo do buraco, um som bestial, o ronco de um leão bem alimentado. Claire virou, erguendo a arma – e algo explodiu do buraco, algo com braços debatendo, e Claire atirou. Uma garrafa na prateleira espatifou enquanto a coisa acertou o chão – e era Irons, mas só metade dele. Ele foi dividido, cortado em dois pela coisa que o tinha pego; tudo abaixo da cintura se foi, fiapos de pele rasgada e músculos pendurados sobre a piscina de sangue que substituía suas pernas.

Claire recuou para a porta, ainda apontando para a abertura – e ouviu a criatura, o monstro gritar de novo, um eco que desapareceu, caindo a uma distância que não podia imaginar. Um segundo depois, ela não o ouvia mais; tinha ido embora.

O monstro de Sherry. Era o monstro de Sherry.

Claire foi vagarosamente até o corpo do Chefe Irons, na direção do escuro buraco – mas não era todo escuro. Ela pôde ver luz vindo de algum lugar, o bastante para ver que havia outro andar lá embaixo, o que parecia uma passarela gradeada de metal – e uma escada de mão.

Um sub-subsolo... uma saída?

Ela se afastou da abertura, seus pensamentos fluindo desorganizadamente,

tentando absorver o que Irons tinha dito. Chris não estava em Raccoon, os S.T.A.R.S. se foram – um bom e ruim alívio, pois significava que ele estava bem, mas não salvaria o dia. Houve um vazamento na Umbrella que ao menos explicava os zumbis – mas e o que disse sobre Birkin, o vírus de Birkin... é pai de Sherry?

É – talvez os zumbis sejam o resultado de algum acidente, mas e o Mr. X e os homens do avesso?

O modo como Irons falou sobre a Umbrella, sugere que a companhia farmacêutica não era uma vítima inocente.

"Como ele o chamou?".

"T-virus". Ela cochichou, e tremeu. "Tinha o novo vírus de Birkin e tinha o T-virus...".

A doença zumbi tinha um nome. Mas você não nomeia algo a não ser que saiba algo sobre ele, o que significa – que ela não sabia o que significava. Tudo o que sabe é que Sherry precisava sair de Raccoon e o sub-subsolo podia ser a saída. Devia ter uma saída, o monstro dever ter ido para algum lugar...

... e você quer seguí-lo com Sherry? Ele pode voltar – e se realmente estiver atrás de Sherry...

Pensamento infeliz – tal como voltar para as ruas. E a delegacia já está infestada por Deus sabe lá o que. Claire checou o clip da arma de Irons, contando dezessete balas.

Ela respirou fundo, voltando a si, e olhou para os restos do chefe da polícia. Era um modo ruim de morrer, mas não conseguiu sentir pena. Ele estava pronto para amarrá-la e torturá-la, ele riu ao implorar por sua vida, e agora está morto; ela não estava feliz, mas também não derramaria lágrimas. Seu único sentimento sobre isso era o de que deveria cobri-lo antes de trazer Sherry; a menina já viu violência o bastante para uma vida.

Nós, Claire pensou, e começou a procurar algo para esconder Chefe Irons.

Leon a alcançou no frio e industrial corredor que dava na entrada do esgoto, alguns degraus acima do subsolo inundado. Ela tinha corrido na frente para posicionar as chaves de acesso ao esgoto, sem querer explicar muito como as achou; ela só teve o trabalho de jogá-las na sala da caldeira antes que os passos dele tocassem os degraus de metal atrás dela

Pelo menos eu não finjo estar com falta de ar...

Ada pôde ver no olhar dele que deveria suavizar as coisas; ela começou a falar

na hora em que ele pisou no corredor.

"Desculpe ter corrido". Disse oferecendo um sorriso assustado. "Eu odeio aranhas".

Leon franziu, estudando-a, e ela percebeu que deveria explicar melhor. Ela deu um passo até ele. Mantendo olho no olho, jogando a cabeça para trás, a fim de enfatizar a diferença de altura; era pouca, mas na experiência dela, homens respondiam bem às pequenas coisas.

"Acho que só estou com pressa em sair daqui". Ela disse rápido, perdendo o sorriso. "Espero não o ter preocupado".

Ele derrubou o olhar antes de demonstrar interesse. Ela ficou mais surpresa quando ele recuou.

"Bom, você me preocupou. Não faça de novo, tá? Eu posso ser pouco de um policial, mas eu estou tentando – e só Deus sabe o que encontraremos aqui".

Ele olhou para ela de novo, falando suavemente. "Eu vim com você porque eu quero ajudar, eu quero fazer o meu trabalho – e eu não posso fazê-lo se você sair na frente. Além disso,". Ele complementou, sorrindo um pouco. "se você correr, quem vai me ajudar?".

Foi a vez de Ada desviar o olhar. Ela forçou um sorriso. "Eu farei o possível".

Leon acenou e virou para olhar o lugar, acabando com a conversa – para o alívio de Ada. Ela estava incerta sobre o que pensar sobre ele, mas estava desconfortável com seu respeito por ele estar crescendo; nada bom considerando a situação.

Não havia muito o que ver no úmido corredor; duas portas. A sala da caldeira, onde jogou as chaves – ou plugs, de preferência, estava bem à frente. A outra dava num depósito, segundo a placa na parede.

Ada seguiu Leon para a mais próxima, o depósito. Lá não havia nada de importante. Caixas, uma mesa, um baú, mas pelo menos nenhuma aberração. Depois de uma rápida procurada eles voltaram para o corredor e foram para a sala da caldeira.

"Como você aprendeu a atirar daquele jeito, afinal?". Leon perguntou e parou na frente da porta. Seu tom parecia casual. "Você é muito boa. Você esteve no exército ou algo...?".

Boa tentativa, policial.

Ada sorriu, incorporando seu personagem. "Paintbal, acredite ou não. Eu

também ia no tiro-ao-alvo com meu tio, mas nunca me aprofundei muito. E então, há alguns anos, um amigo do trabalho – nós éramos compradores em uma galeria de arte de Nova Iorque – ele me levou para um daqueles fins de semana de sobrevivência e nós demos uns tiros. Você sabe, caminhada, escalada, coisas do tipo – e paintbal. É ótimo, nós íamos a cada dois meses... eu nunca pensei que fosse usar isso de verdade".

Ela pôde vê-lo acreditar, ver que ele queria acreditar. Mas deve ter respondido algumas perguntas que queria fazer.

"É, você é melhor do que alguns colegas meus da academia. É sério. Então, você está pronta para continuar?".

Ada acenou. Leon empurrou a porta, olhando o velho e enferrujado maquinário antes de entrar. Ada não olhou para baixo, querendo que ele achasse o pacote amassado que havia colocado momentos atrás.

A sala era em "H", corrimãos cercavam as duas grandes caldeiras em cada lado. As fluorescentes que ainda funcionavam criavam estranhas sombras nas paredes infiltradas. A porta que levava ao sistema de esgoto estava no lado oposto, à esquerda, ao lado de um painel.

"Ei -". Leon se agachou, pegando os plugs que abririam a porta. "Parece que alguém derrubou algo...".

Antes que Ada pudesse perguntar o que tinha achado, ela ouviu um barulho. Um suave rastejo vindo do canto oposto direito da sala.

Leon se levantou rapidamente, soltando os plugs e erguendo a espingarda. Ada apontou sua Beretta, lembrando como a porta estava encostada antes de colocar os plugs no chão.

Droga, o implante.

Ela sabia antes mesmo de aparecer. A coisa tinha crescido, e bem rápido, vinte vezes seu tamanho em alguns minutos – e ainda estava crescendo, exponencialmente.

A aparência também estava mudando. Não era mais aquela medusa que rasgou Bertolucci. A calda se foi, e a criatura que rastejava pelo chão enferrujado agora tinha membros. Garras saiam de sua lisa pele acompanhada pelo som de cartilagem sendo perfurada. Musculosas pernas se desenrolaram e o rastejar se tornou mais suave, quase felino – A espingarda e a Beretta soaram ao mesmo tempo. A criatura ainda mutava quando os tiros deformaram sua carne. Em resposta, a coisa vomitou, um ronco que lançou um projétil de apodrecida bile verde – que caiu no chão e começou a se mexer. Aquilo estava vivo – e as onze ou doze criaturinhas que

surgiram pareciam saber exatamente onde a ameaça estava. Os animais multi-pernas rastejaram na direção de Ada e Leon enquanto o implante dava um passo.

"Eu pego eles". Ada gritou, já atirando no mais próximo. Eles eram rápidos, e Ada mais ainda; ela apontou e atirou, explodindo os bebês monstro em uma fonte de escuros fluídos.

Leon atirava de novo e de novo com a espingarda, mas Ada não podia ver como o monstro mãe estava. Cinco dos rastejantes restando e só três balas – e ela ouviu a espingarda ir ao chão, ouviu tiros de revólver enquanto matava dois dos pequenos antes da arma clicar.

Sem parar para pensar, Ada soltou a Beretta e foi para o chão. Ela pegou a espingarda pelo cano, se agachou e desceu a arma, bem forte. Dois dos bichos viraram pasta com o impacto – mas o terceiro e último saltou em uma inesperada propulsão – e pousou na coxa dela, agarrando com garras afiadas como agulhas. Ada soltou a espingarda, gritando enquanto o animal subia sua perna, o quente e úmido peso dele fazendo-a frenética de nojo.

Sai, SAI – Ela caiu para trás, estapeando a criatura que já estava em seu ombro, rastejando para seu rosto, para sua boca – e Leon a agarrou, erguendo-a com uma mão enquanto arrancava o bicho com a outra.

Ada se agarrou nele para não cair e o animal aderiu forte ao tecido do vestido. Leon tinha um bom tato e arrancou o bicho, gritando enquanto arremessava-o pela sala.

"O revólver!".

A arma estava presa no cinto de Leon. Ada a liberou, vendo que o bicho tinha caído perto da mãe, morta por Leon – e atirou, tentando um tiro certeiro apesar de seu desequilíbrio, assustada pelo quanto perto esteve de ser implantada. A bala ressoou no chão, lascas enferrujadas respingaram – e a criatura explodiu contra a parede de trás. Estourada.

Nada se mexeu e os dois ficaram parados, encostados um no outro como sobreviventes de um terrível acidente – que de certo modo eram. Tudo aconteceu em menos de um minuto e eles saíram ilesos – mas Ada não se iludirá por terem estado perto, ou com o que acabaram de destruir.

G-virus.

Ela tinha certeza; o T-virus não seria capaz de criar algo tão complicado, não sem um time de cirurgiões – e eles viram a coisa crescer; o quanto grande e poderosa a criatura teria ficado se eles tivessem demorado mais um pouco? E se

houver mais deles? A ida para os laboratórios não será mais uma caminhada – e Ada se sentiu grata por Leon ter decidido ir com ela. Já que ele insiste tanto em ir na frente, se algo atacar, ela terá uma chance melhor de sobreviver – "Você está bem? Ele te machucou?".

Com um braço ainda segurando ela, Leon olhava em seus olhos, preocupado. E ela percebeu que podia cheirá-lo, um limpo cheiro de sabão – e se afastou dele. Ela devolveu o revólver e esticou o vestido, procurando por cortes a fim de não olhar para ele.

"Obrigado, eu estou bem. Não se preocupe?".

Foi mais grossa do que queria, pois estava agitada com o ataque. Ela olhou para ele e ficou incerta sobre o que sentir ao ver que a resposta o tinha pego de surpresa. Ele piscou devagar.

"Paintbal, né?". Ele disse suavemente, e virou para pegar os plugs. Ada o acompanhou, dizendo a si mesma que era ridículo se importar com o que ele pensava dela. Eles estavam embarcando numa jornada em que ela podia descartá-lo, ou vê-lo dar sua vida por ela...

... ou matá-lo eu mesma. Não vamos esquecer disso. Então quem se importa se ele acha que sou uma ingrata?

Ada se curvou para pegar a espingarda, sentindo a força que precisava fazer para não desviar de suas prioridades – e sentindo um vazio lá dentro que não sentia há muito, muito tempo.

Capítulo 20

Irons foi um homem muito mau. Doente. Sherry parecia saber o tempo todo, mas ver sua câmara de tortura secreta fez tudo virar realidade. A sala era rude, ossos, garrafas e um cheiro pior que o dos zumbis. Por isso não se importou tanto com o corpo incompleto sob o lençol manchado de sangue. Sherry tentou imaginar o que tinha acontecido exatamente.

"Vamos, querida, vamos indo". Claire disse, seu tom dizendo que Irons tinha sido bastante injuriado. Tudo o que Claire disse foi que Irons a tinha atacado e que depois algo o atacou. E que poderiam achar algum lugar seguro se descerem pelo buraco. Sherry estava tão feliz em ver Claire que nem fez perguntas.

Não parece caber uma pessoa inteira lá... ele foi comido? Ou cortado em pedaços?

"Sherry? Vamos?".

Claire tocou o ombro dela, tirando-a de perto do que sobrou de Irons. Sherry deixou ser conduzida até o buraco no canto.

Claire desceu a escada primeiro e depois de um segundo, disse que era seguro descer. Sherry pisou cuidadosamente nas barras de metal, sentindo-se feliz como há dias não se sentia. Claire a ajudou nos últimos degraus, erguendo-a e colocando-a no chão de metal. Sherry virou e olhou em volta, arregalando os olhos.

"Uau". Ela disse, a palavra ecoou e voltou nas escuras sombras que refletiam das estranhas paredes.

"É". Claire disse. "Vamos".

Claire começou a andar e Sherry a seguiu de perto, ainda olhando em volta impressionada. Era como a toca de um cara mau num filme de espião, alguma passagem dentro de uma montanha. Elas estavam numa passarela com corrimão nas laterais, a turva e esverdeada luz verde atravessando a grade da passarela, vinda de algum lugar lá embaixo – apesar de a parede da direita ser de tijolos, a outra era mesmo a de uma caverna. Ela pôde ver grandes pilares e estalactites de pedra, formações naturais esverdeadas pela fantasmagórica luz.

Sherry coçou o nariz. Interessante, mas cheirava podre. "Que lugar você acha que é esse?".

Claire balançou a cabeça. "Eu não tenho certeza. Entre o cheiro e a locação, eu diria que estamos na parte de uma estação de tratamento de esgoto".

Sherry acenou, grata por saber – e mais ainda por ver a saída bem à frente. A passarela não era muito longa; virava à esquerda onde estava outra escada de mão que subia. Chegando lá, Claire hesitou, olhando para a abertura acima e depois para a caverna.

"Eu subo primeiro... que tal você vir atrás, mas ficando na escada até eu dizer que é seguro?".

Sherry acenou, aliviada. Por um segundo, ela teve medo de Claire mandá-la esperar, como antes.

De jeito nenhum. Aqui é escuro, fedorento e vazio. Se eu fosse um monstro, seria aqui onde eu estaria...

Claire subiu e Sherry foi logo atrás, segurando as frias barras firmemente. Segundos depois, os longos e finos braços de Claire apareceram para ajudá-la a sair.

Elas estavam de volta em solo firme, um curto corredor de cimento que parecia incrivelmente brilhante depois da caverna. Sherry deduziu que ainda estavam na estação de tratamento; o cheiro não era tão ruim apesar do escuro e parado rio que orlava o lado esquerdo do corredor, uns trinta centímetros de profundidade por uns dois de largura. A lodosa água ia de uma grande porta metálica até um circular túnel com grades. Acima havia um parapeito, mas Sherry não viu escadas.

Quer dizer que... oh, eca.

"Vai ser preciso?". Ela perguntou.

Claire suspirou. "Acho que sim. Mas veja pelo lado bom – nenhum monstro consciente nos seguiria naquilo".

Sherry sorriu. Não era tão engraçado, mas ela gostou do que Claire tentava fazer – o mesmo que cobrir o corpo de Irons ou dizer que seus pais estavam a salvo.

Ela está tentando me defender do quanto ruim estão as coisas...

Sherry gostou tanto que já estava temendo a hora em que Claire tiver que deixá-la. E terá; Claire tem uma vida inteira em algum lugar, seus amigos e família, e quando saírem de Raccoon, ela voltará para casa e Sherry ficará sozinha de novo. Mesmo se seus pais estiverem bem, ela ficará só... e mesmo querendo que eles estejam, não queria ver seu fim com Claire.

Ela só tinha doze anos e já reparou que sua família era diferente da maioria. As outras crianças da escola tinham pais que passavam tempo com elas, tinham festas de aniversário e iam acampar, tinham irmãos, irmãs e bichos de estimação. Sherry nunca teve nada disso, mas sabia que seus pais tinham boas intenções e que a

amavam – mas às vezes, não importava o quanto boa, calma e auto-suficiente ela era, ainda estava longe deles – "Está pronta para isso?".

A suave voz de Claire a trouxe de volta para a realidade, lembrando-a para ficar mais alerta. Sherry acenou, e Claire entrou na escura e suja água, ajudando Sherry.

A água estava fria e melada, subindo até os joelhos de Sherry; era grossa, mas nem tanto quanto vômito. Claire andou para a grande porta de metal à esquerda com sua nova arma, tão enjoada quanto Sherry.

"Parece que nós vamos –".

Um alto ruído no parapeito a interrompeu e ambas olharam para cima, Sherry se aproximando de Claire quando o barulho apareceu outra vez. Pareciam passos, mas muito lentos e altos para serem normais – e Sherry viu um homem de casaco longo e escuro aparecer, sua boca secando de medo. Ele era gigante, uns três metros, e sua cabeça careca tão branca quanto a barriga de um peixe. Ela não conseguia vê-lo bem por causa do ângulo, mas viu o bastante – e pôde sentir que era mau, que havia algo muito errado e mau sobre ele.

Radiava dele como doença.

"Claire?". Ela chiou enquanto o gigante cruzava o parapeito, enquanto virava na direção delas – devagar, tão devagar que Sherry não quis ver seu rosto, o rosto de um homem que podia assustá-la só de andar no parapeito – "Corre!".

Claire agarrou a mão dela e as duas correram, tormentando a grossa água na direção da porta fechada. – não esteja trancada, não esteja trancada!

A porta estava perto mas parecia demorar para sempre, cada segundo passando enquanto lutavam contra o peso da fria e oleosa água.

Claire achou o controle, batendo no botão com um tipo de pânico que só fez Sherry se assustar mais. A porta se dividiu ao meio, metade deslizando para o teto e a outra mergulhando nas ondas.

Sherry não olhou para trás mas Claire sim. Seja lá o que viu, a fez tirar Sherry do chão, cruzar a porta e entrar no longo e escuro túnel que a porta escondia. Assim, que passaram, Claire tocou na parede e a porta fechou selando-as na escuridão.

"Não se mexa e fique quieta". Claire cochichou, e sob a fraca luz que vinha de cima, Sherry viu Claire armada, procurando ameaças nas sombras. Sherry obedeceu, seu coração pulando, imaginando quem ou o que aquele homem foi – era o homem que Claire havia comentado antes, mas quem ele era? Pessoas não ficam daquele

tamanho, e Claire também tinha se assustado – *Clink.*

Um ruído metálico, suave e abafado na parede ao lado – e Sherry sentiu a água aos seus pés se mover de repente, uma corrente que moveu suas pernas, tirou seu equilíbrio – e ela caiu, seu rosto na fria e nojenta água enquanto a corrente ficava mais forte, sugando-a para baixo. Sherry tentou se segurar em algo, mas seus dedos só encontravam o lodo do chão de pedra, enquanto as águas a levavam para longe de Claire. – não posso respirar – Ela chutou forte, agitando o corpo, seus olhos doendo de água ruim – e conseguiu respirar assim que sua cabeça voltou à tona, assim que percebeu estar num túnel, um escuro e melado túnel não muito maior que os de ventilação da delegacia. As rápidas águas a congelavam, respirando sufocada o sujo ar acima, forçando para não lutar contra o impiedoso poder da água. O túnel tinha que dar em algum lugar – e quando der, deverá estar preparada para correr.

Claire, por favor, me encontre, por favor, não desista de mim...

Ela estava perdida, cega e surda, deslizando por um escuro túnel – e cada vez mais longe da única pessoa que pode protegê-la das criaturas que tomaram conta de Raccoon.

Annette já não duvidava mais de que seu marido havia escapado do laboratório. Não só pela metade das entradas estarem abertas, mas também pelas cercas que circundavam a fábrica estarem derrubadas – e os túneis do esgoto, que deveriam estar praticamente vazios, estavam cheios de portadores humanos que devem ter vindo de fora. Mesmo avançados em termos de deterioração celular, ela teve que derrubar cinco deles a tiro para livrar o caminho entre o teleférico e as salas de operação do esgoto.

Depois do que pareceu levar uma eternidade para cruzar as semitratadas águas do sistema, ela chegou na plataforma que procurava. Annette subiu no corredor de concreto, olhando cuidadosamente para a porta fechada à sua frente. Fechada e inteira, um bom sinal – mas se ele passou por ela antes de perder todos os traços de inteligência humana, antes de virar um impensado e violento animal? Mesmo agora, ele ainda pode ter guardado alguma memória? Ela não sabia. O G-virus ainda não tinha sido testado em humanos...

... e se ele passou? E se chegou na delegacia?

Não. Ela não podia, não iria considerar a possibilidade. Considerando o que ela sabia sobre as mudanças quimiofisiológicas – o que ele seria capaz de fazer se o vírus funcionar como deveria – o pensamento de vê-lo chegar a uma população não infectada... bom, era impensável.

A delegacia é segura, ela pensou firmemente. Irons pode ser um incompetente,

mas seus policiais não. Seja lá o que Wiliam for agora, não poderá passar por eles.

Ela não conseguia acreditar em mais nada; Sherry estava lá, se tivesse feito o que deveria fazer – e além de ser seu sangue, Sherry seria muito importante em seus planos futuros.

Annette se encostou na parede, ciente de que o tempo estava passando, mas incapaz de continuar sem descansar. Ela estava quase no fim da área contida e tudo o que encontrou foram vários caminhos que Wiliam pôde ter usado para escapar.

E a Umbrella estará aqui em breve. Eu tenho que voltar, eu tenho que ativar a destruição antes que eles me impeçam.

Wiliam merecia estar em paz – mas, além disso, destruir a criatura que um dia foi seu marido erradicaria todas as suas dúvidas sobre o sucesso de seu objetivo. Mas se ela explodir o laboratório e fugir, só para descobrir que a Umbrella o capturou? Todos os seus esforços, todo o trabalho dele, por nada...

Annette fechou os olhos, desejando haver um modo fácil de fazer a decisão que tinha de ser feita. O fato era, a morte de Wiliam não era tão crucial quanto fugir do laboratório. Havia uma boa chance de que ele não seja encontrado, de que eles nem saibam de sua transformação – eu tenho uma chance. Ele não está aqui e em lugar algum.

Ela se desencostou da parede, caminhando vagarosamente para a porta. Ia checar os últimos túneis, ao menos ver se as salas de controle tinham algum dano – e depois vai voltar. Voltar e terminar o que a Umbrella tinha começado.

Annette abriu a porta e – e ouviu passos, ecoando pelo vazio corredor em algum lugar à frente; o corredor era em "T", os passos derretidos uns nos outros tornando impossível saber de onde vinham – mas eram fortes, de não infectados, talvez mais de um, e isso quer dizer uma coisa.

Umbrella. Eles finalmente vieram.

Raiva ferveu atrás dela, fazendo suas mãos tremerem, seus lábios ficarem entre seus dentes. Tinham que ser eles, um de seus espiões assassinos. Além de Irons e alguns oficiais da cidade, só a Umbrella sabia que esses túneis ainda eram usados – e que davam no complexo subterrâneo. A possibilidade de ser um sobrevivente inocente não passou por sua mente; ela ergueu o revólver e esperou pelo idiota sem coração aparecer.

Uma figura ficou visível, uma mulher de vermelho, e Annette atirou – *bam*, mas estava tremendo, gritando por dentro, e errou o tiro. Ele ricocheteou no cimento da parede, pim, e a mulher ergueu uma arma – e Annette atirou de novo, bam-pim, mas

de repente apareceu outro, uma azulada sombra que voou na frente da mulher, tirando-a do caminho.

Tudo isso aconteceu de uma vez – e Annette ouviu um choro de dor, de um homem, e sentiu uma explosão de triunfo.

Peguei ele, eu peguei ele – Mas devem haver mais, ela não tinha acertado a mulher – e eles eram assassinos treinados.

Annette virou e correu, seu longo, branco e sujo avental de laboratório voando, seus sapatos molhados contra o cimento. Ela tinha que voltar ao laboratório, rápido.

O tempo se esgotou.

Capítulo 21

Leon tinha parado para arrumar seus arreios, Ada passou na frente, surpresa pelos primeiros túneis estarem vazios. Se não lhe falhe a memória, esse corredor dava no sistema de tratamento de esgoto; depois tinha o teleférico para a fábrica, e então o elevador para o subterrâneo. As condições provavelmente ficarão piores quanto mais perto do laboratório ficar, mas se continuar desse jeito... ela já está começando a ficar otimista.

Leon esteve bem quieto desde que entraram no esgoto, falando só o necessário – cuidando onde pisa, espere um minuto, que caminho devemos seguir... ele era corajoso, pelo menos acima da média entre os cabeças do departamento, e atirava bem – e não sabia nada sobre mulheres. Quando ela cortou a tentativa dele de confortá-la, ele ficou confuso e machucado – e agora ele não sabe como interagir com ela. Leon preferiu se calar do que ser rejeitado de novo.

Ada chegou na intersecção em "T" do corredor vazio, pensando no lugar mais fácil para se livrar de Leon – e viu a mulher, na hora em que atirou.

Bam!

Ada sentiu lascas do concreto espirrarem em seu ombro enquanto erguia a Beretta, uma onda de emoções e percepções no instante que levou para reagir. Ela não teria tempo para reagir, o próximo tiro a mataria, brava por ter sido tão estúpida – e reconheceu a mulher.

Birkin – Ela ouviu o segundo tiro – e então foi golpeada, empurrada do caminho e caindo no chão enquanto Leon chorava de dor e surpresa, seu corpo caindo sobre o dela.

Ada respirou fundo, chocada assim que entendeu o que tinha acontecido, assim que Leon rolou e agarrou o braço. Ela ouviu passos correndo, Leon gemendo, e sentou.

Oh, meu Deus. Essa não – Ele levou um tiro. Por mim.

Ada se levantou, inclinando ele. "Leon!".

Ele olhou par ela, mordendo por causa da dor. Sangue vazava por entre seus dedos, pressionados contra seu ombro esquerdo.

"Eu estou – bem". Ele suspirou, apesar de pálido e sofrendo, ela achou que estava bem. Devia estar doendo muito mas não ia – não irá morrer.

Eu teria morrido, Leon salvou a minha vida – E na cauda desse pensamento, – Annette Birkin. Ainda viva.

"Aquela mulher". Ela disse, sentindo-se culpada enquanto virava para correr. "Eu preciso falar com ela".

Ada decolou, fazendo a curva e descendo o corredor, uma porta aberta no fim. Leon sobreviverá, e se conseguir alcançar Annette todo esse maldito pesadelo acabará. Ada tinha estudado as fotos, sabia que era a esposa de Birkin – e se ela não estiver com a amostra, com certeza sabe onde está.

Ela cruzou a porta e parou antes de pular em outro túnel cheio de água, ouvindo, analisando a superfície da água.

Nenhum respingo de água, mas haviam algumas ondas à esquerda – e uma escada de mão na parede, levando ao túnel de ventilação acima.

Ada pulou na água e foi para a escada na parede da frente. O túnel continuava para a esquerda, mas não tinha saída.

Ela escalou rapidamente as barras, recusando-se a pensar em Leon (porque ele estava bem) enquanto espiava o túnel e via que estava vazio, antes de cruzar um conjunto de pás. Através dele, outra olhada antes de passar por outro conjunto de pás, e desceu outra escada. A gigante câmara de dois andares que abrigava o maquinário de tratamento estava ausente de vida, tão fria, industrial e equipada quanto esperava. Havia uma ponte hidráulica lá, erguida no andar que estava – isso quer dizer que Annette desceu pela escada oeste, a outra única saída. Ada andou em seus mapas mentais assim que começou a cruzar a ponte.

"Largue a arma".

Atrás dela. Ada hesitou, sentindo uma dor interior. A segunda vez que estragou tudo – mas não obedecerá Annette de jeito nenhum. A mira dela era ruim e Ada se estendeu, preparando para se jogar, girar e atirar – *Bam-pim!*

O tiro acertou o chão à direita de Ada. Annette a tinha.

Ada derrubou a arma, erguendo as mãos devagar, virando para a cientista.

Jesus, eu mereço morrer por isso...

Annette Birkin andou até ela, uma Browning 9mm tremendo em uma mão estendida. Ada recuou ao ver aquela arma balançando – mas viu uma oportunidade quando Annette se aproximou, passando a uns três metros dela.

Muito perto. Muito perto e à beira de um colapso, não é?

"Quem é você? Qual é o seu nome?!".

Ada exalou forte, gaguejando sua voz. "Ada, Ada Wong. Por favor, não atire, por favor, eu não fiz nada –".

Annette franziu, "Ada... Wong. Eu conheço esse nome – Ada era o nome da namorada de John...".

"É, John Howe! Mas como você sabe? Você sabe onde ele está?".

"Eu sei porque John trabalhou com meu marido, Wiliam. Você já ouviu dele claro – Wiliam Birkin, o responsável pela criação do T-virus".

Annette mostrou um pouco de orgulho e desespero, dando esperanças à Ada; uma fraqueza que podia ver. Ada tinha lido os arquivos sobre Wiliam – leu sobre a firme subida pela hierarquia da Umbrella, os avanços em virologia e seqüênciamento genético... e sobre a ambição científica que o tornou um verdadeiro sociopata. Parece que sua esposa estava com os mesmos planos – isso significa que a senhora não teria problemas em puxar o gatilho.

Seja tola e não a faça duvidar.

"T-virus? O que é -". Ada piscou, e arregalou os olhos. "Doutor Birkin? Espere, Birkin, o bioquímico?".

Ela viu um feixe de prazer no rosto de Annette – mas logo se foi, ficando só desespero. Desespero e maldade em seus profundos e vermelhos olhos.

"John Howe está morto". Ela disse friamente. "Ele morreu há três meses atrás na mansão de Spencer. Minhas condolências – mas depois, você vai se juntar a ele, não vai? Você não vai levar o G-virus de mim, você não vai tê-lo!".

Ada começou a tremer. "G-virus? Por favor, eu não sei do que você está falando!".

"Você sabe". Annette apertou os dentes. "A Umbrella mandou você para roubá-lo, você não pode mentir para mim! Wiliam está morto para mim agora, a Umbrella o tirou de mim, eles o forçaram a usá-lo! Eles o forçaram...".

Ela parou, seu olhar distante. Ada esticou-se – mas Annette voltou, seus olhos molhados de lágrimas, a arma apontada para o rosto de Ada.

"Eles vieram uma semana atrás". Ela respirou. "Eles vieram para pegá-lo e atiraram no meu Wiliam quando não daria as amostras. Eles levaram a maleta, eles levaram todos os finais, ambas as séries – exceto pela única que Wiliam guardava, o G-virus...".

A voz de Annette virou um grito de repente. "Ele estava morrendo, você não vê? Ele não tinha escolha!".

Ada entendeu. Entendeu tudo. "Ele injetou em si mesmo, não foi?".

A cientista acenou, seu mole cabelo loiro caindo nos olhos, sua voz suave novamente. "O vírus revitaliza funções celulares. Ele – o vírus mudou Wiliam. Eu não vi – o que ele fez, mas eu vi os corpos dos homens que tentaram matá-lo... e ouvi os gritos".

Ada se aproximou, como se para confortá-la, suas expressões como uma máscara de simpatia – mas Annette levantou a arma de novo. Mesmo na tristeza, ela não deixaria Ada se aproximar.

Mas já é perto o suficiente...

"Eu sinto tanto". Ada disse, abaixando os braços. "Então o G-virus, ele vazou, ele infectou toda a Raccoon -".

Annette balançou a cabeça. "Não. Quando os assassinos da Umbrella foram – parados, a maleta foi quebrada. O T-virus vazou – os funcionários do laboratório atingidos pelo aerotransmissível foram contidos, só que haviam ratos, entendeu? Ratos no esgoto...".

Ela pausou, seus lábios tremendo. "... a não ser que Wiliam, meu querido marido já tenha começado a se reproduzir. Implantando embriões, replicando... ainda não deve ser hora para isso, mas eu – ".

Ela parou, seus olhos estreitando, a maldade fluindo novamente. Seus olhos avermelhados brilhando com paranóia.

Preparar-se – "Você não pode tê-lo!". Annette gritou, saliva voando de seus lábios rachados. "Ele deu sua vida para mantê-lo longe de você, você é uma espiã e você não pode tê-lo -".

Ada agachou e pulou, jogando seus braços sob os de Annette, empurrando a arma para cima e longe das duas.

A Browning descarregou, mandando uma bala para o teto enquanto lutavam pelo controle da arma. Annette estava fisicamente mais cansada, mas era dirigida por demônios de ódio e perda, o cume de sua insanidade

dando-a forças – Ada soltou a arma de repente e Annette tropeçou. Ela caiu no corrimão da ponte e Ada golpeou-a com o cotovelo na barriga, o centro do equilíbrio – e Annette virou, sua boca aberta de surpresa, seus braços tentando se equilibrar – e ela mergulhou sobre o corrimão, silenciosamente, nenhum som até o thump de seu

corpo atingindo o chão a uns 6 metros abaixo.

"Droga". Ada cochichou, olhando para baixo. Annette ficou lá, de barriga para baixo e parada, a arma ainda apertada em sua mão.

Isso é ótimo. Cair numa emboscada pela segunda vez e matar a única maluca que podia te dizer onde estavam as amostras – Um baixo gemido flutuou do corpo de Annette Birkin – e ela se moveu, arqueando as costas, tentando rolar para o lado.

Droga. Droga. Droga.

Ada virou e correu pela ponte, pegando a Beretta enquanto corria para o que parecia um painel de controle ao lado da escada para o túnel de ventilação. Ela tinha que abaixar a ponte e pegar Annette antes que fuja – mas o painel era para a ventilação, e enquanto outro doloroso gemido – um pouco mais alto – ecoou pelo lugar, Ada soube que não tinha muito tempo.

O depósito de lixo, eu posso cruzar o depósito e pegar um dos túneis – Enquanto pensava isso, já estava correndo para a escada oeste, esperando que a cientista esteja machucada o bastante para ficar lá um minuto ou dois. Havia uma pequena sacada no final da ponte onde dava para ver o depósito, e a escada de mão na parede à direita. Ada desceu o mais rápido que podia, pulando no chão de cimento na última barra.

O depósito de lixo era uma grande área quadrada, as paredes amontoadas com materiais industriais – ferro velho amassado, canos enferrujados, painéis cobertos de fios, papelão podre... Ela desceu do patamar e pulou em quase um metro de lodo, a fria meleca passando de suas pernas. Ela não se importava, só queria pegar a senhora Birkin e encerrar suas horas em Raccoon – foi quando algo se mexeu. Abaixo do opaco e fedorento líquido, algo grande se moveu. Ada viu o que poderia ser o dorso de um réptil, viu e ouviu uma pilha de tábuas caírem na água a uns três metros à frente no mesmo instante.

Você deve estar brincando...

Seja lá o que for, era grande o bastante para fazer Ada esquecer Annette. Ada voltou para o patamar e pegou impulso, sem tirar os olhos das ondas de lodo – que de repente subiram num violento espirro de escuridão e na direção dela. Ada ergueu a Beretta e começou a atirar.

* * *

Havia um pequeno elevador no canto da vazia sala de reuniões, um quadrado

de metal que aparentemente descia. Claire foi até ele, fétida água pingava de suas roupas, terrivelmente perdida e ansiosa para continuar andando e achar Sherry.

Por favor, esteja viva, querida, por favor.

Ela tinha visto o tubo de drenagem, mas não Sherry – e depois de agonizantes e longos momentos gritando na água agitada, e tentativas de entrar no buraco, ela acabou abandonando o esforço. Sherry se foi, talvez afogada, talvez não – a não ser que o fluxo de água revertesse, Sherry não voltará.

Claire achou os controles da pequena plataforma e apertou o botão. Um motor escondido zuniu e o elevador desceu, levando-a para outro provável corredor vazio, talvez outra sala desconhecida – ou pior, direto para outra criatura sobrenatural.

Ela apertava as mãos molhadas enquanto descia lentamente. Ela se sentia andando às cegas. Do túnel onde

Sherry desapareceu, ela só passou por um corredor pouco iluminado e uma sala de reuniões não decorada e de alguma forma esterilizada.

O elevador estava descendo num corredor e ela se agachou, apontando a arma de Irons enquanto a nova localidade aparecia.

O corredor de concreto tinha outro elevador na outra ponta, e tinha uma intersecção para a esquerda no meio dele – e próximo à junção havia um corpo encostado na parede, o que parecia ser um policial – Ela sentiu uma mistura de choque e sofrimento, arregalando os olhos enquanto olhava para as feições do policial, a cor do cabelo, o físico...

... é o – Leon?

Antes do elevador tocar o chão, Claire pulou e correu para a figura. Era Leon, e não estava se mexendo – mas respirava, e assim que ela se agachou na frente dele, seus olhos abriram. A mão dele estava em seu braço esquerdo, os dedos molhados de sangue.

"Claire?". Seus olhos azuis pareciam claros, cansados, porém conscientes.

"Leon! O que aconteceu? Você está bem?".

"Eu levei um tiro, devo ter apagado por um minuto...".

Ele cuidadosamente tirou a mão, expondo um pequeno e rasgado buraco acima da axila. Parecia doloroso, não pelo menos não sangrava muito.

Estremecido, Leon colocou o tecido de seu uniforme sobre o buraco e pressionou a mão sobre ele.

"Dói pra diabo, mas acho que vou sobreviver – Ada, onde está Ada?".

Dizendo a última frase quase frenético, Leon fez força para se desencostar da parede. Com um suave gemido ele soltou, sem condições de se mexer.

"Fique parado, descanse por um minuto". Claire disse. "Quem é Ada?".

"Eu a conheci na delegacia. Eu não consegui te achar e descobrimos como fugir de Raccoon – pelos esgotos. A cidade não é segura, houve algum tipo de vazamento no laboratório da Umbrella, e Ada quis partir logo depois.

Alguém atirou em nós e eu fui atingido – Ada foi atrás do atirador, descendo o corredor, ela disse que era uma mulher...".

Ele balançou a cabeça e franziu. "Eu tenho que achá-la. Eu não sei quanto tempo fiquei apagado, não mais do que alguns minutos, ela não deve ter ido longe –".

Ele tentou se mexer de novo e Claire o impediu, empurrando-o de volta. "Eu vou. Eu – estava com uma garotinha que agora está perdida nos esgotos. Talvez eu ache as duas".

Leon hesitou – depois acenou, desistindo. "Como está de munição?".

"Ah, sete nesta -". Ela conferiu a arma que pegou da viatura e colocou na cintura. Parece que aquele passeio foi há milhões de anos. "- e dezessete nesta".

Ela ergueu a arma de Irons e Leon acenou de novo, sua cabeça rolando cansadamente. "Certo, isso é bom. Eu te seguirei em alguns minutos... tome cuidado, tá? E boa sorte".

Claire se levantou, desejando que tivessem mais tempo. Ela queria contar sobre Chris e Irons, Mr. X e o T-virus, ela queria saber o que ele sabia sobre a Umbrella, ou se sabia onde ficava a saída do esgoto – mas essa Ada deve estar enfrentando um atirador nesse momento e Sherry pode estar em qualquer lugar.– Leon fechou os olhos. Claire virou e foi para a intersecção, imaginado se algum deles sairá disso com vida.

Capítulo 22

Annette doía por toda parte. Ela se sentou vagarosamente, enjoada com as centenas de dores que gritavam por sua atenção. Seu pescoço e estômago doíam, tinha torcido o pulso e seus joelhos pareciam inchados – mas foi a aguda dor em seu lado direito que era pior, ela achava que tinha quebrado uma costela.

Sua horrível, horrível mulher – Annette se inclinou, segurando seu tenso pescoço com uma mão machucada, mas só viu metal e sombra; Ada

Wong, a vagabunda da Umbrella aparentemente fugiu. Ela fingia não saber de nada, mas Annette não era burra, Ada já devia estar a caminho do laboratório – ou vindo atrás dela, ansiosa para terminar o serviço.

Umbrella, a Umbrella fez isso...

Annette se ajoelhou, usando sua raiva para superar a dor. Ela tinha que chegar ao laboratório antes dos espiões – mas estava tão machucada!

Não posso deixar roubarem o trabalho dele...

Ela cambaleou até a porta da imensa sala, um braço envolto em seu ardente peito – e parou, inclinando a cabeça para ouvir.

Tiros. Ecoando pelo frio ar, vindos da área de despejo – e um segundo depois ela ouviu um tremendo assobio, mais tiros e respingos de água – Annette sorriu, um sorriso apertado e sem humor. Talvez ela chegue no laboratório antes.

A ponte, abaixe a ponte, não a deixe escapar...

Cansada e dolorida, Annette foi para os controles hidráulicos e acionou a ponte. Os poderosos motores da ponte abafaram os barulhos da batalha, a plataforma rotacionando e descendo até travar com um pesado clank.

Annette se desencostou da parede, caindo sobre os controles perto da porta. Ela viu os controles do túnel de ventilação e os ligou, ainda sorrindo enquanto as pás começavam a roncar lá em cima. Ada teve problemas no depósito de lixo e Annette não vai deixá-la voltar por onde veio; com a ponte abaixada e as pás girando, a senhorita Wong terá lutar pelo caminho.

Tomara que seja um bando de lickers, sua vadia, espero que estejam fazendo-a em pedaços...

Annette saiu dos controles e caiu, a dor e a tontura eram demais, seus ralados e inchados joelhos acertando o chão, espetando agulhas de agonia por suas pernas – E

a porta à sua frente abriu. Annette ergueu a arma, mas não era capaz de mirar, gastando o que restava de sua força para não gritar de sofrimento e frustração.

Wiliam, está doendo tanto, sinto muito, mas eu não posso – Uma jovem mulher se agachou na frente dela, com um olhar de preocupação no rosto. Ela vestia shorts e um colete pingando água do esgoto – e segurava um grande revólver, não apontando diretamente para Annette – e não apontando para lugar nenhum também.

Outra espiã.

"Você é Ada?". A garota perguntou, tentando tocá-la – era mais do que Annette podia suportar, ser tocada pela dó de algum espião corporativo.

"Afaste-se de mim". Annette resmungou, estapeando fracamente a mão estendida da garota. "Eu não sou o seu 'contato', e eu não o tenho em mim. Você pode me matar, mas não vai encontrá-lo".

A garota se afastou, um olhar de confusão em seu sujo rosto. "Achar o que? Quem é você?".

As perguntas de novo, e a fúria passou, deixando-a insensível. Annette estava cansada de jogos; doía demais e já não era mais capaz de lutar. "Annette Birkin". Ela disse exausta. "Como se não soubesse...".

Ela vai me matar agora. Está acabado, tudo acabado.

Annette não podia fazer nada. Lágrimas desceram suas bochechas, lágrimas tão fúteis quanto seus planos. Ela desapontou Wiliam, ela falhou como esposa e como mãe, e até mesmo como cientista. Pelo menos acabará agora, finalmente haverá um fim para a angústia – "Você é a mãe de Sherry?".

As palavras da garota a atordoaram, tirando-a de sua exaustão como um tapa na cara.

"O que?! Quem – como você soube sobre Sherry?".

"Ela está perdida nos esgotos". A moça disse, sua voz rápida e desesperada enquanto guardava a arma no cinto.

"Por favor, você tem que me ajudar a encontrá-la! Ela foi sugada para um tubo de drenagem e eu não sei onde procurar –".

"Mas eu pedi para ela ir à delegacia". Annette lamentou, toda a dor física esquecida, seu coração pulsando horríveis ondas de descrença. "Por que ela está aqui? É perigoso, ela será morta! E o G-virus – a Umbrella vai achá-la, eles vão pegá-lo, por que ela está aqui?".

A garota se estendeu para ajudá-la de novo, levantando-a, e Annette não lutou, muito fraca e assustada para isso.

A garota a olhou intensamente, parecendo culpada, com medo e esperançosa ao mesmo tempo. "A delegacia foi tomada – para onde a drenagem vai? Por favor, Annette, você precisa me dizer!".

A verdade mostrou-se como um raio de luz em sua exaustão e medo.

A drenagem vai para o tanque de filtragem – que é perto do bonde da fábrica.

A rota mais curta para os laboratórios.

Era um truque. A garota estava usando Sherry para chegar no laboratório, para pegar informações sobre o G-virus. Sherry ainda estava na delegacia, segura e bem, e tudo isso é uma armação – mas a Umbrella conhece o caminho, por que ela perguntaria algo que já sabe? Não faz sentido.

Annette ergueu a arma, seu dolorido pulso tremendo, e se afastou da garota. Sua confusão e perguntas eram demais – por isso não podia fazer nada, não podia apertar o gatilho.

"Não se mexa. Não me diga". Ela disse, ignorando a dor enquanto abria a porta. "Eu vou atirar se tentar me seguir".

"Annette – eu não entendo, eu só quero –".

"Cale a boca! Cale a boca e me deixe em paz. Será que vocês todos não podem me deixar em paz?!".

Ela passou pela porta, surpreendendo a garota, apertando seu braço contra a costela contundida ou quebrada assim que fechou a porta..

Sherry...

Era uma mentira, tinha que ser – mas não mudaria nada. Ela ainda podia, tinha que voltar para o laboratório e terminar o que começou.

Virando, mancando e tossindo, Annette se apoiou na fria parede do túnel conector, deixando cada doloroso e terrível passo lembrá-la do que a Umbrella fez.

Uma fria e quieta caverna, as paredes brilhavam com gelo e eu estou perdido. Perdido e exausto, correndo e com medo por um longo tempo, então eu paro e descanso. Tão quieto, tão frio – mas meu braço dói, eu estou sentado contra uma parede onde nasceu espinhos, e um deles está cavando minha pele, me espetando. Dói tanto, e eu tenho que me levantar, eu tenho que encontrar alguém, eu tenho que – levantar.

Leon abriu os olhos, a par de que tinha apagado novamente. A percepção o fez respirar fundo, o súbito medo fazendo-o completamente acordado.

Ada, Claire – Jesus, quanto tempo?

Ele gentilmente tirou a mão do braço, o sangue grosso entre seus dedos. Dói, mas não tanto quanto antes – e o sangramento havia parado, pelo menos na entrada; os farrapos de seu uniforme tinham grudado no ferimento, formando um curativo.

Ele se inclinou, tentando tocar onde a bala tinha saído; de novo, havia tecido sobre a dor pulsante do ferimento.

Não estava certo, mas só de pensar que a bala tinha varado sua carne sem acertar o osso – ele foi extremamente sortudo.

Mesmo se tivesse arrancado meu braço, Ada ainda estaria por aí – e eu mandei Claire atrás dela. Eu preciso ir atrás delas.

Apertando os dentes, Leon se levantou com o braço bom, seus músculos frios e duros por causa do concreto úmido.

Seu ombro esquerdo raspou na parede e ele ofegou quando a dor intensificou brevemente. Leon esperou passar, respirando fundo, pensando que poderia ter sido bem pior.

Quando finalmente de pé, decidiu que agüentará; ele não estava enjoado e apesar de haver sangue na parede e no chão, não era tanto quanto imaginava. Cuidando para não mexer no ferimento, Leon virou e desceu o corredor até a porta fechada, andando o mais rápido que podia.

Depois da porta, deu de cara com outro túnel cheio de água que ia para os dois lados; havia uma escada de mão à sua frente à esquerda, mas nem pensou em subir com o braço ferido – além disso, havia um ventilador barulhento no topo da escada. Ele desceu do patamar e foi para a direita na escura água, esperando achar pistas de Ada e Claire.

Perseguir um atirador... como pôde fazer aquilo, como pôde me deixar lá?

Depois do confronto com o monstro vomitante, ele jurou não assumir mais nada sobre Ada Wong; ela era flertiva e insociável, e se ela aprendeu a atirar brincando de paintbal, ele era um executivo de banco. Mas apesar de seu confuso comportamento e provável duplicidade, ele gostava dela; ela era esperta e confiante, ela era bonita – e ele assumiu que havia uma pessoa decente sob aquela contraditória fachada...

... e ela o deixou para trás e foi pegar o atirador, deixou você rolando no chão com uma bala no braço. É, ela é ótima; peça-a em casamento.

Ele chegou onde o túnel se dividia. Havia um portão trancado à direita, então Leon seguiu à esquerda, olhando as grossas sombras. Ele devia ter ido com Claire – Ele parou, ouvindo algo. Tiros, distantes e abafados, vindo de algum lugar à frente, distorcidos pelo labirinto de túneis que compunham o sistema de esgotos.

Ainda armado, Leon apertou o ferimento e começou a correr, devagar por causa da água – mas quando os tiros pararam, ele achou um motivo para ir mais rápido.

Havia uma passagem à frente, uma fraca luz amarelada vinha de lá. Mesmo antes de chegar, viu que teria de escolher.

Diretamente à frente estava uma alto degrau e uma pesada porta na parede do fim do túnel, água caía do teto como uma cachoeira.

Uma escolha óbvia, exceto – Leon parou na passagem iluminada, olhando. Outra porta, e ele não tinha tempo para decidir, os tiros podem ter vindo de qualquer lugar – *Bam, Bam* – Para a esquerda. Leon subiu no patamar, sentindo mais dor, sentindo um molhado quente no pulso. Ele ignorou isso, indo para a porta e a abrindo, ouvindo mais tiros enquanto passava pela ponte no meio da grande câmara e ia até a próxima porta.

Ele entrou em um frio corredor só que bem maior e mais largo que os outros, provavelmente algum tipo de corredor para transporte de equipamentos pesados. Ele virava para a esquerda e esquerda de novo, caixas e cilindros de aço na esquina da primeira curva.

... acetileno, talvez oxigênio, bom Deus, o que leva tantos tiros e não morre?

Ele ouviu mais tiros e água espirrando – e um som diferente, um profundo e gutural assobio. Estranhamente familiar, mas muito alto para ser possível.

Um milhão de cobras, milhares de gatos gigantes, algum terrível dinossauro – Ele correu, finalmente desistindo de manter o ferimento fechado, precisando do braço livre para ganhar mais velocidade. O fim do túnel estava perto, ele viu um painel de luzes piscando e uma abertura à esquerda, outra grande porta de abastecimento – e ele parou bem a tempo de não entrar na linha de fogo, assim que outra rápida sucessão de tiros soou, assim que um tenebroso impacto na água fez chover no chão como um grosso lençol.

"Pare, eu estou entrando!". Ele gritou – e ouviu a voz de Ada, sentindo um alívio apesar do horror que estava à frente.

"Leon!".

Ela está viva!

Ele ergueu a arma, seu ferimento sangrando agora, ele apareceu na comporta aberta, tábuas quebradas nadando no turbulento líquido. Ela estava num pequeno patamar de concreto ao lado de uma escada de mão, apontando a Beretta para a piscina de lixo.

"Ada, o que –".

Splash!

Uma gigante explosão saiu do lago e o jogou para o corredor. Aconteceu tão rápido que ele só viu depois que estava voando no ar. Ele caiu sobre o braço ferido e gritou, tanto pelo choque do que tinha visto quanto pela dor.– crocodilo – Leon ficou de pé e correu antes mesmo de saber se conseguia levantar – e o lagarto gigante, o crocodilo de nove metros de comprimento subiu no corredor atrás dele com um poderoso rosnado. O cimento tremeu assim que o mamute réptil saiu das águas, galões de água escura vazando de sua mandíbula cheia de dentes.– uma boca tão grande quanto eu, maior – Leon correu, não havia dor, seu coração martelando de pânico – e a besta rosnou de novo, um impossível berro que sacudiu seus ossos, que fez suor explodir de todos os poros – e Leon deu uma olhada para trás, viu que era mais rápido que o lagarto gigante. Ele ainda estava subindo pela comporta, suas pernas grossas e curtas pareciam troncos de árvores, sua incrível cabeça grande demais para manobrar facilmente.

Leon trocou de arma numa onda de terror, seu ferimento gritando enquanto colocava uma bala na Remington.

Ele andou de lado, alcançando a curva – e descarregou todos as cinco balas o mais rápido que podia, o pesado calibre explodindo o focinho do monstro.

Ele rosnou, balançando a cabeça de lado a lado, baldes de sangue emergindo de sua sorridente face – mas ainda vindo, tirando sua calda da piscina lá atrás.

Insuficiente, não foi o bastante – Leon virou e correu de novo, horrorizado em ter que se retirar, com medo do que acontecerá a Ada ao fugir do crocodilo, mas sabendo que precisará de outros cinqüenta tiros para derrubá-lo – ou uma explosão nuclear, e por que ele ainda estava pensando? Ele precisava fugir e depois pensar no que fazer.

Agüenta aí, Ada – Os fortes passos do gigante encheram seus ouvidos enquanto passava pelas caixas, pela fileira de cilindros de aço – e parou de correr. Seus instintos gritavam por sanidade, mas ele tinha uma idéia – e enquanto o lagarto dava outro passo, Leon virou e voltou.

Funciona, isso funciona nos filmes, por favor, Deus, esteja ouvindo.

Os cinco cilindros brilhantes estavam presos por uma corrente. Havia um botão para a mesma e Leon o apertou.

Uma ponta da pesada corrente foi para o chão.

Soltando a espingarda, ele agarrou o cilindro mais próximo, seus músculos tencionando, sangue pulsando de seu braço ferido. Ele pode sentir finos traços de suor descendo pelo peito, sentando no calcanhar para libertar o cilindro do pequeno suporte.– pronto!

Leon se jogou para trás e o tubo de gás comprimido foi ao chão, rolando alguns centímetros. Ele olhou para cima e viu que o crocodilo tinha percorrido mais quinze metros – perto o bastante para ver os sujos dentes enquanto rosnava de novo, sentindo seu quente e podre hálito.

Leon colocou o pé no cilindro e empurrou com toda a força, o mesmo rolando vagarosamente na direção do lagarto. Por uma incrível sorte, o corredor tinha uma ligeira inclinação e o cilindro ganhou velocidade, rolando em um semicírculo.

Recuando, ele tirou o revólver do cinto e apontou para o tubo, forçando para não puxar o gatilho. O crocodilo avançava, sua calda batendo tão forte na parede que fazia levantar poeira.

Vamos desgraçado – A menos de dez metros, o crocodilo e o cilindro se encontraram – e Leon apertou o gatilho. O primeiro tiro acertou o chão perto do tubo – e a boca sorridente abriu, a grande cabeça abaixando para empurrar o obstáculo.– firme – Leon atirou de novo, e – *KA-BOOM!* – e foi jogado ao chão quando o cilindro explodiu. Numa explosão de aço retorcido e gases, a cabeça da criatura foi obliterada, desaparecendo como um balão estourado. Quase na mesma hora, uma onda de sangue acertou Leon, pedaços de dente, ossos e carne enfumaçada caindo sobre ele como um cobertor molhado.

Enjoado, seus ouvidos zunindo e braço sangrando, Leon sentou enquanto a carcaça decapitada ia ao chão, as pernas dobrando com o peso do réptil. Ele pressionou sua mão ensangüentada contra o ferimento, exausto, enjoado, dolorido – e profundamente satisfeito.

"Te peguei, sua porcaria idiota". Ele disse, e sorriu. Quando Ada veio correndo um pouco depois, foi assim que o encontrou – olhando deslumbrado e atordoado para seu serviço, sujo de sangue e sangrando, sorrindo como uma criancinha.

Capítulo 23

Leon vestia uma camisa branca sobre o uniforme; Ada rasgou-a e fez uma atadura no braço dele, uma espécie de tipóia antes de colocar a camiseta de volta. Ele perdeu sangue o bastante para estar tonto; e Ada aproveitou a situação para se explicar enquanto o atendia, sentindo-se chocada com a complexidade de emoções dentro dela.

"... e eu achei que ela me parecia familiar. Eu achava que a conhecia através de John e quase a alcancei – mas ela deve ter me despistado. Eu me perdi nos túneis, tentando voltar...".

Nenhuma verdade, mas Leon nem percebeu – até o gentil modo como ela o tocava, ou o leve tremor em sua voz enquanto pedia desculpas pela terceira vez, por deixá-lo para trás.

Ele salvou a minha vida. De novo. E eu acabo retribuindo tudo com mentiras, mentiras em troco de sua generosidade.

Algo mudou nela quando ele foi baleado em seu lugar, e não conseguia mudar de volta. Pior, ela não sabia se queria mudar de volta. Era como o nascimento de um novo sentimento, uma emoção que a enchia; era desconfortável, mas também não era desprazeroso. O modo como destruiu o crocodilo fez esse sentimento mais forte ainda. O buraco em seu braço foi só na carne, mas o sangue em seu corpo, ela sabia que doía muito, que estava drenando-o, matando-o enquanto tentava salvá-la.

Livre-se dele agora, sua mente soou, não deixe isso afetar seu trabalho – o trabalho, Ada, a missão. Sua vida.

Ela sabia que isso era a única coisa a fazer – mas quando ele ficou pronto e sua história foi contada, ela parou de ouvir ela mesma. Ada o ajudou a se levantar e o tirou do cenário com os restos do réptil, sem parecer ter achado uma saída quando estava perdida.

Annette se foi; assim que Leon tinha chamado a atenção do crocodilo, ela subiu a escada e checou – e viu que Annette teve bastante senso de ligar os ventiladores e abaixar a ponte antes de fugir. Apesar de Annette estar errada sobre os propósitos de Ada, ela terá que chegar no laboratório antes da cientista. E com Leon nessas condições só a atrasaria.

Solte ele! Perca o peso, você não é uma enfermeira, por Deus, esta não é você, Ada – "Estou com sede". Leon suspirou, sua respiração morna em seu pescoço. Olhando em seu rosto ensangüentado e piscante, ela viu que a voz lá dentro seria

mais fácil de ignorar. Ela terá que deixá-lo – mas não agora.

"Então vamos achar um pouco de água". Ela disse, e virou-o gentilmente para a direção que precisava ir.

Sherry acordou no escuro, um terrível gosto na boca, um rio de água fria puxando suas roupas. Havia um estrondoso barulho a sua volta, como se o céu estivesse caindo, e por um segundo não podia se lembrar do que tinha acontecido ou onde estava – e quando percebeu que não conseguia se mover, ela entrou em pânico. O som estava enfraquecendo mais e mais até acabar – mas ela estava presa em algum rio fedorento, presa e sozinha.

Ela abriu a boca para gritar – mas lembrou do monstro que berrava, depois do gigante careca e depois de Claire.

Ela lembrou de Claire quando a impediu de gritar; de algum modo a imagem de Claire funcionava como um suave toque, acalmando o cego terror e a permitindo pensar.

Sugada por um buraco, e agora estou – em outro lugar, e gritar não vai ajudar.

Era um pensamento forte e corajoso, fazendo-a pensar melhor. Ela se desencostou da dureza atrás e percebeu que não estava presa; ela estava contra uma fileira de barras na parede e a força da água corrente a tinha segurado lá – e provavelmente a salvou de ter afundado. A nojenta água ainda estava agitada, borbulhando – e o gosto ruim em sua boca significava que havia engolido um pouco dela...

Pensar nisso abriu o resto de sua memória. Ela estava flutuando e de alguma forma foi revirada, engoliu o horrível líquido e – apagou.

Pelo menos o barulho tinha acabado, e agora que estava mais acordada, percebeu que podia enxergar. Não muito, mas o suficiente para ver que estava numa grande sala alagada e que havia um pequeno buraco de luz vindo de cima.

Tem que ser uma saída. Alguém construiu esse lugar, tem que haver uma saída...

Ela nadou mais pela sala, e sentiu seus dedos do pé tocarem algo duro e plano. Sentindo-se boba por não ter pensado nisso antes, ela respirou fundo e esticou as pernas – e ficou de pé. A água batia em seus ombros, mas conseguia ficar de pé.

Os últimos traços de pânico se foram ao parar no meio do lugar, virando devagar, seus olhos finalmente se adaptando à fraca iluminação – e viu a escada de mão na parede ao longe. Ainda assustada, a visão das barras significava que tinha achado a saída. Sherry levantou o pé e foi para a escada, orgulhosa de como está se

virando.

Sem gritar nem chorar. Como Claire diz. Forte.

Ela começou a subir, agarrando as melecadas barras de metal que pareciam continuar para sempre. Ao olhar para baixo, só viu a água movimentando onde a luz incidia. Ela também viu a origem da luz – uma estreita fenda no teto, não muito longe de onde estava.

Quase no topo. E se eu cair não vou me machucar... não há nada para se assustar.

Sherry respirou fundo para tornar isso verdade e olhou para cima de novo.

Mais algumas barras, e quando foi tocar a próxima, sua mão bateu no teto de metal. Ela empurrou com uma mão e – e a tampa não se moveu. Não mesmo.

"Droga". A palavra soou pequena e só, mais como um apelo.

Sherry colocou um cotovelo em volta da barra que segurava, tocou seu colar da sorte, e tentou de novo, empurrando de verdade desta vez. Ela sentiu o alçapão mexer um pouco, mas não o bastante. Ela abaixou a mão, quieta; estava presa.

Por vários minutos ela não se moveu, não querendo voltar para a água, não querendo acreditar que estava presa – mas seus braços estavam começando a ficar cansados e ela não queria pular. Finalmente, ela começou a descer, mais devagar do que quando subiu. Cada degrau a menos era como admitir a derrota. Ela estava a um terço do caminho para a água quando ouviu passos acima – uma suave vibração a princípio, mas depois se difundiram em passos distintos, mais altos, se aproximando do poço que Sherry estava.

Sherry deu um segundo para pensar em ignorar os passos, mas acabou subindo, decidindo que valia a pena arriscar; pode não ser Claire – mas podia ser sua única chance de escapar.

Ela começou a gritar antes mesmo de chegar ao topo. "Ei! Socorro, você pode me ouvir? Ei, Ei!".

Os passos pareceram parar, e ela alcançou o topo, ainda chamando, batendo no metal várias vezes.

"Ei, ei, ei!".

Outra pancada com sua dolorida mão – e de repente estava socando o ar, uma forte luz caindo em seu rosto.

"Sherry! Oh, meu Deus, querida, que bom que você está bem!".

Claire, era Claire, e Sherry não a conseguia ver, mas estava derretida de prazer ao som de sua voz. Fortes e quentes mãos a levantaram, quentes e úmidos braços a abraçaram fortemente. Sherry piscou e começou a perceber as características da vasta sala através da brilhante e branca névoa.

"Como você sabia que era eu?". Claire perguntou, ainda segurando-a.

"Eu não sabia. Eu não conseguia sair sozinha, e ouvi passos...".

Sherry olhou em volta, sentindo-se impressionada por Claire tê-la ouvido.

A sala era enorme, com passarelas de metal na diagonal – e a seção do chão onde tinha saído estava no canto mais longe da sala.

"Estou muito feliz por ver você". Sherry disse e Claire sorriu, tão feliz e espantada quanto Sherry.

Claire se ajoelhou na frente dela, seu sorriso sumindo um pouco. "Sherry, eu vi sua mãe. Ela está bem, está viva–".

"Onde? Onde ela está?". Sherry ficou corada, empolgada com a notícia – mas sentindo uma incerteza, tencionando os músculos de repente, ficando difícil de respirar.

Ela olhou fundo nos olhos preocupados de Claire, e percebeu que ela iria mentir de novo – que tentava dar uma notícia ruim do melhor jeito possível. Sherry teria deixado ela fazer isso algumas horas atrás – mas agora não. Fortes e corajosas nós temos que ser...

"Diga-me, Claire. Diga-me a verdade".

Claire suspirou, balançando a cabeça. "Eu não sei para onde ela foi. Ela estava – com medo de mim, Sherry. Acho que ela me confundiu com outra pessoa, alguém ruim. Ela correu de mim – mas eu tenho quase certeza de que ela veio por aqui, e eu estava procurando por ela quando ouvi você".

Sherry acenou devagar, forçando para aceitar a idéia de que sua mãe vinha agindo estranho – estranho o bastante para Claire suavizar.

"E você acha que ela veio para cá?" Sherry finalmente perguntou.

"Não estou certa. Eu também achei um policial, antes de ver sua mãe. Eu o conheci quando cheguei na cidade, e ele estava num dos túneis que passei depois que você desapareceu. Ele estava ferido, ele não podia vir comigo – então depois que vi sua mãe, eu voltei para buscá-lo, mas ele não estava mais lá."

"Morreu?".

Claire balançou a cabeça. "Não. Foi embora – então eu voltei e esse é o único caminho que sua mãe pode ter pego. Mas como eu disse, não estou muito certa..."

Ela hesitou, olhando para Sherry pensativa-mente. "A sua mãe já te falou sobre algo chamado G-virus?".

"G-virus? Não acho que não".

"Ela já te deu algo para segurar, algum tubo de vidro, ou algo assim?".

Sherry franziu de volta. "Não, nada. Por quê?".

Claire se levantou, tocando e apertando o ombro de Sherry. "Não é nada importante".

Sherry estreitou os olhos e Claire sorriu de novo. "É sério. Venha, vamos ver se descobrimos por onde sua mãe foi. Aposto como está procurando você".

Sherry deixou Claire dar o caminho, imaginando porque de repente tinha certeza de que Claire não acreditava no que dizia... e imaginando porque não conseguia fazer mais perguntas.

O elevador plataforma do galpão, com uma locomotiva em cima, estava onde Annette o tinha deixado. O tempo tinha apertado, mas ainda estava na frente dos espiões, de Ada e de sua amiguinha de roupas rasgadas...

... dizendo mentiras como se o sofrimento de perder Wiliam não fosse o bastante para elas...

Ela tirou a chave de controle do bolso de seu rasgado avental de laboratório, apoiando-se nos controles, inserindo a chave e girando-a. Seus trêmulos dedos tocaram o botão de ativação e uma trilha de luzes apareceram no painel, bem claras apesar do brilho da lua cheia. Uma fresca brisa de outono soprou em seu corpo dolorido, um amigável vento que cheirava como fogo e doença...

... como no Dia da Bruxas, como fogueiras queimando a carne pestilenta das brincadeiras...

Quatro barulhentas buzinas soaram no ar noturno, o pesado elevador dizendo que é hora de ir. Annette subiu os degraus para a locomotiva, incapaz de lembrar o que estava pensando. Ela estava cansada. Quanto tempo faz que não dorme? Ela também não lembra disso?

Bati a cabeça, não foi? Ou apenas sonolência, pode ser...

Seus machucados a tinham levado para delirantes lugares que nunca imaginou existir, ela sabia o que fazer – o sistema de disparo, a abertura do portão do trem

subterrâneo, se esconder nas sombras e esperar se curar – mas o resto ficou tão estranho, como se tivesse tomado um remédio para pensar um pouco por vez.

Estava quase acabado. Uma mágica e positiva frase que ainda podia ver, não importava o quanto cega tinha ficado. A caminho do galpão, ela tossiu e tossiu, e depois vomitou de dor, uma escuridão que quase permaneceu por tanto tempo que ela pensou ter perdido a visão – está quase acabado.

Agarrando o pensamento como um amor perdido, ela achou a maçaneta da porta metálica e entrou. O movimento e o som de movimento a engoliram enquanto se deitava no suave banco de metal e fechava os olhos. Alguns momentos para descansar e estará tudo acabado...

Annette afundou na escuridão, o suave hum dos motores levando-a para um profundo e distante sono. Ela estava descendo, seus músculos relaxados, suas dores e misérias perdendo a força – e por um bom tempo achou silêncio até que – até que um terrível grito esfaqueou sua escuridão, um berro de tal fúria e dor que falou para seu coração – e ela voltou à vida, ofegando e apavorada – e então percebeu o que a tinha tirado de seu sono.

Foi Wiliam. Ele tinha voltado para casa, ele a tinha seguido – e a Umbrella não terá nada porque seu marido tinha voltado para o raio da explosão.

O grito soou de novo, desta vez ecoando por um dos vários túneis secretos do laboratório enquanto descia.

Annette fechou os olhos novamente, o novo pensamento se juntado ao seu amor perdido, ambos juntos a fazendo feliz.

Wiliam voltou. Está quase acabado.

O terceiro seguiu naturalmente enquanto voltava para o silêncio, sabendo que terá de se levantar em breve.

Quando a plataforma parar, ela levantará e estará pronta para a jornada final.

A Umbrella sofrerá pelo que fez – e todos morrerão no final.

Ela sorriu e dormiu, sonhando com Wiliam.

Capítulo 24

Leon finalmente começou a se sentir ele mesmo, sentado na sala de controle onde Ada o deixou. Ela tinha achado um kit médico em um dos gabinetes empoeirados, junto com uma garrafa de água; já fazia dez minutos que ela tinha saído e, a aspirina já estava funcionando, a água fez maravilhas.

Ele sentou no console cheio de botões, tentando se lembrar do que tinha acontecido depois da explosão no esgoto; a última coisa de que se lembrava era do colapso do crocodilo e de ter sido pego por uma fraqueza logo depois. Ada fez um curativo e o levou pelos túneis – e um vagão, nós ficamos num vagão por um minuto ou dois – e finalmente esta sala, onde ela pediu que descansasse enquanto verificava algo.

Leon tinha protestado, lembrando-a de que não era seguro, mas estava confuso o bastante para não fazer nada exceto sentar onde ela mandou. Uma vez que bebeu um galão de água, começou a melhorar. Parece que a perda de sangue causava desidratação...

... aí ela me deu água e foi checar o que? E como ela sabia vir por esse caminho?

Ele mal conseguia andar e mesmo delirando, ele percebeu o quanto ela estava confiante e precisa ao escolher o caminho? Ela era uma compradora de arte em Nova Iorque, como ela pode saber algo sobre o sistema de esgoto de Raccoon City?

E onde ela está? Por que ainda não voltou?

Ada provavelmente salvou sua vida – mas ele não podia continuar acreditando no que ela dizia ser. Ele queria saber o que ela estava fazendo, saber agora, e não só porque está guardando segredos, mas porque Claire ainda estava nos esgotos. Se Ada conhece uma saída, Leon devia isso a Claire.

Leon se levantou devagar, se apoiando na cadeira e respirando fundo. Ainda fraco, não sentia tanta dor no braço e nem enjôo – a aspirina talvez.

Ele sacou o revólver e andou para a porta da pequena e empoeirada sala de controle, prometendo que não aceitaria mais respostas vagas ou sorrisinhos.

Ele abriu a porta e saiu num enorme galpão de madeira; estava vazio e escuro, mas a brisa noturna fez isso quase agradável – e lá estava Ada, subindo numa plataforma elevada fora do galpão, desaparecendo atrás do que parecia ser uma locomotiva amarela. Era um elevador de transporte industrial – e pelos oleosos

trilhos que terminavam dentro do galpão, deveria ser a parte de uma fábrica abandonada, que não estava completamente abandonada.

"Ada!".

Com seu braço ferido pressionado contra o corpo, Leon correu para a grande plataforma hexagonal – ficou enraivecido ao ouvir o crescente barulho dos motores, o barulho mecânico subindo no limpo céu noturno. Ada estava partindo, não tinha ido verificar nada – só que ela não vai a parte alguma antes de dizer por quê.

Leon correu pela luz da lua, ouvindo a porta da locomotiva fechar enquanto passava por um painel de controle.

Depois que subiu os degraus e tentava recuperar o equilíbrio, o grande elevador começou a descer, painéis de quase um metro cercaram o perímetro hexagonal da plataforma, levando Leon, Ada e a locomotiva para baixo numa suave descida.

Leon abriu a porta enquanto tudo ficava escuro, o céu tornando-se apenas um ponto cada vez menor. A luz da lua sendo trocada pelas brancas luminárias do poço do elevador.

Ao entrar, viu o surpreso olhar de Ada enquanto se levantava de um assento preso na parede, enquanto ela erguia a Beretta e a abaixava de novo – o sentimento de culpa indo e vindo no tempo que levou para fechar a porta.

Nenhum dos dois falou, encarando um ao outro. Leon quase a viu tentando inventar uma explicação – cansado como estava, ele decidiu que não tinha paciência para isso.

"Para onde nós vamos?". Ele perguntou, tentando não mostrar a raiva em sua voz.

Ada suspirou – e sentou, seus ombros caindo "Eu acho que é uma saída". Ela olhou para ele. "Desculpe. Eu não devia ter tentado partir sem você, mas eu estava com medo...".

Ele pôde ver tristeza de verdade em sua voz e em seus olhos, sua raiva diminuindo um pouco. "Com medo de quê?".

"De que você não fosse conseguir. De que eu não fosse conseguir, tentando manter nós dois a salvo."

"Ada, do que você está falando?". Leon foi para o banco, sentando ao lado dela. Ela olhou para as mãos, falando suavemente.

"Quanto eu estava procurando você nos esgotos, eu achei um mapa. Ele mostrava o que parecia ser algum tipo de laboratório ou fábrica subterrânea – e se o

mapa estiver certo, havia um túnel que dava fora da cidade".

Ela olhou para ele de novo. "Leon, eu não achava que você tivesse condições de fazer uma viagem como aquela, como esta – e eu estava como medo de traze-lo comigo, de ser um túnel sem saída ou de algo nos atacar...".

Leon acenou devagar. Ela estava tentando se proteger – e a ele.

"Me desculpe". Ela repetiu. "Eu devia ter contado, eu não devia tê-lo abandonado daquele jeito. Depois de tudo o que você fez por mim, eu – eu pelo menos te devia a verdade".

A culpa e a vergonha em seus olhos não era algo falso. Leon foi para tocar a mão dela, preparando-se para dizer que entendia e que não a culpava – foi quando houve uma pancada no lado de fora. O vagão inteiro tremeu um pouco, mas suficiente para deixá-los apreensivos.

"Deve ser um defeito na trilha...". Leon disse e Ada acenou, com uma intensidade que o fez prazerosamente desconfortável, um calor que se espalhou por todo seu corpo – *BAM!* – e Ada voou do banco, jogada ao chão assim que uma grande e encurvada coisa varou a parede como se fosse papel. Era uma mão, uma mão com garras bem compridas, pingando de – "Ada!".

A mão gigante saiu e voltou, fazendo novos buracos no metal enquanto Leon se jogava ao chão, agarrando o mole corpo de Ada, colocando-a no centro do vagão. Um terrível grito soou pela escuridão do lado de fora – foi o mesmo grito furioso que tinha ouvido na delegacia, só que mais alto e violento – e menos humano do que antes.

Leon segurou Ada com o braço bom, sentindo um quente rastro de sangue sair do lado direito dela.

"Ada, acorde! Ada!".

E nada. Ele a abaixou gentilmente no chão e apertou o buraco de sangue em seu vestido, bem acima do quadril.

Sangue jorrava de duas profundas perfurações; não dava para saber se era grave. Ele rasgou cerca de cinco centímetros da parte debaixo do curto vestido dela, pressionando o tecido contra o ferimento – e o monstro gritou de novo, e a raiva naquele grito nem se comparava com a de Leon, olhando para o falecido rosto de Ada. Ele esticou o apertado vestido sobre a atadura improvisada, prendendo-a o melhor que podia, depois se levantou e empunhou a Remington.

Ada tinha cuidado dele e o protegeu quando não conseguia se proteger. Leon carregou a espingarda impiedosamente enquanto se preparava para retribuir o favor.

Quando elas chegaram no que parecia o fim da linha, foi Sherry que adivinhou por onde sua mãe devia ter ido.

Elas tinham entrado em outra cavernosa e escura câmara, mas só tinha a porta de entrada. Não parecia ter outra saída, a não ser que Annette tivesse descido da passarela de metal e caminhado pelo vazio que as cercava.

Elas pararam na beira do chão de metal, tentando enxergar a escuridão à frente, mas sem sorte. O lugar parecia uma doca; o chão gradeado ia da porta até a parede de trás, e terminava sem mais nem menos, dando lugar a um interminável vazio. Ou Annette desceu e seguiu em frente ou Claire seguiu pelo caminho errado.

Então voltamos ou seguimos em frente?

Ela não queria nenhuma das opções – se bem que voltar parece melhor do que encarar uma caverna escura. E Leon ainda deve estar lá atrás...

"Isso é algum teleférico? Sherry perguntou, e Claire se bateu mentalmente.

Plataforma, vários cabos no teto...

"É, acho que é, apesar de você ter adivinhado por mim. A minha cabeça deve estar ruim...".

O pequeno painel do outro lado da plataforma devia ser a mesa de controle. Claire foi para lá, Sherry a seguiu, apertando seu colar dourado enquanto descrevia os barulhos do tubo de drenagem.

"... e se movia como um trem. Me assustou bastante, também. Era bem alto".

Bem abaixo do pequeno monitor estava um código de chamada. Claire digitou o código e apertou "enter" – e o lugar se encheu com o suave hum do maquinário.

"Você é bem espertinha, sabia?". Claire disse e Sherry praticamente se iluminou, um doce sorriso em seu rosto.

Claire colocou um braço em volta dos ombros de Sherry e juntas foram esperar no fim da plataforma.

As luzes do teleférico apareceram alguns segundos depois, aumentando cada vez mais. Depois dessa, Claire decidiu que seria fantasticamente mais otimista. O teleférico daria fora da cidade e estaria bem estocado com água e comida, teria chuveiros e roupas limpas – não, apague isso. Uma banheira quente e um daqueles grosso roupões de veludo. E pantufas.

Legal, qualquer coisa que não inclua monstros e pessoas malucas. Ela olhou para Sherry e viu que ela ainda esfregava o medalhão.

"O que tem aí?". Ela perguntou, tentando fazê-la sorrir de novo. "É a foto do seu namorado?".

"Dentro? Oh, não é para guardar nada". Sherry disse, e Claire gostou de ver as bochechas dela coradas. "Minha mãe me deu, é para dar sorte – e eu não tenho um namorado. Os meninos da minha idade são totalmente imaturos".

Claire sorriu. "Vá se acostumando, docinho. Alguns deles nunca crescem mais do que isso".

Já dava para ver o aspecto do teleférico, um único vagão com cerca de seis metros vindo suavemente.

"Para onde você acha que ele vai?". Sherry perguntou, e antes que Claire pudesse responder, a porta pela qual entraram explodiu.

A porta veio para dentro, arrancada das dobradiças em um ruído metálico e caindo no chão – e Claire agarrou Sherry, colocando-a perto assim que Mr. X apareceu, contorcendo-se para cruzar a abertura, seu olhar desalmado mirando nelas.

"Fique atrás de mim!". Claire gritou, sacando a arma de Irons, arriscando um olhar para o teleférico se aproximando. Dez segundos, só dez segundos – mas X deu um passo gigante para elas, seus grandes braços se levantando, ainda a seis metros de distância, mas só a quatro de seus largos passos – "Entre no vagão quando ele parar!". Claire gritou e apertou o gatilho.

Quatro, cinco, seis tiros no peito dele. O sétimo acertando uma bochecha branca, mas Mr. X nem piscou, nem sangrou – nem parou. Outro passo. O escuro buraco em seu rosto como prova de sua inumanidade. Claire abaixou a mira, pernas, joelhos.

Bam-bam-bam! – e ele pausou quando pelo menos um dos tiros acertou seu joelho esquerdo, seus olhos negros fixados nela, marcando-a – "Aqui, vamos!".

Sherry já estava puxando o colete dela, gritando, e Claire recuou, atirando de novo. Mais dois tiros acertaram sua barriga – e ela já estava no vagão. Sherry achou o controle da porta e a mesma deslizou para o lado, Mr. X enquadrado na pequena janela, sem vir mas também sem cair. Sem morrer.

"Siga-me!". Claire gritou, vendo os comandos luminosos à direita, sabendo que a porta não agüentaria um segundo.

Ela correu com Sherry, agradecendo a Deus pelo designer ter sido amigável quando o botão "partir" desceu sob suas trêmulas mãos – e o teleférico se moveu, deslizando da plataforma, para longe do indestrutível homem e para dentro do escuro.

Annette sentou-se no dormitório do nível quatro, esperando o computador ligar e debatendo se inicia ou não a seqüência P-Epsilon. Quando o sistema de destruição for ativado, todas as portas serão destrancadas, até mesmo as eletrônicas. E as criaturas que estiveram presas pelos últimos dias ficarão livres para vagar, e a maioria delas estarão famintas...

... famintas e quentes, sangrando puro vírus através da carne...

Ela não queria encarar nenhuma dessas criaturas, mas assim que as primeiras linhas do código apareceram na tela, ela decidiu iniciar a seqüência. O gás P-Epsilon era um experimento que alguns microbiologistas criaram para satisfazer a equipe de controle de danos da Umbrella. Se funcionar, o gás incapacitará qualquer criatura infectada pelo vírus aerotransmissível – a principio – garantindo-a uma viagem segura para o túnel de transporte, mas os espiões estavam vindo e Annette não queria tornar as coisas fáceis para eles. Ela tinha ouvido o elevador de carga sendo chamado para a superfície a caminho do laboratório de sínteses – o que era ótimo, eles estarão aqui para o final, e ela queria que eles lutassem por suas vidas enquanto acelerava para fora do multibilionário complexo, para longe da brilhante explosão...

... ele vai queimar e eu ficarei livre desse pesadelo. Fim de jogo, eu venço e a Umbrella perde, e de uma vez por todas as criaturas assassinas – Ela sentiu-se bem; ela queria ir direto para o computador mais próximo e ativar o sistema de destruição, mesmo antes de coletar a amostra, só que ela mal enxergava à frente quando saiu do elevador; e ela tinha medo de esquecer alguma coisa – ou pior, cair e não levantar mais. A viagem para o armário de remédios do laboratório de síntese fixou tudo isso.

Epinefrina, endorfina, anfetamina*(Nota 7)*, oh, Deus.

Annette sabia que estava drogada, que não devia subestimar suas habilidades, mas por que não se sentir feliz?

Ela sorriu para o pequeno computador à frente e começou a digitar os códigos, sentindo como se seus dedos fossem quebrar enquanto a adrenalina sintética corria por suas veia dilatadas.

Ela tinha voltado para o laboratório, Wiliam também, e a última amostra viável do G-virus estava no seu bolso. Ela a tinha escondido numa caixa de fusíveis antes de ir procurar Wiliam, e a recuperou quando voltou – 76E, 43L, 17A, tempo para destruição... 20, alerta vocal/corte de energia, 10, autorização pessoal, 0001 Birkin – e era isso. Annette não parava de sorrir, não queria parar enquanto tocava o "enter". Um toque e nada na terra poderia pará-lo. Em dez minutos os alertas gravados serão tocados, e o elevador desligará; em quinze começará a contagem – cinco minutos

para alcançar uma distância segura de trem, outros cinco e – *Boom*. Vinte minutos antes da explosão. Mais do que suficiente para chegar no túnel e ligar o trem; suficiente para acelerar por baixo das ruas da cidade, pelas montanhas isoladas dos limites de Raccoon. Tempo o bastante para chegar no fim da linha e ver a Umbrella perder.

Quando o relógio marcar zero, as cargas plásticas na central de força do laboratório serão ativadas. Mesmo se onze das doze cargas explosivas falharem, uma única seria capaz de detonar as cargas secundárias embutidas nas paredes. O sistema de destruição da Umbrella foi projetado para derrubar tudo. O laboratório se tornará um inferno, explodindo sob a cidade morta, visível à quilômetros – e ela estará lá para ver, para ver que fez tudo dar certo.

Isto é por você Wiliam...

O pensamento foi amargo... por um tempo, eles não – aproveitaram a relação marido e mulher. Wiliam era tão brilhante, tão devotado ao trabalho que os prazeres da síntese tomaram o lugar da vida de casado. Mas ela aprendeu a conviver com isso – e agora, com seu dedo tocando o fim de tudo, ela desejou que tivesse havido mais entre eles nos últimos anos, mais do que sua adoração por seus incríveis presentes ou pela adoração dele por sua assistência...

Este é o nosso último beijo, meu amor. Esta é minha contribuição pelo trabalho, meu ato final pelo que compartilhamos.

É, estava certo, esse era o sentimento. Annette apertou a tecla, seu coração cantando, e viu o código de travamento aparecer na tela em verde brilhante.

"Eu, com todo respeito, ofereço a minha demissão". Ela disse suavemente e começou a rir.

Capítulo 25

Leon tinha dado duas voltas em torno do vagão e não viu nada.

Quando a criatura finalmente saiu das sombras do teto do vagão, Leon ergueu a espingarda. A visão o fez congelar, sua fúria rendendo-se ao medo.

Mas que droga – A coisa ainda gritava, o brutal berro como a voz do inferno. A coisa já foi um homem – pernas e braços, pedaços de roupas penduradas em seu grande corpo – mas tudo de humano mudou – ainda estava mudando enquanto aumentava sua ferocidade, e Leon só conseguia olhar.

Seu corpo era inchado e ondulado com estranhos músculos. Seu braço direito era quase meio metro mais longo que o outro, manchadas garras sobressaindo da mão. E o inquieto tumor no ombro direito parecia um olho do tamanho de uma bola de basquete, mexendo de um lado para o outro como se procurasse algo – e o grito também estava mudando, mais profundo, mais áspero, o despenteado rosto caindo – derretendo até o peito. Como cera quente, a cabeça humana escorregou para o peito esquerdo – e ao mesmo tempo, outro rosto estava se formando, crescendo com um terrível som de estalo, como dedos sendo quebrados. Rachados olhos se abriram, o vermelho buraco de uma boca se formando, respirando para gritar – e Leon apertou o gatilho.

Boom!

O tiro acertou o peito, um grosso e roxo sangue espirrou, cortando o grito da criatura – mas foi só isso. O novo rosto do monstro virou para Leon, inclinando – e pulou na plataforma, aterrissando com as penas meio agachadas. Ele deu um passo a frente e ficou perto o bastante para Leon sentir o estranho e químico cheiro que a pele do monstro soltava – e viu que o sangramento no peito tinha parado, que a carne estava comendo os buracos.

A criatura levantou sua poderosa garra e Leon recuou, atirando novamente quando a mão desceu – *shhink!* – e faíscas voaram do metal assim que o tiro acertou a criatura no estômago. O pesado calibre mal intimidou o gigante mostro. Ele deu outro passo e Leon recuou, atirando de novo – e encostou nos degraus que sobem para o vagão, tropeçando e caindo sentado, o tiro indo longe sobre a cabeça em forma de bala da criatura. Mais um passo e estará nele – e estarei morto – exceto que a criatura não deu o passo. Ao invés disso, ela virou para o parapeito da plataforma, sua bizarra cabeça levantando, os buracos de suas narinas alargando – e silenciosamente, quase graciosamente, o monstro pulou para a escuridão fora da

plataforma.

Por um momento, Leon não se mexeu. Não podia, estava muito ocupado tentando entender porque o monstro não o matou. Deve ter sentido ou cheirado algo, terminou o ataque que com certeza teria ganho – e pulou fora do transporte.

Eu não morri. Ele se foi e eu não estou morto.

Por quê? Ele não sabia, mas saber que estava vivo já bastava – e alguns segundos depois, seus confusos sentidos o disseram que o elevador estava diminuindo a velocidade, que o poço estava ficando mais claro, a escuridão ficando acinzentada.

Leon ficou de pé e foi ver Ada.

Sherry ouviu o monstro de longe, em algum lugar do claro e fundo buraco, e sentiu-se bem mais assustada do que quando Mr. X – Claire o chamava assim – entrou na estação do teleférico. Claire disse que foi um problema na máquina, mas Sherry não se convenceu. O som era tão distante e estranho que poderia ser outra coisa...

... e se não for? E se Claire estiver errada?

Elas pararam no lado de fora do galpão, em frente a um grande buraco no chão e esperaram pelos ruídos mecânicos cessarem. A quase lua cheia estava baixa no céu, e Sherry podia dizer que já era de madrugada pelo tom azul no horizonte; ela não se sentia cansada. Estava assustada e ansiosa, mesmo com Claire segurando sua mão, Sherry não queria entrar no buraco escuro onde o monstro poderia estar.

Depois de um longo tempo, o maquinário parou e Claire recuou – o poço do transporte, ela disse – e voltou para o galpão.

"Vamos ver se podemos chamá-lo de volta – Sherry?".

Sherry não se mexeu. Ela olhava dentro do buraco, segurando seu amuleto e desejando ser corajosa como Claire – mas ela não era, e sabia disso, e não queria descer na escuridão.

Eu não posso, eu não posso descer lá, eu NÃO sou como a Claire, e não me importo se minha mãe está lá embaixo – Sherry sentiu um calor nas costas e olhou para cima, assustada, e viu que Claire tinha tirado o colete e estava colocando-o em Sherry.

"Eu quero que você o use". Claire disse, e apesar do medo, Sherry sentiu uma súbita onda de pura alegria.

"Mas por que? Ele é seu, e você vai sentir frio...". Sherry disse.

Claire ignorou por um minuto, ajudando-a se vestir. Era grande demais para ela e estava um pouco sujo, mas foi a coisa mais legal que já ganhou.

Para mim. Ela quer que eu o tenha.

Claire se ajoelhou, agora vestindo só uma fina camiseta preta e shorts. Olhando seriamente, Claire fechou o colete no peito de Sherry e começou a falar.

"Eu quero que fique com ele porque eu posso dizer que você está com medo. Faz tempo que eu o tenho.

Quando eu o uso, sinto como se pudesse chutar traseiros. Como se nada fosse me deter. Meu irmão tem uma jaqueta de couro com o mesmo desenho nas costas, e ele chuta traseiros – mas ele tirou a ideia de mim".

Claire sorriu de repente, um cansado e quente sorriso que fez Sherry esquecer do monstro, só por um minuto.

"E agora é seu, e toda vez que vesti-lo, eu quero que se lembre de que você é a melhor garota de doze anos com quem eu já andei".

Sherry sorriu de volta, abraçando o tecido rosa escuro. "É um suborno, não é?".

Claire acenou sem hesitar. "Sim, é um suborno. Então, o que você me diz?".

Suspirando, Sherry pegou a mão dela, e juntas entraram no galpão para procurar os controles do elevador.

Ada acordou assim que Leon a colocou numa barulhenta cama metálica, sentindo uma pulsante dor de cabeça e uma dor em seu lado. Sua primeira ideia foi a de ter sido baleada – mas ao abrir os olhos e ver a pálida e preocupada face de Leon, ela lembrou.

Ele ia me beijar, acho – e então...

"O que aconteceu?".

Leon tirou o cabelo da testa dela, sorrindo um pouco. "Aconteceu um monstro. O mesmo que pegou Bertolucci, acho. Ele atravessou a parede do transporte com a mão e te nocauteou. Você bateu a cabeça depois que – te arranhou".

Vírus!

Ada fez força para levantar e ver o ferimento, mas a dor de cabeça a impedia. Ela tocou o galo bem acima da têmpora*(Nota 8)* esquerda, e tremeu.

"Ei, fique parada". Leon disse. "O ferimento não é tão grave, mas você levou uma séria pancada...".

Ada fechou os olhos. Se ela foi infectada, não havia nada que podia fazer – e que ironia – se foi Birkin quem a feriu e ainda estava quente, Ada acabaria coletando a amostra do G-virus de uma forma bem pessoal.

Respire fundo. Você não está mais no transporte, o que isso a diz?

"Onde nós estamos?". Ela perguntou, abrindo os olhos.

Leon balançou a cabeça. "Não tenho certeza. Como você tinha dito, é um laboratório ou fábrica subterrânea. O elevador está lá fora. Eu a trouxe para a sala mais próxima".

Ada virou a cabeça para ver a janela, para ver a área do elevador.

Deve ser o nível quatro, onde a plataforma pára...

O laboratório de síntese principal ficava no nível cinco.

Leon olhava tão sinceramente, seu brilhante olhar azul tão sensível, que por alguns segundos fez Ada pensar em abortar a missão. Eles poderiam descer para o túnel de fuga juntos, entrar no trem e sair da cidade. Podiam fugir para bem, bem longe – e depois o que? Ligar para Trent e dizer que vai reembolsar? Claro. Depois você pode conhecer os pais de Leon, ganhar um anel, comprar uma pequena casa branca com um cercado de madeira, ter alguns filhos... você pode aprender crochê e esfregar os pés dele depois de um duro dia prendendo bêbados e fazendo paradas no trânsito.

Felizes para sempre.

Ada fechou os olhos, incapaz de olhar para ele enquanto falava.

"Minha cabeça dói muito, Leon, e o túnel que vi no mapa – eu não sei onde é exatamente...".

"Eu vou achá-lo,". Ele disse. "eu vou achá-lo e depois voltar para cá. Não se preocupe com nada, tá bom?".

"Tome cuidado". Ela sussurrou, e sentiu os suaves lábios dele tocarem sua testa, o ouviu levantar e ir para a porta.

"Fique aqui, eu volto logo". Ele disse, e a porta abriu e fechou. Ela estava só.

Ele ficará bem. Ele se perderá tentando achar o túnel, vai voltar, verá que fui embora e pegará o elevador de volta à superfície... eu poderei achar a amostra, escapar e tudo acabará.

Ada contou um minuto e sentou-se devagar. Foi uma bela pancada mas ainda conseguia funcionar.

Houve um barulho lá fora, e Ada se levantou, olhando pela janela. Ela conhecia o som mesmo antes de olhar, e sentiu seu coração afundar um pouco. O elevador estava subindo, provavelmente chamado do galpão por uma equipe da Umbrella...

... isso quer dizer que não tinha muito tempo. E se eles o acharem – Não, Leon ficará bem. Ele era um combatente, sabia fugir do perigo, era forte e decente – e não precisava de alguém como ela em sua vida. Ela foi louca em considerar isso, mesmo por um momento. Era hora de arrumar as coisas, para fazer o que veio fazer, para lembrar quem ela era – uma agente freelance*(Nota 9)*, uma mulher sem dúvidas na hora de roubar ou matar para completar a missão, uma fria e eficiente ladra que leva o prêmio em uma carreira sem erros. Ada Wong nunca anda com os bons, e não será um policial de olhos azuis que a fará esquecer disso. Ada tirou as chaves e cartões do bolsar*(Nota 10)* e abriu a porta, dizendo a si mesma que estava fazendo a coisa certa – esperando acreditar nisso.

Capítulo 26

Annette teve alguns problemas.

A ida para a sala de carga foi ruim; cruzou com um infectado, nos primeiros estágios, e o matou com um tiro na cabeça. Ela passou sob um Re3 que não se desgrudou do teto, e parece que as outras criaturas ainda não perceberam que estavam livres.

Mesmo assim, ela conseguiu chegar lá em menos de três minutos. Ela digitou o código com um senso de grande conquista – até que a porta da sala de carga se recusou a abrir. Annette digitou o simples código de novo, com mais cuidado – e nada. Era uma das únicas portas no complexo que não abriam automaticamente com o sistema de destruição, mas isso não deveria ser um problema – havia uma entrada de disco debaixo dos controles, o disco que sempre esteve lá, que por insistência da Umbrella, só os chefes da seção poderiam ter acesso – e claro, depois de verificar, ela viu que não estava lá. Alguém pegou.

Annette ficou parada na frente da porta trancada do saguão vazio, e sentiu o pânico alcançar a sua mente.

O lugar vai explodir e eu desperdicei quatro, quase cinco minutos agora e onde está o maldito disco?

"Calma, calma, você está bem, tudo bem...".

Um fraco eco, um suspiro de razão no brilhante saguão. Ela só tinha que descer em outro nível; ela tinha a chave mestra, uma arma e tempo. Não muito, mas o bastante.

Respirando fundo, Annette voltou para o corredor que dava nas escadas, lembrando se de que mesmo não conseguindo, a Umbrella ia pagar. Ela não queria morrer, não iria morrer, mas os corredores claros e sujos de sangue, os laboratórios uma vez estéreis vão queimar de qualquer jeito, não há motivo para pânico – e assim que virou à direita e correu pelo corredor, seus passos altos e profundos no silêncio, uma grade de metal caiu do teto bem na sua frente – e um Re3, um licker, apareceu e gritou por seu sangue.

Não!

Annette atirou, mas só acertou o ombro dele enquanto avançava, esticando um braço deformado para acertá-la.

Ela sentiu uma aguda dor no braço e atirou de novo, chocada e desacreditada – e o segundo tiro acertou-o na garganta. Ele gritou, sangue espirrando do pescoço, seu babante e falso grito enquanto pulava nela de novo.

O terceiro atingiu seu gelatinoso e acinzentado cérebro, e ele caiu se contorcendo, a centímetros de suas trêmulas pernas.

Ofegando ao ver o quanto perto ele parou, Annette olhou para seu braço sangrando, para os grandes rasgos em seu avental – e algo cedeu. Algo em sua mente.

Sua mente correndo, seu coração batendo, o sangue e o licker, o licker de Wiliam, morto no chão à sua frente – tudo isso dançava em um círculo que se juntou em um só pensamento. Um que explicava tudo isso.

Não é deles.

Era tão claro, como cristal. Ela não podia fugir da dor, porque a dor acabaria em qualquer lugar; ela tinha provas, pingando de seu braço. Wiliam tinha entendido, mas se perdeu antes de explicar, antes de dizer o que ela realmente precisava fazer. Ela tinha que confrontar seus agressores e fazê-los entender que o G-virus não pertencia a eles.

Mas eles vão entender? Conseguirão?

Talvez sim, talvez não. Era o trabalho de Wiliam, seu legado, e agora era dela.

Deles não. Meu.

Ela tinha que achá-los e dizer a eles. E quando aceitarem a verdade, eles terão que deixá-la sozinha – e então, se ainda houver tempo, ela seguirá seu próprio caminho.

Mas primeiro ela precisava de outro ato. Sorrindo, de olhos grandes e estrelados, Annette passou por cima do licker e foi para a escada.

Leon pensou ter ouvido tiros.

Ele estava em um tipo de ala cirúrgica, a primeira sala no final da primeira passagem que pegou depois de deixar Ada, e levantou os olhos da pilha de papéis amassados que tinha achado, ouvindo – mas os distantes cracks não se repetiram, então voltou à busca. Ele folheou rapidamente as páginas, desesperado para achar algo além de intermináveis listas de números e cartas sob o timbre da Umbrella.

Vamos, deve ter algo útil em tudo isso...

Ele queria sair, queria pegar Ada e sair. O cadáver estripado caído no canto era um bom motivo, mas era mais do que isso – o ar na sala, o corredor lá fora, ele apostou que todas as salas daquele lugar estavam erradas.

Cheirava como morte, e pior, tinha uma atmosfera de algo mais escuro, algo

amoral. Mal.

Eles faziam experiências aqui, testes e sabe lá Deus o que mais – e eles criaram a praga zumbi; eles criaram o demônio que atacou Ada, eles assassinaram a cidade inteira. Seja lá o que queriam fazer, estavam praticando o mal. – Mal em larga escala; o elevador os tinha levado para um complexo secreto da Umbrella, um dos grandes. Pelos números na parede, ele sabia que estava no quarto piso – e a passarela de metal que o levou para a sala de operações, uma das três, se esticava sobre um buraco que cobria a câmara inteira, o fundo perdido na sombra.

Ele não sabia o quanto tinha descido, e nem se importava, ele só queria achar um simples mapa que indicasse a saída.

E não está aqui...

Frustrado, Leon deixou os papéis de lado – e viu que havia um disquete de computador na mesa de metal, escondido pelos papéis. Franzindo, Leon o pegou – "Para verificação da sala de carga" estava impresso numa etiqueta.

Suspirando, ele o colocou no bolso e esfregou os olhos com a mão direita, seu braço esquerdo praticamente inútil depois de carregar Ada. Ele não queria procurar um computador e ver o que tinha no disco, não queria procurar a saída de porta em porta, ver com quais atrocidades a Umbrella tinha brincado. Ele estava cansado, com dor e preocupado com Ada... e decidiu, enquanto ia para a porta, que deveria falar com ela. Tentar refrescar sua mente, dizer que acharia a saída, mas o lugar é grande demais; se ela soubesse a direção, ou se lembrasse em que andar era...

Leon abriu a porta, saiu para o corredor e – uma mulher armada estava na sua frente, uma 9mm apontada para seu peito. Ela estava sangrando, finos riscos de sangue descendo pelo braço, manchando seu sujo avental de laboratório – e o olhar dela, estranho e esbugalhado, o dizia que se mexer seria uma má idéia.

Oh, Deus, o que é isso?

"Você matou meu marido". Ela disse. "Você, sua amiga e a garota – todos vocês, vocês queriam dançar no túmulo dele, mas eu tenho novidades para você!".

Ela tinha certeza, ele percebeu em sua alta e trêmula voz. Ele manteve as mãos abaixadas, sua voz calma e baixa.

"Senhora, eu sou um policial e estou aqui para ajudar, está bem? Eu não quero machucá-la, eu só – "

A- mulher colocou a mão ensangüentada no bolso e tirou algo, um tubo de vidro cheio de um líquido roxo. Ela sorriu bastante, erguendo-o acima da cabeça, ainda mirando a arma em Leon.

"Aqui está! É o que você quer, não é? Me ouça, você me ouve? Não é de vocês! Você entende o que estou dizendo? Wiliam o fez, eu o ajudei, e não pertence a você!".

Leon acenou devagar. "Não pertence a mim, você está certa. É absolutamente seu –".

A mulher nem ouvia. "Você acha que pode pegá-lo, mas eu vou impedi-lo, eu não vou deixá-lo pegar – tem muito tempo, tempo para matar você, Ada e quem mais tentar pegá-lo!".

Ada – "O que você sabe sobre Ada?". Leon perguntou, dando meio passo na direção da maluca, não muito calmo.

"Você a machucou? Me diga!".

A mulher riu, uma risada insana e sem graça. "A Umbrella a mandou, seu idiota! Ada Wong, a senhorita ame-os e deixe-os! Ela seduziu John para pegar o G-virus, só que não é dela, também! Não é, NÃO É DE VOCES, É MEU –".

Um forte tremor abalou o chão, lançando Leon ao mesmo, uma vibração que chacoalhou as paredes – e crash, canos e reboque caíram do teto, uma pesada viga levando a mulher ao chão. Leon cobriu a cabeça enquanto pedaços de cimento caíam sobre ele – e acabou. Leon sentou, olhando chocado para a mulher, sem saber o que tinha acontecido. Ela não se movia. A viga de metal que a derrubou ainda estava pendurada no teto – e uma fria e calma voz soou de repente, de alto falantes escondidos nas paredes – feminina, calma e pontuada pelo ritmo de um alarme.

"A seqüência de autodestruição foi ativada. Esta seqüência não pode ser abortada. Todas as pessoas devem evacuar imediatamente. A seqüência de autodestruição foi ativada. Este programa não pode ser abortado. Todas as pessoas devem evacuar imediatamente –".

Leon ficou de pé, correu para a mulher e pegou o cilindro de vidro da mão estendida, colocando-o na bolsa. Ele não sabia quem ela era, mas era louca o bastante para segurar um tubo de ensaio.

Ada – ele tinha que achá-la para fugirem. Os pulsantes e penetrantes alarmes ecoavam pelos corredores, perseguindo-o até a porta para as passarelas, junto com a indiferente voz feminina repetindo a mensagem de destruição iminente.

A gravação não dizia quanto tempo tinham, mas sabia que não queria estar lá quando o relógio zerar.

Capítulo 27

A descida do elevador terminou num arranho de freios hidráulicos – e depois silêncio, assim que os motores desligaram, prendendo-as no interminável poço.

"Claire? O que –".

Claire segurou a boca de Sherry com o dedo – e ouviu o que parecia um alarme lá fora, uma repetida e abafada batida. Parecia haver uma voz também, mas Claire não conseguia entender o murmúrio.

"Vamos, meu bem, acho que o passeio acabou. Vamos ver onde paramos, tá bom? E fique perto".

Elas saíram do vagão para a plataforma, os distantes sons não mais tão distantes – e havia luz, vinda de algum lugar atrás do vagão. Claire pegou a mão de Sherry enquanto andavam rapidamente, sem querer preocupar a garota, mas certa de que era um alarme. Havia alguém falando, também, e Claire queria saber o que dizia.

O elevador tinha parado a alguns centímetros abaixo de algum tipo de túnel de serviço, a luz que viu, vinha de uma lâmpada enjaulada e pendurada no teto do túnel. Não havia porta, mas tinha um pequeno buraco no fim da passagem; dava para elas passarem agachadas.

É isso ou escalar até a superfície, provavelmente um quilômetro acima...

Sem chance. Claire ajudou Sherry a subir na passagem e depois foi sua vez, indo para a boca do buraco e agachando para o escuro. O alarme ficou mais alto ao se aproximarem, o murmúrio se transformando numa voz feminina. Ela forçou para entender, esperando ouvir "problema no elevador" ou "temporário" – Mas ainda não entendia. Elas tinham que deixar o elevador e esperar saírem num lugar melhor.

Claire virou, suspirando. "É hora de engatinhar. Eu vou primeiro, e depois –".

SLAM!

Sherry gritou enquanto algo caiu no teto do vagão atrás dela, uma forte pancada no metal que o partiu. Claire a agarrou, aproximando-a, sua respi-ração presa na garganta – e uma mão, duas mãos apareceram no buraco do teto. Dois grossos braços cobertos em sombra – e a brilhante cabeça de Mr. X ergueu-se do vagão, como uma lua morta numa noite sem estrelas.

Claire virou e empurrou Sherry para a escuridão do túnel, seu coração

martelando, seu corpo subitamente molhado de suor.

"Vai, vai, estou bem atrás de você!".

Sherry sumiu no escuro e Claire não olhou para trás, o incansável perseguidor certamente já saindo do vagão para continuar sua determinada caçada.

Ada ouviu os gritos de Annette de onde as três passarelas se juntavam. Ela se forçou a não correr para socorrer Leon, prometendo que se ouvir tiros, mudaria de idéia – mas então o lugar balançou violentamente, e a suave voz da gravação começou a falar.

Droga!

Ada se levantou furiosa com a cientista, uma parte sua doendo por Leon, sabendo o que isso significava. Annette tinha acionado a destruição, isso quer dizer que tinham menos de dez minutos para saírem de lá – e Leon não conhece o caminho.

Não, não é importante. Se ela for pegar a amostra que Annette certamente tem, precisaria ser agora. Leon não era seu problema, nunca foi, e não desistiria agora, não depois do que passou para pegar o precioso vírus de Trent.

Ada deu um passo para fora do painel central que conectava as três passarelas – e ouviu passos vindo para ela, fortes demais para serem de Annette. Ada deslizou para a sombra, para trás da passarela oeste, se escondendo.

Um segundo depois. Leon passa correndo, provavelmente voltando para onde ela deveria estar esperando por ele. Ada respirou fundo enquanto tirava-o de sua mente, e correu pela passarela sul para achar Annette.

Ada se foi.

"...foi ativado. Esta seqüência de auto destruição –".

"Cala a boca, cala a boca -". Leon falou, parado no meio da sala, seu estômago apertado, suas mãos fechadas.

Quando ela ouviu o alarme deve ter entrado em pânico e fugido. Ela devia estar andando por aí, perdida e atordoada, talvez procurando por ele enquanto a infernal voz se repetia junto com o alarme.

O elevador!

Leon foi para a porta – e viu que não estava lá, um largo e pouco fundo buraco lá fora. Ele nem tinha percebido por estar preocupado com Ada – nós temos que achar aquele túnel! Sem o elevador estamos presos!

Frustrado em silêncio, Leon virou e voltou para as passarelas, rezando para achá-la a tempo.

O pequeno túnel terminava abruptamente, sobre uma queda de pelo menos dois metros em um corredor vazio.

De ouvidos zunindo, de boca seca, Sherry agarrou as bordas do buraco, fechou os olhos e saltou. Ela pousou agachada e depois caiu, sua perna direita dobrando. Doeu, mas ela mal sentiu, levantando com as mãos e joelhos para sair do caminho, olhando para o buraco – e lá estava Claire, sua cabeça saindo, seus preocupados olhos vendo que estava bem, que o corredor era seguro... exceto por haver sirenes tocando, uma mulher falando em alto falantes, e Mr. X estar vindo.

Claire esticou o braço com a arma. "Sherry, preciso que segure isso, eu não consigo virar".

Sherry agarrou o cano, impressionada com o peso da arma. "Não aponte isso para nada". Claire disse e praticamente mergulhou do buraco, curvando o corpo e aterrissando sobre o ombro, suas pernas batendo na parede.

Antes de Sherry perguntar se estava bem, Claire já estava de pé, pegando a arma e apontando-a para a porta no final do corredor.

"Corre!". Ela disse, e começou a correr, uma mão empurrando as costas de Sherry enquanto iam para a porta, enquanto a voz as diziam que o sistema de destruição tinha sido ativado – e atrás delas, um som de metal retorcendo atravessou as sirenes, e Sherry correu mais rápido, aterrorizada.

Capítulo 28

Annette Birkin se arrastou para fora do pesado e frio metal, ainda segurando a arma, o G-virus se foi. Assim que abriu a boca para gritar de fúria, sangue correu pelos seus lábios.– meu meu meu – De algum modo ficou de pé.

Ada disse a si mesma que não merecia a boa opinião de Leon. Nunca mereceu.

Perdoe-me...

Leon voltava da área do elevador, correndo cego com medo por ela. Assim que passou pelo centro e foi para a passarela oeste, Ada saiu das sombras e apontou a Beretta para as costas dele.

"Leon!".

Ele virou, e Ada sentiu sua garganta travar com o alívio no rosto dele – forçando para não sentir nada, o sorriso dele sumindo.

Oh, Jesus, me perdoe!

"Estive esperando você". Ela disse, não se orgulhando do quanto calma estava. Do quanto fria.

Os alarmes soavam, a voz mecânica tão gelada quanto a dela, dizendo que o sistema não pode ser abortado.

"O G-virus". Ela disse. "Dê ele para mim".

Leon não se mexeu. "Ela estava dizendo a verdade" Ele falou, sem raiva mas com mais dor do que Ada queria ouvir. "Você trabalha para a Umbrella".

Ada balançou a cabeça. "Não. Para quem eu trabalho não interessa. Eu – eu".

Pela primeira vez desde criança, Ada sentiu traços de lágrimas – e de repente o odiou por isso, por tê-la feito se odiar.

"Eu tentei!". Ela lamentou, sua postura quebrada pela corrente de raiva que corria por ela. "Eu tentei te deixar, lá no galpão! E você teve que tirar de Annette, você não o deixou par trás!".

Ela viu pena no rosto dele e sentiu a fúria passar, levada por uma onda de dor – pelo que perdeu com ele; pela parte de si que perdeu a um longo, longo tempo.

Ela queria contar sobre Trent. Sobre as missões na Europa e Japão, sobre como se tornou o que era, sobre cada evento de sua miserável vida que a trouxe para cá – apontando uma arma para o homem que a salvou.

O relógio estava correndo.

"Passe ele para cá". Ela disse. "Não me faça matá-lo".

Leon olhou nos olhos dela e simplesmente disse. "Não".

Um segundo passou, e outro.

Ada abaixou a Beretta.

Leon se livrou da bala que o mataria – e Ada abaixou a arma lentamente, seus ombros caindo, uma lágrima

descendo pela bochecha de porcelana.

Leon soltou sua respiração presa, sentindo muitas coisas, tristeza, traição – uma dó pela torturante força no escuro olhar dela – foi quando um tiro badalou para fora das sombras atrás dela. Os olhos de Ada arregalaram, sua boca abriu enquanto começava a cair, a arma acertou o chão, seu corpo bateu no parapeito e mergulhou.

"Ada, não!".

Ele correu e pulou, e de alguma forma ela conseguiu agarrar a barra de metal do parapeito – enquanto ele pegava seu pulso, o corpo dela pendurado sobre a escuridão sem fundo, sangue em seu ombro.

"Ada, agüente firme!".

"Meu". Annette suspirou.

Ela ergueu a arma de novo para atirar no outro, para recuperar o que era seu, para fazê-los pagar – mas a arma estava pesada demais, estava caindo e ela junto. Juntas, elas caíram no metal escuro, o escuro, o escuro em sua mente que finalmente levou a dor embora.

Wiliam – Foi seu último pensamento antes de dormir.

O que ele quer, por que nós?

Lá, um mezanino do outro lado, a uns três metros do outro andar lá embaixo, caixotes de madeira bem abaixo da passarela.

"Por aqui!". Claire gritou, e elas correram. O calor emanava das máquinas quando chegaram no piso inferior da câmara de dois andares, enquanto Claire levantava Sherry e seguia logo atrás.

Crash!

Ela virou, viu que a grande criatura estava atravessando a porta, andando e procurando – No final da mezanino, uma porta dupla de metal. Elas correram, Claire

não pensando em nada exceto como destruir uma coisa que sobreviveu tudo isso – a porta estava destrancada, e elas saíram em outro mezanino; o calor lá era terrível – e não tinha saída.

Claire viu, depois de dar alguns passos lá dentro, que estavam no parapeito de uma casa de fundição, o borbulhante calor estourando em bolhas na piscina lá embaixo.

Ela tinha doze balas, divididas em duas armas. Claire foi para a ponta da plataforma, Sherry ao lado, o laranja elétrico do metal derretido banhando-as com sua fervura. Quente o bastante para queimar qualquer coisa...

Como? Como eu faço ele pular?

"Sherry, vá até lá!".

Ela apontou para o canto mais longe da plataforma, e Sherry balançou a cabeça, seu rosto tremendo de medo.

"Vá! Agora!". Claire gritou, e com um choro de terror, Sherry correu, seu medalhão batendo no colete – não é um medalhão – e Sherry gritou, Claire virou, Mr. X estava vindo.

Ele entrou na câmara, tão duro, grande e impossível quanto a primeira vez que o viu, a luz alaranjada tornando-o ainda mais um pesadelo.

Claire se aproximou, guardando a arma de Irons no short, o plano meio formado correndo em sua aterrorizada mente. Provavelmente não funcionará, mas ela tinha que tentar – ele me alcança, eu pulo no beiral, me seguro, ele cai – Mr. X virou seu vazio olhar para ela e deu um de seus estrondosos e calculados passos, os escuros buracos de bala em seu rosto e pescoço suavizados pela luz alaranjada – e ele virou para Sherry, ergueu os punhos e começou a andar.

"Ei! Ei, eu estou aqui!".

Claire começou a gritar, mas ele não a ouviu, não a viu, o monstruoso ser concentrado na pobre garotinha encurralada na parede, esfregando o medalhão – e Claire sabia o que ele queria. As frases de Annette e Sherry vieram juntas, formando a resposta.

G-virus, fazê-la em pedaços, amuleto da sorte – Não é um medalhão.

"Sherry, ele quer o colar! Jogue- o para mim!".

Se ela estiver errada, ambas estarão mortas. Mr. X chegou mais perto da garota, bloqueando-a da visão de Claire – e o colar, o colar do G-virus que Annette tinha dado para a filha voou pelo ar quente, caindo no chão perto de Claire.

Mr. X girou, seguindo o caminho do colar com seus olhos negros, esquecendo Sherry. Era verdade.

Boa garota!

Claire o pegou, balançando-o para o monstro. "Você quer isso?". Claire disse, as palavras saindo com fúria pelas balas gastas com ele, pelos medos que ela e Sherry tiveram. "Quer? Então venha pegar seu miserável!".

O monstro estava a uns dois metros de distância quando Claire virou e jogou o medalhão na piscina fervente, desaparecendo no metal derretido – e a super criatura que as tinha aterrorizado por aquela interminável noite foi direto para o parapeito, as barras de metal cedendo com seu peso – e mergulhou silenciosamente no gigante tonel, uma grande onda de lava respingou, espontâneas erupções de fogo dançando na escura forma do corpo que desaparecia sob o fogo derretido.

Triunfo, alívio, maravilhoso – e a fria voz da gravação mudou de repente, tirando a alegria de ver Mr. X tomar um banho de lava.

Sob o grito das sirenes – "Restam cinco minutos para alcançar distância segura. Todas as pessoas restantes devem evacuar

imediatamente. Favor, dirijam-se à plataforma de embarque. Repito, dirijam-se à plataforma de embarque.

Repito...".

Sherry estava do lado, Claire pegou sua mão e elas correram.

A dor era incrível e Ada fechou os olhos, pensando se morreria por isso.

"Ada, agüente firme! Agüenta, eu vou te levantar!".

Através das sirenes, Ada ouviu que a contagem para a detonação tinha começado. Cinco minutos.

Ele tenta me salvar, nós morremos.

A pegada de Leon era forte, sua determinação quase tão forte quanto o orgulho dela. Quase.

Ada virou o rosto para ele, viu que apesar de tudo, ele ainda queria salvá-la.

Não desta vez. Não para mim...

A vida dela tem sido sobre egoísmo, ego e ganância. Ela viu muita gente boa morrer, e durante o caminho, perdeu a habilidade de se importar – dizendo a si mesma que o esforço era uma perda de tempo e um sinal de fraqueza.

Eu estava errada. Eu fui egoísta e errada, mas agora é tarde demais.

"Leon – desça, oeste, ache a sala de carga, depois das escadas – cadeiras de espera. Você vai precisar do disco, está no meu – bolso – "Ada, eu já tenho! Disco de carga, certo, eu já tenho, eu achei – não fale, agüente aí, deixe-me ajudar!". Ele inclinou-se no parapeito, tentando manter o agarre.

Falar era um terrível esforço, mas ela tinha que terminar antes do tempo acabar.

"O código é 345. Pegue o elevador, Leon. Desça. O túnel – do trem dá para fora. Tem que – correr a toda velocidade... e cuidado com Birkin, o infectado com G-virus, ele – ele já está mudando a essa hora. Entendeu?".

Leon acenou, seu olhar azul a penetrando.

"Sobreviva". Ela disse, e era uma boa palavra, uma palavra para se cumprir. Ela estava cansada, e a missão estava preparada, e Leon viverá.

Ela soltou-se da barra metálica do parapeito, e Leon gritou seu nome, o som a seguindo para o escuro como um amargo adeus.

Capítulo 29

Sherry estava assustada, mas Mr. X estava morto. Devia ser o monstro que a procurava na delegacia, que queria parti-la ao meio – mas não havia tempo para pensar enquanto corriam pela sala dos maquinários, pelo corredor com o buraco no teto, fazendo a curva – e Sherry gritou quando um zumbi avançou sobre elas, uma criatura feita de ossos, e Claire atirou. – bang, e a cabeça branca e seca desmoronou, o corpo capotando no chão, e Claire já estava puxando Sherry para a porta no final do corredor.

Era um elevador, Sherry se jogou numa das paredes depois que Claire a empurrou para dentro, tentando recuperar o fôlego enquanto Claire apertava os botões. Depois de correrem de Mr. X, a descida de elevador foi suave.

"Nós vamos conseguir". Claire disse. "Só mais um pouco".

Sherry acenou, seu coração pulando mais forte enquanto a voz dizia que restavam quatro minutos para se safarem.

Leon sentiu como se não soubesse levantar e andar. A visão do bonito rosto dela um segundo antes de se soltar... ela se foi. Ela está morta.

Ele pegou a Beretta do chão, ainda estava quente com o toque dela – e estava leve demais, leve porque não estava carregada. Nem o clip estava lá, ela nunca quis machucá-lo; ela estava mentindo, ela mentiu o tempo todo.

"... quatro minutos para alcançar a mínima distância segura. Todas as pessoas restantes devem evacuar imediatamente. Favor, dirijam-se para a plataforma de embarque...".

Ele tinha quatro minutos para ficar longe o bastante e cumprir o último pedido de Ada.

Ele se levantou e virou para a porta – e parou, tirando o pequeno tubo cheio do líquido roxo da bolsa. Ele sabia que não tinha tempo, mas só levou um segundo para levar o braço para trás e arremessar a amostra o mais forte que podia, querendo-a o mais longe possível.

Se o laboratório é o responsável por tantas mortes, que o G-virus queime com ele.

"Isso!".

A porta do elevador abriu – e havia um trem, um trem subterrâneo brilhando, o

escuro túnel à esquerda. O trem estava escuro e silencioso, não a máquina ligada e trêmula que Claire esperava ver, mas ainda era o veículo de fuga mais bonito que já tinha visto.

Com Sherry grudada em seu braço, elas foram para a composição de três vagões, os alarmes ainda soando, ecoando pela enorme estação. A voz já informava que elas tinham três minutos para alcançar uma distância segura.

Entrando no trem, Claire percebeu e nem se importou com a ausência de assentos. A cabine de controle estava à esquerda.

"Vamos colocar essa coisa na estrada". Claire disse, e o brilhante olhar de esperança no sujo e cansado rosto de Sherry, fez o coração de Claire partir, só um pouco.

Oh, meu bem...

Claire subiu os degraus para a cabine, prometendo a si mesma que carregaria Sherry pelo túnel caso o trem não funcionasse. Qualquer coisa para não quebrar aquele frágil olhar de esperança.

O código e o disco de verificação abriram a porta como Ada disse, a larga porta abrindo-se em um curto corredor.

Com três minutos sobrando, Leon correu pelo corredor cheio de símbolos de risco biológico, e achou a sala de carga.

Ele não tinha tempo de parar e olhar, seu foco era pegar o elevador antes que não fosse possível escapar com vida. Leon correu para o fundo da avermelhada sala, achando os controles da larga porta do elevador e apertando para descer, pronto para entrar – e nada aconteceu, exceto por uma fileira de pequenas luzes – umas vinte talvez – que começaram a se apagar em cima da porta. Bem devagar.

Leon apertou o botão novamente, parecia levar minutos entre os andares.

"Jesus!". Ele virou, querendo gritar se for ter esperar muito – e pela primeira vez deu uma olhada no lugar. As duas largas estantes que corriam o comprimento da sala continham um tipo de "carga" bem específica – e apesar dos seis tubos de vidro em cada estante não conterem nada além de um claro fluído vermelho, Leon sentiu calafrios só de olhar. Cada cilindro podia comportar um homem adulto, e o fez imaginar para que foram construídos.

Não importa, eles vão explodir em alguns minutos.

Ele virou para o elevador, quase feliz por estar bravo e frustrado, por sentir algo além de perda – e o teto sobre a porta do elevador começou a tremer e rachar...

Leon recuou, apontando sua arma para o sólido painel de metal enquanto vinha ao chão – e o monstro do elevador-locomotiva aterrissou na sua frente, a mesma criatura demoníaca que machucou Ada, que devia tê-lo matado – Birkin – ? – e pelo jeito que inclinou a cabeça e gritou, Leon podia dizer que veio para terminar o serviço.

O trem estava pronto, estava ligado e pronto para partir – mas parecia que o portão do túnel estava com defeito; um painel cheio de luzes verdes e uma única vermelha, insistindo que o portão fosse aberto manualmente.

Dois minutos para alcançar distância segura.

Não vai dar, nunca conseguiremos – "Fique aqui". Claire disse e saiu para verificar, rezando para que não fosse nada.

Leon virou e correu enquanto o monstro começava a ir em sua direção, cada poderosa passada estremecendo a câmara, os ecos de seu terrível grito ainda nítidos.

Pense!

A espingarda não foi suficiente, ele tinha que atirar em algum lugar vulnerável, os olhos, use a Magnum.

Leon voltou para a porta de entrada. Ele girou e atirou, mirando no rosto da criatura – mas o rosto estava mudando de novo, a boca caindo enquanto gritava. Grandes e tortos espinhos de dente escorreram do que sobrou da boca, do alto de seu pulsante peito – e quando outro grito explodiu de sua garganta, Leon viu dois novos braços brotarem dos lados. Os membros formaram posições, cotovelos travando, grossos dedos com garras crescendo.

Bam-bam-bam!

Os tiros se agruparam, explodindo na fina pele sobre o olho esquerdo. O monstro rosnou, desta vez de dor, e Leon viu lascas de ossos e líquido arroxeado se espalharem.

Ele sacudiu a cabeça para todos os lados, expelindo mais líquido, se agachando como um sapo mutante – e saltou no ar, para cima e para a direita, parando numa das fileiras, grunhindo como um animal.

Droga, como ele fez aquilo – Leon não conseguiu ver os olhos, nada além de suas costas enquanto descia – mas estava mudando de novo, pôde ouvir sons quebrantes e ver os pedaços da espinha erguerem através da carne de suas costas.

Ele não queria ver no que iria se transformar, mas o elevador ainda não tinha chegado e só faltavam dois minutos.

Leon recarregou e atirou no que podia ver – uma forma com seis pernas, uma forma que não era mais humana.

O tiro acertou um de seus ombros, fazendo a criatura pular. A besta voltou ao chão como uma aranha, caindo a alguns centímetros na frente de Leon. O peito tinha se transformado numa parede de estranhos dentes, espinhos que abriam e fechava enquanto respirava – e quando gritou de novo, foi como um demônio, como o grito de milhares de almas morrendo.

Leon acertou dois tiros no buraco de dentes e se afastou. Sob as constantes sirenes ele ouviu o claro e animado pin da chegada do elevador.

Claire correu para a frente do trem, olhando para a série de alavancas e botões na parede do túnel, franzindo e abaixando a alavanca vermelha e branca. Ela ouviu o som metálico em algum lugar na frente do trem e correu para a porta – quando ouviu metal de novo – o som de metal sendo partido e martelado, vindo de algum lugar atrás do trem.

Não, de jeito nenhum.

Ela olhou para o final do trem, além das barras do portão fechado – e ouviu um som como ossos no cimento, um som que se repetia.

Passos.

Claire correu para a porta, sabendo que não podia ser Mr. X, não mesmo – ele foi derretido, se foi, e elas não tinham mais o G-virus – e ela viu o movimento por detrás das grades. Algo alto, filetes de fumaça enrolando na escuridão atrás das grades – e o forte cheiro de queimado. Ele saiu da sombra, na direção da parte de trás do trem, erguendo os punhos – *BAM!* – e o vagão tremeu enquanto Claire percebia que era Mr. X, ou o que tinha sobrado dele – e que certamente era um demônio vindo direto do inferno.

Ela tinha combinado onze balas no elevador; não vai ser suficiente mas era tudo o que tinha.

Claire apontou a arma de Irons, imaginando se esse será o fim.

Leon correu em volta da prateleira à sua direita, voltando para o elevador, e houveram galopantes passos bem atrás, ele não podia parar.

Outra curva e de volta para o meio da sala – e ele foi atingido nas costas, uma borrachenta e quente carne que o levou ao chão.

Leon rolou quando a coisa ficou em cima dele, seus dentes intencionados a furar seu crânio. O grande olho ainda estava lá, no ombro, olhando para ele – e Leon

descarregou a arma no queixo da criatura, gritando, esvaziando os pesados cartuchos na cabeça do monstro.

A besta gritou, cambaleando, caindo para o lado. Leon se levantou como um raio e correu para o elevador aberto. O enorme animal ainda estava gritando enquanto Leon entrava no elevador e virava, apertando o controle para descer – e viu a besta se mexer, mudando, gritando enquanto também virava para o elevador. Ele ganhava velocidade a cada passo, a porta se fechando lentamente, a criatura quase voando agora – e Leon tinha a espingarda em suas mãos, engatilhando uma bala e atirando. O tiro acertando o peito e parando a criatura. – e a porta fechou, Leon estava descendo, e só restava um minuto.

Capítulo 30

BAM!

Sherry sentiu o trem balançar violentamente.

Claire!

Ela correu para a porta, lembrando que Claire disse para não sair e não se importar; ela não sabia o que era ou o que podia fazer para ajudar, mas não poda ficar parada – *BAM!* – e o carro balançou de novo, o chão tremendo sob seus pés. Sherry alcançou a porta e apertou o botão de abrir.

A porta abriu – e lá estava Claire apontando a arma para algo que Sherry não conseguia ver, algo atrás do trem.

O olhar de Claire passou por Sherry.

"Não saia! Feche a porta!". Claire gritou com medo e pânico.

Sherry tocou o botão e hesitou, com medo por Claire, querendo ver o que era – olhe rápido – e ela colocou a cabeça para fora, por um segundo, procurando a fonte do medo de Claire. Um cheiro de química e carne queimada encheu a plataforma, vindo de – Sherry gritou quando o viu, quando viu o esfarrapado e carbonizado monstro que sacudia o trem logo depois do portão. Ela viu seu gigante punho acertar o metal do vagão, mas era a cara dele que atraia o olhar de Sherry.

Mr. X.

A pele estava queimada, toda ela. Fumaça emanava de sua cabeça, mas os olhos ainda estavam vivos – vermelho e pretos e quentes com a fumaça, mas ainda bem vivos.

"Sherry! Feche agora!". Claire gritou sem tirar os olhos do monstro.

Sherry apertou o controle, a porta fechando enquanto Claire começava a atirar.

O elevador descia mesmo, mas não como Leon imaginava, a larga plataforma descia lentamente em ângulo, luzes alaranjadas nas escuras paredes.

"... agora quarenta segundos para alcançar a mínima distância segura...".

"Vai vai vai – ". Leon suspirou. A voz tinha parado de mencionar a plataforma de embarque, só fazendo anúncios de dez em dez segundos.

Chegar até aqui e morrer por causa de um elevador lento... ele não podia aceitar isso. Ele passou por muitas coisas, o acidente com Claire, os monstros, Ada,

Birkin – ele tinha que conseguir, ou será tudo por nada.

Não parecia haver chão debaixo do elevador, ou ele já teria descido a pé.

"... vinte segundos para alcançar...".

Leon começou a tremer, tensão correndo por seus músculos, ficando difícil ele respirar. O que é distância segura?

Quanto tempo até a explosão depois que aquela voz dizer zero?

O trem terá que ser rápido. E ele tinha dez segundos para alcançá-lo, e o elevador continuava descendo sem pressa pela escuridão.

A porta fechou e Sherry estava a salvo. Por enquanto.

Claire não podia esperar machucar a criatura, mas pelo menos distraí-la o bastante para fugir. Ela queria ter ensinado os simples controles do trem para Sherry, queria que o veículo já estivesse se movendo, levando Sherry para a segurança – mas eu não ensinei e nós temos que ir AGORA.

A mensagem já contava os dez segundos finais para a distância segura. Mr. X dava outra pancada no trem

enquanto Claire mirava e atirava.

Cinco tiros, quatro deles acertando o material que constituía a região onde uma orelha devia estar. O quinto foi longe enquanto as pancadas ecoavam pelo lugar e a coisa que foi Mr. X virou para ela.

O que foi agora?

A gravação a distraiu por uma fração de segundo e Mr. X deu um passo na direção dela, um monstruoso passo que o tirou das sombras.

"... três. Dois. Um. Distância mínima agora requerida. A autodestruição ocorrerá em cinco minutos. Restam cinco minutos para a detonação".

Os alarmes ainda tocavam, mas pelo menos a voz tinha parado. Ela mal tinha percebido, seus olhos fixados na criatura. Apesar das camadas queimadas e enfumaçadas, a pele dele não tinha perdido elasticidade; o material avermelhado ainda contraia como músculos de verdade. Parecia um gigante pelado que se arrastou para fora de um prédio em chamas – e se sofreu com o banho de metal derretido, ela não podia ver. Outro passo e os braços foram ao alto, o portão de barras foi partido, as barras de metal caindo no concreto do chão.

Pelo menos ele está devagar – Claire correu para a porta do trem, ainda com medo, mas o monstro era lento e poderoso, só que incapaz de se mover de verdade –

e de repente, Mr. X não estava mais andando. A criatura curvou a cintura, os joelhos – e se lançou do chão num dinâmico bote, seus pés deformados o impulsionando a toda velocidade.

Claire não pensou. Ela desviou para a direita evitando o ataque, correndo o mais rápido que podia. Ele quase a pegou, os reflexos dele mais rápidos do que rápido – como se perder a pele o tivesse libertado. Assim que ela pulou o portão destruído e entrou nas sombras, ela ouviu o arranhar de garras no cimento, viu que Mr. X tinha descido seu braço bem aonde ela estava um segundo atrás.

Ele a teria partido – mas por que, sem o G-virus, sem razão – Claire correu mais na escuridão enquanto os alto-falantes informavam quatro minutos restando.

"Restam agora quatro minutos para a detonação...".

Droga droga droga!

Quando pensou em ter um ataque de frustração, o elevador parou. Leon agarrou a fechadura da grossa cancela de metal, querendo correr – Ele saiu num corredor. E não haviam sinais dizendo qual direção seguir.

Direita ou esquerda?

Esses segundos de hesitação poderiam ter lhe custado a vida.

Ele ouviu uma vez que quando na frente de uma escolha, as pessoas instintivamente escolhem a direção da mão dominante. Com a sorte que teve nesta noite em Raccoon, ele decidiu ir para o outro lado.

Esquerda. Leon correu, pensando se deveria se incomodar.

Não muito longe do portão, Claire viu uma passarela que passava sobre o trem, as escadas escondidas na sombra – e ela ouviu Mr. X atrás. O terror a dirigiu, seus pés mal tocavam o chão – e os passos ficaram mais altos, mais rápidos, ouviu as garras dele rasgarem o cimento. Ela tinha um segundo antes daquela mão a acertar – e ela virou de novo, jogando-se na escuridão do lado da escada. Mr. X passou voando, ela sentiu o vento da mão em suas pernas enquanto caia no chão.

Ela ignorou a dor de seu cotovelo no cimento, levantando-se e procurando o monstro no escuro.

Ele pode ver, me ver?

A mão dela achou uma parede à direita. Ela estava no espaço debaixo da escada, e não sabia onde o quieto e impossível X estava; a falta de luz não ajudaria se ele pudesse enxergar.

Ela correu as mãos pela parede e achou um interruptor. Ao apertá-lo, a textura do escuro mudou quando a fraca luz veio de cima – e ela viu o monstro a menos de quinze metros, bem quando virava, seu olhar procurando – e a achando. A marcando. O único som era o de sua pele rachada – até dar um passo para a escada.

Seis ou sete tiros, acerte os olhos – Claire saiu rapidamente de lá e ergueu a arma de Irons, apertando o gatilho, recuando para a escada.

Bam-bam-bam – e X se posicionava para mais um ataque, os tiros penetrando em seu rosto, dois deles ricocheteando em seu crânio. – *bam-bam* – Ela estava na escada, subindo um degrau, as balas inúteis, Mr. X começando sua corrida. Ele estará nela antes de poder virar, antes de subir os degraus – eu vou morrer – mas pelo menos eu o machuco antes – Mr. X deu um passo – dois passos poderosos, diminuindo a distância entre os dois enquanto Claire mirava, determinada a fazer os últimos tiros valerem a pena. Ela morreria e seu único arrependimento seria por Sherry, só desejava que ela pudesse incapacitar o pesadelo X antes de morrer.

Ela atirou, e o olho esquerdo do monstro explodiu.

Isso!

Mr. X foi para a direita; não parando, mas também não indo para ela – mas ainda acertará a base da escada – muito perto! – ela tinha que tentar o outro olho e só tinha dois segundos – Claire mirou, achou o olho, e – *click!* – estava sem balas, e o monstro estava chegando na base da escada, o cheiro de carne queimada enquanto erguia sua gigante mão, e seu grande e terrível corpo era tudo o que conseguia ver.

Claire tropeçou e rolou a escada de ferro, seu corpo como uma bola – e gritou quando as garras da mão de X rasgaram sua coxa esquerda através do corrimão, e a distante voz dizendo que tinham três minutos.

Capítulo 31

Ele pegou o caminho errado. As curvas o levaram para um depósito – sem saída.

"Restam três minutos para a detonação".

Leon virou e voltou por onde veio, forçando-se a correr com o que parecia o resto de suas forças.

Claire parou no chão, na base da escada e ficou de pé, sangue correndo pela perna num quente pulso de dor. Ela correu, nada quebrado – mas ela sabia que isso era o começo do que ele fará com ela, uma prévia da dor real.

Mr. X ainda estava inclinado no corrimão da escada, mas assim que ela correu para o portão quebrado, o monstro ficou a postos. Ele virou para ela, o buraco em seu olho jorrando um escuro líquido – mas ele vai se recuperar e partir para ela como a máquina impiedosa que era. Não há nada que possa pará-lo.

Pelo menos eu morro na explosão – Claire passou pelo metal retorcido do portão, mau se equilibrando, sangue pingando no chão enquanto dava outro passo, por favor, que seja rápido – "Aqui, use isso!".

Claire girou, viu Mr. X se posicionando para mais um ataque – e viu uma silhueta bem acima, na passarela sobre o trem. Uma voz de mulher, forma de mulher, a sombra jogando algo – quem – aquilo caiu no chão, entre ela e Mr. X. era metal, e prateado – ela já viu nos filmes, era uma metralhadora – e Claire correu. Outra última esperança, outra chance para ela e Sherry sobreviverem.

Ela alcançou a arma, viu X se jogando ao encontro dela, o trovão de seus passos vibrando o chão – e ela ergueu a pesada arma, recuando, sua mão trêmula achando o gatilho, seu corpo acomodando-se com a arma. Firme no chão, braços encurvados em volta do metal, mirando – por favor por favor – O monstro estava a alguns passos quando o jato de balas saíram da arma, um chocalho de pequenas explosões que balançavam o corpo inteiro de Claire – e mergulharam no corpo da besta, a força de tantas balas parando-o e empurrando-o para trás.– *tatatatatatatatata* – A vibração parecia tentar se libertar do agarre dela. Ela mau ouvia seus próprios choros de dor e fúria enquanto as balas furavam o abdômen dele com tal rapidez e velocidade.– e Mr. X tentava andar, mas algo estranho e bom estava acontecendo. Sua barriga estava sendo rasgada pelas balas, fluídos escuros descendo por suas pernas. A boca dele estava aberta, um buraco em um de seus olhos – também sangrando.– *tatatatatata* – Claire continuou, vendo a criatura tentando se manter de

pé. Vendo-o sangrar.

Com as balas ainda voando, Mr. X ergueu os braços – e partiu no meio.

Claire tirou o dedo do gatilho quando a parte de cima dele caiu no chão, um molhado som de carne pesada – e as pernas tombaram, mais sangue estranho saindo das partes formando piscinas. A criatura estava morta, e mesmo se não estivesse, não importava mais. Só se conseguir se arrastar mais rápido do que ela. Sua batalha já tinha terminado – para o inferno com tudo isso, não há tempo, VAMOS!

Claire correu, ignorando o sangue em sua bota e a dor que o causava, seu olhar procurando a estranha salvadora. Ninguém estava lá, e ela não sabia se outro minuto tinha passado, o alerta perdido com os tiros.

"Ei!". Claire gritou, indo para o trem.

"Nós temos que ir agora!".

Sem resposta, nenhum som exceto o zumbido em seu ouvido e o eco das palavras. Se ela quer salvar Sherry...

Claire virou e correu.

"– dois minutos para –".

Leon correu mais rápido. Ele já perdeu a conta das curvas do corredor, e as esperanças também, uma voz lhe dizendo para parar, sentar e descansar – quando ele ouviu um fraco ruído.

O som de um maquinário pesado ganhando vida em algum lugar à frente. Não muito longe.

Trem!

Mais rápido, pernas distantes e moles, pulmões trabalhando, coração pulando – de algum modo ou de outro, estava quase acabado.

Capítulo 32

Claire entrou no trem com um rifle gigante e uma perna coberta de sangue, mal parando para tocar os controles da porta antes de correr para a cabine. Sherry sabia que estavam com problemas e não perguntou nada, ela a seguiu, aliviada por Claire estar bem.

Ela está bem e já estamos indo...

Uma fraca versão da voz dos alto-falantes soou na pequena cabine de comando.

"Restam dois minutos para a detonação".

Claire soltou a arma e apertou os botões, sua atenção fixada no console. De repente, um grande som mecânico as envolveu, um crescente motor que fez Claire bater os dentes. Sherry não sabia se foi um sorriso, mas Claire sorriu quando o trem tremeu – - e começou a se mover, tirando-as da plataforma.

Claire virou, viu Sherry atrás dela, e tentou sorrir. Claire tocou o ombro da garota, mas não disse nada – nem Sherry, esperando ver o que aconteceria.

O trem ganhou velocidade, passando por alguns corredores e plataformas mal iluminadas, o túnel à frente escuro e vazio.

O calor da mão de Claire a fez lembrar de que eram amigas, que seja qual for o futuro disso, Claire era sua amiga – e ela viu um homem, um policial aparecer bem à frente, à esquerda, e o trem estava passando por ele, seus olhos largos e desesperados em seu sujo rosto.

"Claire!".

"Estou vendo ele –".

Claire viu e correu para a porta, abrindo-a.

"Leon!". Ela gritou. "Vamos!".

Ela entrou de repente, uma parede passando, parecendo tão desesperada quanto o homem – Leon parecia.

Depois de um segundo ela virou e fechou a porta.

"Ele conseguiu?". Sherry perguntou, vendo que Claire não poderia saber.

Claire foi até ela e a envolveu em seu braço enquanto o trem acelerava e sua face se cobria de preocupação – e a voz disse que restava um minuto – e a porta de trás do vagão abriu. Leon apareceu, seu braço atado com um pano manchado, seu

cabelo duro com uma escura meleca, seus olhos azuis brilhando sob a máscara de sujeira.

"Destruição total!". Ele gritou. Claire acenou e Leon suspirou fundo. Ele foi até elas, o trem voando pelo túnel, e abraçou Claire.

"Ada?". Claire cochichou. "Ann – a cientista?".

Leon balançou a cabeça. "Não. Eu não – não". Sherry viu que ele queria chorar.

"Trinta segundos para a detonação. Vinte e nove... vinte e oito...".

A voz da mulher continuou contando, os números parecendo duas vezes mais rápidos do que deveriam, e Sherry enterrou a cabeça em Claire, pensando na mãe. Mamãe e papai. Ela esperava que tivessem conseguido, que estivessem à salvo – mas provavelmente não.

Sherry podia ouvir o coração de Claire e a apertou mais, ouvindo o policial se aproximar delas.

"... cinco. Quatro. Três. Dois. Um. Seqüência completada. Detonação".

Por um segundo não houve som. O alarme finalmente parou sobrando apenas os movimentos do trem – e então houve uma explosão, um som abafado, um shoomp que continuava crescendo, ficando maior.

Sherry fechou os olhos e o trem chacoalhou de repente, terrivelmente, e todos eles foram para o chão de metal.

Uma brilhante e queimada luz piscou pela janela enquanto o som de batidas de cano explodiram em volta deles, pesadas pancadas choveram no teto – e o trem continuou indo, a luz sumiu e eles não estavam mortos.

O cegante flash dissipou-se, e Leon sentiu a tensão em seu corpo. Ele olhou para o lado e viu Claire sentando-se, pegando a mão da jovem garota ao lado dela.

"Tudo bem?". Claire perguntou e a menina acenou. Ambas olharam para ele, sentindo o que ele sentia – choque, exaustão, descrença e esperança.

"Leon Kennedy, esta é Sherry Birkin". Claire disse, sem enfatizar o "Birkin". Ele entendeu a mensagem e acenou antes de sorrir para a garota.

"Sherry, este é Leon,". Claire continuou. "eu o conheci quando cheguei em Raccoon".

Sherry retribuiu o sorriso, um sorriso bem adulto que parecia fora do lugar; ela era muito jovem para sorrir daquele jeito.

Mais uma proeza da Umbrella, a inocência roubada de uma criança.

Por alguns segundos eles ficaram lá sentados no chão, sorrisos sumindo. Leon mal ousou pensar que tudo estava acabado. De novo, ele viu seus sentimentos espelhados nas sobrancelhas preocupadas de Sherry e nos cansados olhos de Claire – foi quando eles ouviram um distante ranger de metal vindo da parte de trás do trem, ele não se sentiu surpreso. Um cedente e rasgante arranhão – seguido por uma pesada pancada – e depois nada.

Sabia que não tinha acabado – "Zumbi?". Sherry cochichou, as palavras quase perdidas no suave balançar do trem.

"Eu não sei, meu bem". Claire disse suavemente, e pela primeira vez, Leon percebeu que a perna dela estava cortada, sangue saindo de vários arranhões.

"Que tal eu dar uma olhada?". Leon disse, tentando não assustar Sherry. Ele se levantou acenando para a perna de Claire.

"Sherry, fique aqui com Claire, fique de olho naquela perna? Vou ver se acho alguma atadura enquanto dou uma vasculhada, não deixe-a se mover, tá bom?".

Sherry acenou, e novamente um aceno muito maduro para a idade dela. "Tá".

"Eu volto num minuto". Ele disse, e virou para a porta de trás do trem, rezando para que não seja nada enquanto empunhava a Remington.

Leon abriu a porta, os sons do trem se amplificando por um segundo, e depois fechou a porta.

Claire não o viu entrar no próximo vagão de onde estava; se houver mais alguma coisa no trem, nenhum deles estará a salvo – não pense assim, está acabado – como está para Mr. X?

"O que eu faço?". Sherry perguntou. "Pressionar, né?".

Claire acenou. "É, só que nós estamos bem sujas, e acho que está começando a coagular. Vamos ver se Leon volta com algo limpo...".

Os pensamentos dela voltaram para Mr. X.– G-virus. Antes ele queria o G-virus.

Por que Mr. X foi para a plataforma do trem? Por que ele queria entrar no trem, a não ser que – Claire forçou para se levantar, lutando contra a tontura e a dor na perna.

"Ei, não se mexa". Sherry disse. "Leon falou para ficar parada."

Claire podia superar seus problemas físicos, mas ver Sherry no cume do pânico era demais; se tiver G-virus no trem e por isso Mr. X voltou, Leon terá que enfrentá-

lo sozinho. Ela não podia deixar Sherry. Se Leon não voltar, ela terá que desengatar o trem ou tentar pará-lo – Claire cessou os pensamentos, forçando um sorriso. "Sim, senhorita, eu só queria ver se ele já tinha entrado no outro vagão...".

Ela viu o alívio no rosto de Sherry. "Ah. Bom, então esqueça, pois eu estou cuidando de você agora, e eu digo que você não se mexe".

Claire acenou, esperando estar errada, que Leon voltasse a qualquer segundo – Seja lá quem projetou o veículo de fuga, pensava que os funcionários da Umbrella fossem transportados que nem sardinha – Seja lá quem for, não devia ser pior que a coisa na sala de carga, a coisa Birkin. Só de pensar que a criatura tinha a ver com Sherry, era preocupante, até mesmo obsceno. Um monstro e uma maluca, ambos pais de uma garotinha...

Ele chegou no fim do segundo vagão e espiou pela janela da porta, esquecendo os pensamentos enquanto tentava ver alguma coisa no último vagão. Estava escuro e nada mais.

Droga.

Talvez não seja nada, mas ele tinha que olhar.

Ele respirou fundo e abriu a porta, recebendo a brisa do exterior, se segurando na grade de apoio. Não devia ser nada, mas parecia ruim, errado.

Ele abriu a próxima porta e entrou na escuridão. Imediatamente ele ergueu a espingarda, seus sentidos dizendo para correr quando a porta fechou. Ele recuou e procurou o interruptor de luz. Além do escuro, havia um forte cheiro de água sanitária ou cloro, e um suave som de molhado, de movimento – Uma única lâmpada acendeu no meio do vagão, e por um momento pensou ter perdido a consciência.

Uma coisa. Uma criatura que estava longe de humana, exceto pelo pulsante tumor em um lado, uma lisa bola que mais parecia um olho.

Birkin.

A criatura era gigante, borbulhando uma escura pasta, expandindo seu volume até ocupar a largura do vagão.

Leon não sabia o quanto alto era. Birkin tinha grossas caudas estendidas, tentáculos de uma massa elástica e úmida, presa em toda parte do espaço à sua frente – no teto, paredes e no chão. E enquanto Leon olhava, a besta se moveu para frente, os escuros membros contraindo, levando o corpo para alguns centímetros à frente de onde estava.

É loucura, mas ele estava vendo, vendo as cores preta, verde e roxa em seus

tentáculos enquanto se esticavam de novo, o material viscoso o puxando mais alguns centímetros. O corpo era nada mais do que uma caverna que ainda tinha dentes – -e que iria alcançá-lo em breve se não esquecer o nojo da cena.

Leon mirou no grande buraco da boca dele e puxou o gatilho, carregando outra bala, atirando, carregando, atirando – - e a espingarda ficou vazia, o gigante continuando a se aproximar.

Ele não sabia como matá-lo, não sabia se as balas o machucaram. Sua mente correu para achar uma resposta.

Ele podia desengatar o último vagão – mas a coisa ainda continuaria viva. Vivendo e mudando na escuridão do túnel, se tornando algo novo – Os tentáculos se esticaram de novo e Leon voltou para a porta. Ele tinha que desconectar os carros, não havia outra escolha – a não ser – Ele hesitou, depois sacou a Magnum e mirou na criatura, no estranho tumor, o olho que estava em todas as formas que Birkin já teve.– *BAM!*

O efeito foi imediato, a bala perfurou a esfera – e um hiss veio de sua boca circular cheia de dentes afiados, um som único na Terra. A carne dentro dele contraiu, ficando escura, murchando – e a coisa implodiu, encolhendo rapidamente, virando uma massa escura e um quarto do tamanho que tinha, derretendo numa borbulhante poça de meleca arroxeada.

"Engula isso". Leon cochichou, olhando por alguns momentos, sem pensar em nada – e virou para se juntar às duas, para dizer que tinha acabado.

Primeiro dia de trabalho.

"Eu quero um aumento". Ele disse, para ninguém e não pôde conter o sorriso em seu rosto, um cansado sorriso que sumiu rapidamente... mas pelos segundos que durou, Leon se sentiu melhor do que há muito tempo atrás.

Leon estava de volta, e havia encontrado um macacão, que ele rasgou em pedaços e usou para cobrir a perna de Claire. Tudo o que ele disse foi que agora eles estavam salvos, apesar de Sherry tê-lo visto e Claire lançou-lhe um olhar – um daqueles olhares do tipo "não-devemos-falar-disso-agora". Sherry estava muito cansada para levar a mal.

Ela aconchegou-se nos braços de Claire, Claire alisando seu cabelo, nenhum dos três falando. Não havia nada a dizer, pelo menos não por enquanto. Eles estavam vivos, num trem correndo através da escuridão – e de algum lugar não muito distante, uma luz suave surgindo, vindo da janela da cabine de controle e Sherry pensou que se parecia muito com a luz da manhã.

Epílogo

Eles viram a explosão 16 quilômetros de fora da cidade, uma nuvem negra que se ergueu na luz da manhã pendurando-se sobre Raccoon como uma terrível tempestade – ou um sonho ruim, Rebecca pensou, ou uma lembrança. Umbrella.

Ela não disse alto, porque não era necessário. John e David não estiveram na mansão de Spencer, mas souberam do que a Umbrella era capaz em Caliban.

Ninguém falou quando David acelerou o carro, seus dedos apertados no volante. Desta vez, John não fez piadas.

Todos sabiam que era ruim; antes de Jill, Chris e Barry partirem para a Europa, Jill os disse sobre a suspeita de outro acidente, e pediu que ficassem alerta. Quando as linhas telefônicas ficaram mudas, eles carregaram a van e deixaram o Maine para ver o que podia ser feito. A única pergunta é a de quantas pessoas morreram desta vez.

Talvez este seja o fim. Uma explosão como aquela... a Umbrella não vai esconder isso tão fácil, não se tiver tão ruim quanto parece.

John finalmente quebrou o silêncio. "Autodestruição?".

David suspirou. "Provavelmente. E se houve um vazamento, nós não entraremos; nós circularemos a cidade e depois chamaremos ajuda de Latham. A Umbrella com certeza já está mandando sua equipe de limpeza".

Rebecca acenou junto com John. Eles não eram mais parte do S.T.A.R.S., mas David já foi capitão, e por um bom motivo.

Eles caíram no silêncio, o amanhecer tocando as árvores que passavam pela van, Rebecca imaginando o que eles encontrarão – quando ela viu as pessoas andando na estrada, balançando os braços.

“Ei –”. Ela começou a falar quando David já pisava nos freios, se aproximando das três figuras. Um policial de atadura no braço e uma jovem mulher de shorts, ambos armados, e uma garotinha de colete rosa grande demais para ela. Eles não estavam infectados, ou pelo menos não mostravam sinais que Rebecca pudesse ver – mas eles pareciam. Com suas roupas rasgadas e seus pálidos rostos sob a sujeira, eles com certeza podiam ser confundidos.

"Eu falo". David, disse, seu sotaque britânico bem firme, emparelhando com os sobreviventes de Raccoon.

David abriu a janela e desligou o motor, o jovem policial adiantando um passo enquanto a mulher colocava seu pegajoso braço no ombro da menina.

"Houve um acidente, em Raccoon". Ele disse. Mesmo cansados e feridos, havia uma cautela no tom do policial, sugerindo o quanto ruim estavam as coisas. "Um terrível acidente. Você não quer ir lá, não é seguro".

David franziu. "Que tipo de acidente, policial?". Foi a jovem mulher que respondeu. "Um acidente da Umbrella". O policial acenou e a garotinha loira enterrou seu rosto no corpo da mulher.

John e Rebecca trocaram um olhar, e David destravou as portas.

"Mesmo? Esses costumam ser do pior tipo". David disse gentilmente. "Nós ficaremos felizes em ajudar se quiserem, ou podemos chamar ajuda...".

Era uma pergunta. O policial olhou para a mulher e voltou para David. Ele deve ter visto algo no rosto de David que passou confiança; ele acenou e chamou a mulher e a garota para se aproximarem.

"Obrigado". Ele disse, a exaustão finalmente vindo. "Se você puder nos dar uma carona estará ótimo".

David sorriu. "Por favor, entrem. John, Rebecca – vocês os ajudam...?".

John pegou alguns cobertores lá atrás enquanto Rebecca pegava o kit médico, cuidando para não descobrir os rifles perto do estepe.

Acidente da Umbrella...

Rebecca pensou no quanto sortudos foram por terem sobrevivido.

Eles começaram a falar mesmo antes de David fazer o retorno – e em pouco tempo, eles descobriram ter muito em comum. Enquanto a menina dormia, eles voltaram por onde vieram, deixando a cidade em chamas para trás.

* * *

(Nota 1) Maine – Estado localizado na costa leste dos E.U.A.

(Nota 2) De Lorean – Carro conhecido mundialmente por ter sido a máquina do tempo nos filmes da trilogia "De volta para o Futuro".

(Nota 3) Delicatessen – Casa de comestíveis; mercearia.

(Nota 4) Spade Key – Espadas. Referência aos naipes do baralho: Heart = Copas; Diamond = Ouros; Spade = Espadas; Club = Paus.

(Nota 5) Taxidermia – Arte de empalhar animais.

(Nota 6) Derrota Segura – Método para impedir ataque atômico equivocado.

(Nota 7) Epinefrina – Sinônimo de adrenalina. Endorfina – Analgésico. Anfetamina – medicamento vaso-condutor e estimulante.

(Nota 8) Têmpora – Osso lateral superior da cabeça.

(Nota 9) Freelance – Autônomo(a).

(Nota 10) Bolsar – Bolso de vestido.

Table of Contents

Folha de Rosto
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Epílogo
Notas